# FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.081 SEGUNDA-FEIRA, 25 DE JULHO DE 2022 R$ 5,00

Eduardo Knapp/Folhapress

## NÃO À MATERNIDADE POR MEDO DO RACISMO

Mulheres negras, como Evelyn Daisy de Carvalho de Sousa, relatam o temor de ver um filho sofrer violência e discriminação como justificativa para desistir de engravidar Cotidiano B3

# Explode número de armas em estados bolsonaristas

Registros novos por habitante são o dobro nas unidades da federação onde presidente venceu nas eleições de 2018

O registro de armas novas feito pela Polícia Federal cresceu mais nos estados nos quais o presidente Jair Bolsonaro (PL) venceu no segundo turno das eleições.

De 2018 a 2021, o número de armamentos novos passou de 39 mil para 163,7 mil nas 16 unidades da federação que preferiram Bolsonaro —uma alta de 320%, contra um aumento de 223% nos 11 estados nos quais Fernanda Haddad (PT) venceu.

A disparidade é mais evidente ao se analisar o registro de novas armas no primeiro semestre de 2022 em relação aos habitantes de cada estado. A população dos locais em que Bolsonaro venceu em 2018 soma 145,3 milhões, o que indica uma arma nova para cada grupo de 1.700 pessoas. Entre os 68 milhões de moradores dos estados nos quais Haddad ganhou, há um novo registro a cada 3.600 pessoas.

Ou seja, em 2022, há duas vezes mais armas por pessoa registradas nos estados nos quais o presidente saiu vitorioso em 2018.

Um mote da gestão Bolsonaro tem sido a facilitação da compra de armas pela população. O governo federal já editou 19 decretos, 17 portarias, duas resoluções, três instruções normativas e dois projetos de lei que flexibilizam as regras de acesso às armas. Cotidiano B1

## Oficializado candidato, Bolsonaro ataca STF

A convenção nacional do PL oficializou, neste domingo (24), o presidente Jair Bolsonaro como candidato à reeleição e o ex-ministro da Defesa Braga Netto, a vice. Em Maracanãzinho tomado de verde e amarelo, o presidente chamou apoiadores a irem às ruas "uma última vez" no 7 de Setembro e fez ataques ao STF. Política A4

ANÁLISE
*Fábio Zanini*

### Presidente sinaliza discurso normal, mas não se aguenta

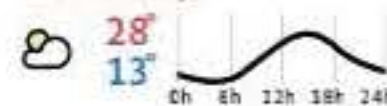
Parecia que Jair Bolsonaro (PL) faria um discurso "normal" de candidato, falando bem de seu governo e mal dos adversários, ainda que usando termos duros. Mas ele não se segurou e teve que atacar o Supremo e jogar desconfiança sobre as urnas. Política A6

O presidente chegou ao Maracanãzinho, no Rio, com a primeira-dama, Michelle, que também discursou na convenção nacional do PL Eduardo Anizelli/Folhapress



ATMOSFERA

São Paulo hoje 28° 13°

Amanhã 14° 27° | Quarta 13° 27° | Quinta 14° 29°

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

### Governo estuda flexibilizar regras de fundos estatais

O governo Jair Bolsonaro (PL) prepara projeto de lei que altera regras de funcionamento da previdência complementar de servidores e dos fundos de pensão das estatais, que administram R$ 1,17 trilhão. Alcance das mudanças gera controvérsias. Mercado A11

### PT quer bancos públicos como fiador de empresas

O plano de governo de Lula (PT) deverá prever o uso de BNDES, Banco do Brasil e Caixa para retomar o crescimento, por meio de fundo para garantir empréstimos. Mercado A12

ENTREVISTA DA 2ª
Ynaê L. dos Santos

Ricardo Borges

### Visibilidade não diminui violência contra negras

Para a historiadora e autora do livro "Racismo Brasileiro - Uma história da formação do país", houve avanço, mas mulheres negras continuam atravessadas por violências da sociedade patriarcal e racista. B2

*Marcus A. Melo*

### *A urna que emancipa*

Com a cédula criada em 1955, a exigência de escrever o nome dos candidatos teve efeito avassalador para o eleitorado analfabeto. A introdução da urna eletrônica foi instrumento que emancipou "de facto" o eleitorado pobre. Opinião A2

### Empresários gestam manifesto pró-democracia

Em meio aos ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL), empresários se articulam para reafirmar confiança no sistema eleitoral em texto a ser publicado na terça (26). Mercado A13

Ilustrada C1

### Espírito Literário

Romance "A Vida Futura" mostra o encontro dos fantasmas de Machado de Assis e José de Alencar com grupo que deseja reescrever suas obras no século 21.

Esporte B7

Sucesso de atletas combate preconceito a estigmatizados, como muçulmanos

Folhainvest A16

Venda de jogador, royalties musicais e obras de arte viram criptoativo acessível

### Brasil sofre para levar saúde mental aos extremos

Após mais de 20 anos da reforma psiquiátrica que levou ao fim dos manicômios e à construção e capilarização da rede pública, país tem serviços desiguais e subfinanciados para enfrentar uma explosão de transtornos psíquicos durante a pandemia. Saúde B4

### Gafes de Biden geram debate sobre inaptidão

Nas últimas semanas, o presidente Joe Biden, 79, errou leitura de teleprompter e disse por engano ter câncer. As falhas do democrata viraram munição para republicanos, que o caracterizam de senil e inapto ao cargo. Mundo A9

opinião



**FOLHA DE S.PAULO**
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

**PUBLISHER** Luiz Frias
**DIRETOR DE REDAÇÃO** Sérgio Dávila
**SUPERINTENDENTES** Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
**CONSELHO EDITORIAL** Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
**DIRETOR DE OPINIÃO** Gustavo Patu
**DIRETORIA-EXECUTIVA** Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Marcelo Benez (*comercial*), Anderson Demian (*mercado leitor e estratégias digitais*) e Everton Fonseca (*tecnologia*)

João Montanaro

EXPONDO A FRAUDE ELEITORAL

# EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## Gargalo pós-Covid

**Deterioração da saúde mental na pandemia requer mais médicos para tratar do sofrimento humano**

Já desde bem antes da pandemia, a saúde mental despontava como um dos principais gargalos do SUS. A Covid-19 e sua cascata de efeitos diretos e indiretos pegam uma situação ruim e a agravam.

Pesquisas mostraram que pacientes que se recuperaram de uma internação pelo coronavírus tiveram seu risco de ser acometidos por doenças psiquiátricas aumentado. O panorama dos poupados das hospitalizações não é muito melhor.

Isolamento social, lutos e desemprego, afinal, levam a mais ansiedade, depressão e consumo de álcool e drogas, o que afeta a saúde mental. O dado que mais preocupa é o acentuado aumento dos suicídios.

Nos últimos 20 anos, seu número no Brasil dobrou, passando de cerca de 7.000 ao ano para 14 mil. É mais do que o total de motociclistas mortos em acidentes, na casa dos 12 mil. Esse movimento pode até esconder uma outra notícia.

O índice de suicídios no Brasil, e na América Latina, era muito inferior à média mundial, de forma até um pouco suspeita. Por razões culturais e religiosas, as pessoas, médicos inclusive, escondiam as reais causas do óbito, contribuindo para uma enorme subnotificação. Nos últimos anos, porém, o tema passou a ser tratado de forma mais transparente. É possível que parte do aumento reflita uma melhora na qualidade dos registros.

A má notícia é que as razões culturais e religiosas, que funcionavam também como um freio às tentativas de tirar a própria vida, se tornaram menos atuantes.

Ainda não é possível ligar a alta dos suicídios à Covid-19, mas é bastante provável que isso venha a ocorrer no futuro próximo. Os números já mostram um aumento nos casos de depressão que pode ser correlacionado à epidemia.

Pesquisa da Vital Strategies, da Universidade Federal de Pelotas, mostrou que os adultos com diagnóstico de depressão saltaram de 9,6% no período pré-pandêmico para 13,5% no primeiro trimestre deste ano. Não há dados para a dependência, mas pesquisas apontam para um aumento do consumo de álcool. Depressão e dependência são duas das afecções mentais mais presentes entre suicidas.

O suicídio, vale lembrar, é o mais trágico dos desfechos de transtornos mentais, porém não o mais comum. Para cada tentativa, há um número significativamente maior de pessoas em sofrimento e que precisariam de tratamento.

O SUS, como já ocorria antes da Covid, tem enorme dificuldade em atender a essa demanda. Basta lembrar que, dos 433 mil médicos em atividade no Brasil, apenas 12 mil (2,8%) são psiquiatras. É preciso qualificar os profissionais de outras especialidades para lidar com os casos psiquiátricos menos complexos.

## Assédio arquivado

**Faltam à administração federal mecanismos para receber denúncias e punir servidores**

Quando ocorrem casos de assédios moral e sexual, mulheres não possuem um canal efetivo para denunciá-los. A conclusão faz parte de um estudo para o Banco Mundial a fim de analisar os mecanismos de denúncias adotados por estados brasileiros e que agora foi estendido para o Executivo Federal.

Segundo a autora, a advogada e consultora para equidade de gênero Myrella Jacob, quando há vias para reportar casos de assédio, a impunidade tem sido a regra.

O estatuto que regulamenta a disciplina dos servidores federais, a lei 8.112/90, não prevê o assédio como infração específica e nem como conduta passível de punição; e há diversos canais de denúncia, o que pode dispersar o encaminhamento e colocar o caso nas mãos de agentes pouco capacitados.

De 2017 para 2019, segundo dados da Controladoria Geral da União coletados na pesquisa, o número de processos administrativos disciplinares sobre queixa sexual saltou de 12,6% para 48,8% entre os casos de assédio, sendo que a maior parte foi encerrada sem punição. O trabalho remoto ajudaria a explicar a redução das denúncias nos anos seguintes, apesar da subnotificação ser uma constante neste tipo de evento.

O caso mais notório nos últimos meses foi o do ex-presidente da Caixa Econômica Federal Pedro Guimarães, acusado por funcionárias de assédio sexual e moral. O executivo pediu demissão no final de junho, logo após as acusações virem a público. Em depoimento à **Folha**, uma das funcionárias do banco afirmou que foi puxada pelo pescoço por Guimarães e ouviu palavras de cunho sexual.

Após a renúncia de Guimarães, o conselho de administração da Caixa decidiu contratar uma auditoria externa para apurar as denúncias de assédio, e a nova presidente do banco, Daniella Marques, disse ser inaceitável a violência contra mulheres.

Assédio sexual pode se dar por meio de condutas físicas, verbais, e até não verbais, explícitas ou não. Embora a punição deva acompanhar estratégias de prevenção e educação, permitir o devido encaminhamento de denúncias e responsabilizar os funcionários públicos por tais atos deveria ser a regra.

Isto requer mudança da cultura organizacional, previsão de canais específicos e maior paridade de gênero em diversos níveis da administração federal — e o país está longe de cumprir quaisquer destas metas.

## Bolsonaro é vexame mundial

**Lygia Maria**

Não entendo como alguém sente orgulho de ser paulista, baiano, brasileiro etc. Como é possível sentir orgulho de algo para o qual não contribuí? Afinal, apenas por uma aleatoriedade nasci nesta terra em que tudo cresce e floresce. Adoro futebol, samba e feijoada, mas sentir orgulho já é demais.

Curioso é que o mesmo não se passa com a vergonha: semana passada, senti uma vergonha danada de ser brasileira.

O presidente convocou uma reunião com embaixadores para dizer que a nossa democracia é uma farsa. Escancarou-se, para o mundo, sua loucura e burrice. Só alguém desconectado da realidade divulga teorias da conspiração, e é preciso ter déficit cognitivo acentuado para não perceber que apontar fraudes nas eleições deslegitima o processo em que ele mesmo foi eleito. Um vexame mundial.

Mas a vergonha não surge agora. Quem não se lembra do chefe de Estado dando entrevista com microfones sobre uma prancha de surfe? Depois, vieram fotos tomando Nescau com camiseta de time, comendo churrasquinho derrubando farofa no chão, xingamentos à imprensa, falas criminosas na pandemia.

A base dessas quebras de protocolo e de decoro é típica do populismo: o aliciamento das massas a partir da exaltação de um estereótipo de povo. Dessa forma, qualquer disparate do político é justificado pelo eleitorado: "É um homem do povo!", "É gente como a gente!"

Assim é o culto paradoxal à personalidade populista: aproximação simbólica e imagética com o povo que gera admiração quase religiosa.

Esse mecanismo não é exclusividade da direita. Na América Latina, abundam políticos com imagens míticas ou paternais, e é quase impossível ser eleito sem chafurdar na lama populista.

O Brasil está atolado nela há décadas, mas parece agora que nos superamos. Bolsonaro é o epítome do "homem-massa", do filósofo Ortega y Gasset: "Não é que o vulgo pense que é excepcional e não vulgar, mas sim que o vulgar proclama e impõe o direito à vulgaridade".

## Seu voto tem poder

**Ana Cristina Rosa**

No ritmo atual, o Brasil poderá demorar 20 anos para alcançar a paridade racial e 144 anos (quase um século e meio!) para atingir a paridade de gênero na política. Uma vergonha que sintetiza as bases estruturantes racistas e machistas de um país de maioria autodeclarada negra e feminina, segundo o IBGE.

É o que mostra o estudo "Desigualdade de gênero e Raça na Política Brasileira", da Oxfam Brasil e do Instituto Alziras, a partir de dados do TSE sobre o perfil dos candidatos e dos eleitos em 2016 e 2020.

Pela primeira vez, a maioria das candidaturas a vereador foi de pessoas negras (51,5%), sendo eleitos 45,1%. Desses, só 6,3% são mulheres. Graças a "distorções no processo de recrutamento e seleção de candidaturas pelos partidos", 88% das prefeituras são comandadas por homens, 57% dos municípios não contam com vereadoras negras e 18% não têm sequer uma mulher na Câmara.

Neste 25 de julho, Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra – data instituída (lei 12.987) para homenagear "a liderança feminina mais conhecida dos quilombos coloniais do Brasil" segundo a Enciclopédia Negra (de Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Moritz Schwarcz) e as brasileiras oprimidas pelo simples fato de ser quem são – pergunto: por que mulheres negras são as principais vítimas da violência política no país?

Uma das respostas possíveis está ligada à adoção de um projeto de nação distante de ter sido pensado para todos. Outra, ainda mais abrangente, traz em seu âmago a convicção equivocada de que política não é lugar de mulher, muito menos daquelas que mais se distinguem de quem está no poder.

Como disse à **Folha** a cientista política Mona Lena Krook, "é uma mensagem para todas: 'Você não pertence a esse espaço, isso vai acontecer se você tentar participar da política...a solução é o aumento da conscientização... não é aceitável." Lembre-se, seu voto tem poder.

## 007 nos ganhou em 1 segundo

**Ruy Castro**

James Bond, com 26 ou 27 filmes até agora, deve ser a série mais bem sucedida do cinema. Não sei de outra franquia nas mãos da mesma empresa por 60 anos. Como muita gente, aderi a Bond desde o primeiro, "O Satânico Dr. No" (1962, rebatizado anos depois como "007 Contra o Satânico Dr. No"), mas só lhe fui fiel até "Com 007 Viva e Deixe Morrer" (1973) ou coisa assim. Já então a necessidade de cada filme superar o anterior em efeitos especiais, explosões e gadgets tornara-os impróprios para maiores de 13 anos, e eu estourara a idade. Nunca mais vi nenhum.

Bond nos ganhou logo a um segundo de jogo em "Dr. No", com os títulos de Maurice Binder (as luzes em cores que se tornavam a mira da pistola) e o tema composto por Monty Norman, com o riff de guitarra, então modernissimo, e o arranjo de cordas e big band. Pelo que sei, as luzes e o tema acompanharam Bond para sempre, mesmo que estilizados, mantendo a unidade da série. Binder morreu em 1991. Norman se foi no dia 11 último.

Ao contrário de Binder, designer brilhante, autor também dos títulos de "O Sol por Testemunha" (1960), "Barbarella" (1968) e muitos outros filmes, Monty Norman nunca mais fez nada importante. Nem precisou —só o uso de seu tema em tudo que se referisse a Bond iria sustentá-lo pelo resto da vida. O problema é que, já no segundo filme, "Moscou Contra 007" (1963), ele esteve a pique de perder a música.

John Barry, responsável pela trilha deste e dos 007 seguintes, incorporou "The James Bond Theme" aos seus próprios temas. Para todos os efeitos, ficou sendo seu autor e, espertamente, não se lembrava de desmentir. Norman levou anos disputando-o na Justiça até ser reconhecido.

O tema de Bond foi ouvido pela primeira vez na estréia de "Dr. No" em Londres, na noite de 5 de outubro de 1962. Poucas horas antes, chegara às lojas o primeiro compacto dos Beatles: "Love Me Do". Que dia, hein?

## A urna que emancipa

**Marcus André Melo**

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

"Estão falsificando a Acta", gritaram apoiadores de Joaquim Nabuco na Igreja Matriz de São José, onde se realizava a votação em 1884. Ato contínuo a multidão chacinou o fiscal do Partido Conservador e seu sobrinho; o abolicionista José Mariano saiu ferido do episódio.

A repercussão foi tamanha que o imperador escreveu 13 cartas a respeito do "affair" em três semanas. As atas registraram a vitória, por um voto, do Conselheiro Portella, adversário de Nabuco, tendo a Justiça determinado um segundo escrutínio. Nele, Nabuco triunfa. No entanto, foi "degolado" a bico de pena no processo parlamentar de reconhecimento.

Na sequência, o gabinete Dantas, que propunha a abolição da escravidão sem indenização, foi derrubado por uma moção de desconfiança por apenas dois votos. Novas eleições e uma solução: o partido oferece a vaga de deputado do 5º. Distrito (agreste de Pernambuco) a Nabuco, que concorre e é eleito. O episódio é descrito por Carolina Nabuco em "A Vida de Joaquim Nabuco".

Sim, no Império e na República Velha as eleições eram marcadas por violência e fraudes diversas: eleitores fantasmas ("fósforos"), cédulas ("chapa de caixão") e envelopes ("sobrecartas") falsos; idem atas eleitorais. Mas, ao contrário do que o regime varguista propagandeou, não era muito diferente nas atuais democracias no século 19.

A independência dos eleitores aumentou após o Código Eleitoral (1932), com o voto secreto (cabine eleitoral) e a gestão das eleições para a Justiça Eleitoral. O alistamento tornou-se obrigatório, mas não o voto, o que só aconteceu com o Código de 1965.

Paradoxalmente, a medida reforçou a manipulação do eleitorado analfabeto (majoritariamente rural até a década de 70), que votava a despeito da proibição formal. Isso explica porque, ao contrário do que ocorreu nos EUA no período das leis "Jim Crow", as oligarquias nunca se opuseram à inclusão da massa da população no sistema eleitoral; afinal, podiam manipulá-la.

A mudança crucial ocorreu a partir de 1955, com a introdução da cédula oficial substituindo a fornecida pelos partidos. A nova cédula exigia que os eleitores escrevessem o nome dos candidatos.

O impacto foi avassalador para o eleitorado analfabeto: os votos inválidos para deputado federal chegaram a 41% em 1990. Entre 1980 e 2000, o Brasil ostentava o título do campeão de votos inválidos na América Latina.

A introdução da urna eletrônica muda radicalmente as coisas: em 2000, os votos inválidos caíram de 41% para 7,6%, um recuo de 82%. A EC 25/85, que garantiu o voto dos analfabetos foi simbólica; a urna foi um instrumento que emancipou "de facto" o eleitorado pobre.

# TENDÊNCIAS / DEBATES



## *Por que decidi votar no PT pela primeira vez*

Entre a esquerda e a direita, escolherei a vida e a democracia

**Gustavo Ioschpe**
Empresário e economista, é mestre em desenvolvimento econômico pela Universidade Yale (EUA)

Nunca votei no PT. Participei das passeatas a favor do impeachment de Dilma Rousseff, revoltei-me com o mensalão e o petrolão e não tenho afinidade ideológica com o partido. Apesar desse histórico, em outubro votarei com tranquilidade em Lula, no primeiro turno. A escolha é fácil. Explico-me.

A primeira função de governos é zelar pela vida das pessoas. Na formulação clássica de Thomas Hobbes, a vida em um estado natural, sem organização política, é "pobre, sórdida, brutal e curta". Nossos líderes devem se esforçar para que não padeçamos de mortes evitáveis ou sofrimentos desnecessários. Além de garantir a nossa integridade física, eles precisam se empenhar pela sobrevivência do corpo político que nos preserva.

Bolsonaro vai contra tudo isso. Ele é um entusiasta da morte, da violência. É um destruidor de todas as instituições que importam para o nosso futuro: das nossas florestas às nossas escolas, passando pela nossa cultura e desaguando nos próprios pilares da democracia, que ele continuamente achincalha, como o Judiciário, a imprensa livre e o processo eleitoral (que o elegeu!).

Esse desdém pelo outro, claro durante a sua carreira, foi escancarado durante a pandemia. Nosso presidente fez troça da "gripezinha", insistiu para que as pessoas tocassem as suas vidas sem máscaras. Quando o tratamento veio, Bolsonaro, que não é Messias, nos deixou para trás no recebimento de vacinas.

Teve chance de se redimir na vacinação das crianças; de novo, boicotou o esforço. Nem com os nossos pequenos ele se enternece. Os resultados estão aí: quase 700 mil mortos, o 14º país com mais mortes per capita no mundo, quase quatro vezes maior do que a média mundial.

Poderia me estender na longa lista de crimes e patacoadas perpetrados por Bolsonaro para justificar a decisão de não votar nele, mas é desnecessário. Deveria bastar o descaso com a vida alheia para que qualquer político fosse banido. O que requer explicação são aquelas pessoas que ainda pensam em apoiar esse celerado depois de quatro anos de catástrofes em série. Tenho ouvido três explicações/argumentos.

O primeiro grupo de bolsonaristas se identifica com os seus "valores". As aspas são merecidas: Bolsonaro não é um bom cristão (você consegue imaginar Jesus ou o papa fazendo arminha com a mão e pedindo para enlutados pararem com o 'mimimi'?) nem um liberal (é preciso ler livros para defender uma ideologia, e ninguém há de acusar o mito de já ter dado essa fraquejada).

Se você acredita que Bolsonaro compartilha os seus valores, ou você está se enganando sobre quem você é, ou está sendo enganado sobre quem ele é.

> [...]
>
> Esta não é uma eleição normal. A escolha é entre aquele que nos fará chegar a um lugar indesejado versus um piromaníaco que está tacando fogo no navio

O segundo grupo é o daqueles com ojeriza à corrupção e que acredita que o governo Bolsonaro é honesto. A aparência de seriedade, porém, é mais fruto da supressão das instituições investigativas do que de uma possível conversão do centrão.

De resto, a ausência de prisões até agora se deve ao fato de que a corrupção foi legalizada. Em um verdadeiro golpe de mestre do patrimonialismo, o que era mensalão virou orçamento secreto.

Por último, há o grupo que quer barrar o PT por receio de sua sanha gastadora, que faria o país degringolar até virar a próxima Venezuela. Vai que os petistas decidem declarar estado de emergência só para poder furar o teto de gastos e aprovar despesas eleitoreiras a poucas semanas do pleito, não é mesmo?

Lula na Presidência está longe de ser meu cenário ideal. Em uma eleição normal, a gente escolhe o capitão que vai levar o barco para o porto de destino que desejamos. Mas esta não é uma eleição normal. A escolha é entre aquele que nos fará chegar a um lugar indesejado versus um piromaníaco que está tacando fogo no navio.

Os eventuais erros do governo petista podem ser sanados na gestão seguinte. Todavia, mais quatro anos de Bolsonaro devem gerar uma destruição em tantas áreas que perderemos uma geração.

Nas últimas eleições, eu anulei meu voto. Ambas as candidaturas me pareciam inapoiáveis. Em retrospecto, vejo que errei. E não repetirei o erro. Entre a esquerda e a direita, escolherei a vida e a democracia.

## *Uma outra Amazônia é possível*

No momento mais crítico da floresta, é urgente lutar por sua conservação

**Oded Grajew, Chico Whitacker e Luiz Marques**
Idealizador do Fórum Social Mundial, é conselheiro do instituto Cidades Sustentáveis
Arquiteto e ativista social, foi secretário-executivo da Comissão Brasileira de Justiça e Paz
Professor colaborador do departamento de história da Unicamp

Em Belém, entre os dias 28 e 31 de julho, terá lugar a 10ª edição do Fórum Social Pan-Amazônico (Fospa). Congregando associações e movimentos sociais dos nove países amazônicos, o encontro contará com participação ativa também de organizações de todos os continentes.

A iniciativa deste fórum remonta a 2002, mas se consolida quando da 9ª edição do Fórum Social Mundial (FSM), realizada em Belém em 2009. O FSM nasceu como uma resposta democrática ao Fórum Econômico Mundial de Davos e ao longo de mais de 20 anos de atividades e de encontros anuais vem fortalecendo seu chamamento à ideia de que um outro mundo é possível.

A 10ª edição do Fospa retoma essa convocação: uma outra Amazônia é possível, e mais que nunca necessária, pois sua floresta e suas civilizações encontram-se no mais crítico momento de sua história.

Entre 2004 e 2012, as taxas de desmatamento amazônico diminuíram em mais de 80%. Desde então, voltou a crescer, atingindo números brutais sob Bolsonaro. Entre 2019 e 2021, o Inpe registrou a remoção de 34.215 km² de floresta primária na Amazônia. Uma área de floresta bem maior que a do estado de Alagoas (27.768 km²) perdeu-se para sempre em apenas três anos. De aliada no combate à emergência climática, a floresta está morrendo e se convertendo em fonte de carbono, acelerando o aquecimento global.

É imperativo deter a devastação e restaurar a floresta. De imediato, superado o desastre Bolsonaro, é preciso restaurar a governança na região. Em 2021, a taxa registrada de mortes violentas intencionais no Pará chegou a 32,5 por 100 mil habitantes e a 41,7 no Amapá, quase o dobro da média nacional (22,3).

O Fospa conclama a sociedade brasileira e a comunidade internacional a despertarem para a centralidade planetária da Amazônia. Trata-se da região biologicamente mais rica do mundo. Dos 17 países megadiversos do planeta em espécies endêmicas, 5 são amazônicos. O Brasil está no topo dessa lista global.

> [...]
>
> A conservação desse imenso patrimônio natural e civilizacional é condição sine qua non da estabilidade do clima, da conservação da biodiversidade planetária e, portanto, da sobrevivência do projeto humano

A biodiversidade não é apenas o encanto que precisamos preservar. Da conservação da floresta e de sua biodiversidade depende nossa viabilidade como sociedade. Como reiteram Antonio Donato Nobre e outros cientistas do Inpe, as regiões ao sul da floresta amazônica seriam propensas à desertificação, não fosse o aporte de massas de vapor de água, os chamados "rios voadores", provenientes da floresta. Sem ela, a chuva no Sudeste brasileiro continuará a se reduzir, pondo em risco a agricultura, os reservatórios das hidrelétricas e mesmo o abastecimento de água.

A Amazônia que queremos é também aquela que conta com a admiração de todos por sua riqueza civilizacional. É imensa a força da cultura material e simbólica dos povos que a habitam imemorialmente e que conservam ainda cerca de 50 das 125 línguas isoladas no mundo.

Do coração da Amazônia virá em breve, novamente, o apelo do Fospa, a que devemos todos responder, pois a conservação desse imenso patrimônio natural e civilizacional é condição sine qua non da estabilidade do clima, da conservação da biodiversidade planetária e, portanto, da sobrevivência do projeto humano.

# PAINEL DO LEITOR



O presidente Bolsonaro fala na reunião com embaixadores, em Brasília, na qual propagou mentiras sobre o sistema eleitoral 21 jul 22/Reprodução

### Itamaraty abalado

"Bolsonaro consolida enfraquecimento do Itamaraty com mentiras a embaixadores" (Mundo, 23/7). Bolsonaro passará, mas a ideologia bolsonarista do "desmonte tudo" continuará nos 25-30% da população. Um processo de "desbolsonarização" terá de ser pensado.
**Luiz Eduardo Cantarelli** (Belo Horizonte, MG)

★

Thomas Shannnon, ex-embaixador dos EUA no Brasil, põe os pontos nos is ("Bolsonaro estudou Trump e parece preparar terreno para questionar eleições", Mundo, 24/7). Deixa bem claro que, em caso de ruptura institucional, o país se tornaria um pária mundial.
**Moisés Spiguel** (Campinas, SP)

★

"Dipromacia de coroné" foi lindo, seu Elio, de tão feio que fica ("Cercadinho dos embaixadores é apogeu da diplomacia palaciana de coronel", Elio Gaspari, 24/7).
**Marcos Benassi** (Valinhos, SP)

### Licença para atirar

"Após episódios de violência, pessoas buscam registro para atirar" (Cotidiano, 23/7). Isso é reflexo de uma sociedade doente, egoísta, cheia de ódio, sem valores. A direitalha está acabando com o país, destruindo famílias, impondo destruição, medo, violência e mortes.
**Edgar Alves** (Itapira, SP)

★

Num país onde as pessoas bebem e vão dirigir, furam fila, não respeitam as leis, jogam lixo na rua... Com arma em punho, essas pessoas são mais uma ameaça do que uma proteção a si mesmos. Não sei se 10% de quem tem arma no Brasil possui preparo psicológico para tê-la.
**Paulo Santos** (Esplanada, BA)

★

Na ótica da esquerda, só quem não pode ter arma é o cidadão de bem, condenado a ser uma eterna vítima nas mãos desse tipo de gente. O bandido, eterno protegido da esquerda, viola a vida, bens e a liberdade do povo e só pode cumprir pena após sentença definitiva do STF.
**Olavo Cardoso Jr.** (Marília, SP)

### Lewandowski

"Eleitores brasileiros não são cordeiros diante do ataque dos lobos às urnas eletrônicas" (Tendências/Debates, 24/7). Parabéns, ministro! O senhor me representa, bem como a todas as pessoas democráticas, inteligentes e justas.
**Regina da Silva Mariano** (Goiânia, GO)

★

Reescrevi a fábula, que começa assim: "Aí o lobo falou para o carneirinho: 'Você está sujando a minha água'. O carneirinho respondeu: 'Estou, e daí? Vai encarar?'". Segue longa lista de humilhações para o lobo. Espero que, na próxima eleição, sejamos como o carneirinho da minha fábula.
**Luiz Fernando Schmidt** (Goiânia, GO)

### Ciência e democracia

"Como a ciência pode nos ajudar a fortalecer a democracia" (Tendências/Debates, 24/7). São imprescindíveis as palavras dos dirigentes da SBPC, mas funcionariam dentro de uma lógica seguida por humanos, não pelos que nos governam no momento.
**Adilson Roberto Gonçalves** (Campinas, SP)

### Show de horrores

No Maracanãzinho, Bolsonaro dá mais um show de horrores ("Bolsonaro, oficializado candidato, ataca STF e chama apoiadores para 7 de Setembro", 24/7). No lugar de apresentar um plano de governo, preferiu atacar o STF e elogiar o que há de pior na política brasileira, como os líderes do centrão. Incendiário que é, convoca suas milícias para "irem às ruas pela última vez" no Dia da Independência. Que seja mesmo pela última vez.
**Paulo Panossian** (São Carlos, SP)

★

Uma candidatura militar. Uma chapa puro-sangue de filhotes da ditadura! O suposto profissionalismo, já residual, de vez foi ao ralo. O auxílio robusto de Lula e do PT, seus erros crassos em 2014 e 2018, estenderam o tapete vermelho à volta dos golpistas de 1954, 1961 e 1964 ao poder.
**Alberto A. Neto** (Fortaleza, Ceará)

### Tumulto em outubro

"Tumulto em outubro é tão importante para Bolsonaro quanto apoio de militares" (Bruno Boghossian, 23/7). As Forças Armadas dão mais indícios que estarão junto de Bolsonaro num eventual golpe do que contra ele. Instituições, Congresso e o povo precisam se colocar contra isso veementemente. Se continuar essa inércia, ficaremos muito vulneráveis a um golpe e, pior, em câmera lenta.
**Vinícius Chaves** (São Paulo, SP)

### Caixa

A degradação da Caixa Econômica Federal está no contexto da intensa deterioração institucional do governo, que se notabiliza pela corrupção, fisiologismo, imoralidade e crimes. O próximo governo tem de resgatar o Brasil tanto do fracasso do liberalismo econômico, que gerou miséria, quanto da corrosão institucional, que tende a apodrecer o Estado.
**Antônio Beethoven Cunha de Melo** (São Paulo, SP)

### Bebel Gilberto

Como brasileiro, me senti pisado ("Sambando na bandeira: Bebel Gilberto pede desculpas e diz que vídeo foi editado", F5, 23/7).
**Leônidas Galbas Santos** (Joaíma, MG)

★

Não é preciso raciocinar para saber que pisar a bandeira agride a nacionalidade, portanto essa senhora não passa de uma idiota.
**Agostinho Sebastião Spinola** (São Paulo, SP)

### Casagrande

Que felicidade ler o artigo de estreia do Casagrande ("Posso às vezes não jogar bem, mas amarelar ou pipocar, nunca!" (Esporte, 23/7). Um talento como ele não fica disponível no mercado por muito tempo, e a **Folha**, meu "time" do coração, foi rápida nessa grande contratação.
**Rineu Santamaria Filho** (Monte Alto, SP)

★

Aplaudo o bom início do novo contratado da nossa casa. Que nunca perca o ritmo nem a melodia.
**Luiz Carlos Alonso** (Santos, SP)

★

É uma pena esse viés político partidário, **Folha**. Casagrande sempre foi petista declarado e está na casa certa.
**Otávio de Queiroz** (São Paulo, SP)

# política

## PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

### Pra Frente, Brasil

Ao chamar apoiadores a darem a vida pela liberdade na convenção do PL, o presidente Jair Bolsonaro deu a senha de que quer uma campanha baseada em emoção. "Ele falou com o coração", diz Tarcísio de Freitas, candidato ao governo de SP. A expectativa é que a eleição, mais o Bicentenário da Independência e o clima pré-Copa embalem um grande movimento verde e amarelo. "Tudo isso vai exacerbar o patriotismo", diz o ex-ministro Gilson Machado, que disputa o Senado em Pernambuco.

**CADÊ?** Duas figuras centrais na convenção de 2018 não deram as caras no evento deste domingo (24). Ministro do GSI, o general Augusto Heleno cantou, na ocasião, a musiquinha "se gritar pega o centrão, não fica um meu irmão". Quatro anos depois, o centrão controla áreas-chaves do governo.

**SUMIDA** Já a deputada estadual Janaína Paschoal (PRTB) ficou ao lado de Bolsonaro no palco em 2018 e chegou a ser cotada para sua vice. Hoje afastada do bolsonarismo, ela disputa eleição para o Senado tendo como um dos adversários o ex-ministro Marcos Pontes (PL), apoiado pelo presidente.

**SE CONSAGRA** A organização da convenção inovou ao instalar o "karaokê do capitão", um estúdio em que era possível cantar o jingle "Capitão do Povo". A deputada federal Carla Zambelli (PL-SP) foi uma das primeiras a participar. Havia ainda um pequeno espaço para aqueles que quisessem fazer dancinha para aplicativos como o Tik Tok.

**NOVO FOCO** O PT debate ainda de forma incipiente trocar o nome do Auxílio Brasil, principal aposta de Bolsonaro para a reeleição, e remodelar o programa para dar um caráter mais abrangente. Inicialmente, a intenção não é resgatar o Bolsa Família, mas escolher algo que passe a ideia de uma ação social mais ampla.

**ENSINAR A PESCAR** A avaliação é de que o atual nome passa ideia de transferência de renda. O programa a ser adotado em um governo petista reforçará a necessidade de contrapartidas, como a matrícula de crianças na escola, e focará na construção de portas de saída.

**TÁ MARCADO** A mais recente edição do MDBCast, podcast do MDB, traz trechos da reunião da Executiva do partido que aprovou a data de 27 de julho para realização da convenção que deve homologar a senadora Simone Tebet (MS) como candidata. Ala do MDB que apoia o ex-presidente Lula (PT) ameaça judicializar o evento.

**MEU FUSO** No trecho da reunião, realizada em 15 de julho, o presidente nacional do MDB, Baleia Rossi (SP), abre a possibilidade de participantes opinarem sobre a data. O deputado Flaviano Melo, presidente do MDB Acre, questiona o horário escolhido para início da convenção, 9h —7h no Acre. O começo é adiado para 10h.

**VOLTA, TEMER** O podcast traz trechos da entrevista concedida por Michel Temer ao UOL em que ele fala sobre a senadora. "O nome da Tebet já está consolidado no MDB", diz. "Aí eu reconheço (...) muita gente pleiteia que eu assuma a candidatura. Mas eu não tenho essa disposição."

**PRÉ-NATAL** O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), vai lançar um projeto em que, por meio do cruzamento das bases de dados da Saúde e da Educação, as vagas nas creches serão reservadas para crianças antes ainda de nascerem, durante a gestação.

**PROMESSA** A iniciativa constava no plano de governo de Bruno Covas (PSDB), morto em 2021, e Nunes. "São Paulo tinha, anos atrás, uma fila de mais de cem mil crianças aguardando vaga na creche. Hoje zeramos essa fila e ainda estamos garantindo a vaga das crianças já na barriga das mamães", diz Nunes ao Painel.

com Guilherme Seto, Juliana Braga e Danielle Brant

### Cláudio

GRUPO FOLHA
**FOLHA DE S.PAULO** ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

**Redação São Paulo**
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
**Ombudsman** ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
**Atendimento ao assinante** (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
**Assine a Folha** assine.folha.com.br | 0800-015-8000

| EDIÇÃO DIGITAL | Digital Ilimitado | Digital Premium |
|---|---|---|
| DO 1º AO 3º MÊS | R$ 1,90 | R$ 1,90 |
| DO 4º AO 12º MÊS | R$ 9,90 | R$ 9,90 |
| A PARTIR DO 13º MÊS | R$ 29,90 | R$ 39,90 |

| EDIÇÃO IMPRESSA | Venda avulsa seg. a sáb. | Venda avulsa dom. | Assinatura semestral* Todos os dias |
|---|---|---|---|
| MG, PR, RJ, SP | R$ 5 | R$ 7 | R$ 827,90 |
| DF, SC | R$ 5,50 | R$ 8 | R$ 1.044,90 |
| ES, GO, MT, MS, RS | R$ 6 | R$ 8,50 | R$ 1.318,90 |
| AL, BA, PE, SE | R$ 9,25 | R$ 11 | R$ 1.420,90 |
| Outros estados | R$ 10 | R$ 11,50 | R$ 1.764,90 |

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

**CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)**
352.428 exemplares (junho de 2022)

Jair Bolsonaro com a primeira-dama, Michelle, em evento neste domingo, no Rio Eduardo Anizelli/ Folhapress

# Bolsonaro chama atos para 7 de Setembro ao oficializar candidatura

## Em convenção do PL, presidente ataca Supremo e fala em dar a vida pela liberdade; partido confirma em evento Braga Netto como vice

**Ana Luiza Albuquerque, Fábio Zanini e Marianna Holanda**

**RIO DE JANEIRO E BRASÍLIA** A convenção nacional do PL oficializou, neste domingo (24), o presidente Jair Bolsonaro como candidato à reeleição e o ex-ministro Braga Netto, a vice.

Em discurso, o presidente convocou apoiadores a irem às ruas "uma última vez" no 7 de Setembro e, em seguida, dirigiu ataques a ministros do STF (Supremo Tribunal Federal). "Convoco todos vocês agora para que todo mundo, no 7 de Setembro, vá às ruas pela última vez", disse, sob gritos de "mito".

Bolsonaristas têm buscado mobilizar um grande ato de campanha no mesmo feriado em que, no ano passado, o presidente deu declarações golpistas e atacou a corte.

"Esses poucos surdos de capa preta têm que entender o que é a voz do povo. Têm que entender que quem faz as leis é o Poder Executivo e o Legislativo. Todos têm que jogar dentro das quatro linhas da Constituição", afirmou, em referência a ministros do STF.

No início de seu discurso, no Rio, o mandatário já tinha dado a deixa para que seus apoiadores atacassem os magistrados da corte. Bolsonaro afirmou que, sob seu governo, o povo tomou conhecimento sobre o que era o Supremo Tribunal Federal. Em seguida, abaixou o microfone e deixou que o público entoasse vaias e palavras de ordem.

Em outro trecho de sua fala, jurou dar a vida pela liberdade e fez com que o público fizesse o mesmo juramento.

Apesar de todos saberem da imprevisibilidade do presidente, seu entorno esperava que ele evitasse declarações radicais e ataques ao STF. Havia um temor de que falasse sobre urnas eletrônicas, o que não ocorreu, ainda que tenha mencionado a palavra "fraude", além de "eleições limpas".

O discurso durou mais de uma hora. Com citações a Deus e críticas ao comunismo, Bolsonaro também destacou feitos do seu governo, em especial para mulheres e jovens.

Esses segmentos são os que têm maior rejeição ao presidente. O presidente destacou, como tem feito nos últimos dias, o fato de que a titulação de terras pelo governo é feita em nome das mulheres.

Também se dirigiu aos jovens de esquerda. "Queria dizer para esses jovens que seu candidato prega o controle social da mídia", em referência a uma declaração de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) de regulamentar as redes sociais.

Bolsonaro ainda fez críticas veladas ao petista, sem nomeá-lo. Disse que o ex-presidente defende a "desconstrução da heteronormatividade" e a "ideologia de gênero", entre outras coisas.

Em outro trecho, defendeu o papel dos militares no seu governo. "Falaram que botei muito militar [na administração]. Acho que não botei muito, acho que botei suficiente. Se fosse para botar bandido, vocês tinham votado em outro."

Braga Netto, ex-ministro da Defesa e vice na chapa, esteve na primeira fileira no palco.

"Vice é aquela pessoa que tem que estar ao seu lado nos momentos difíceis. Não pode ser aquela pessoa que conspire contra", disse Bolsonaro.

O atual vice-presidente, Hamilton Mourão, não participou da cerimônia. Ele é candidato ao Senado pelo Rio Grande do Sul pelo Republicanos.

O evento ocorreu no Maracanãzinho, tomado pelas cores verde e amarelo. A cerimônia começou com uma oração do deputado federal e pastor Marco Feliciano (PL-SP). Depois, Michelle Bolsonaro discursou.

A primeira-dama atendeu a apelo para intensificar a participação nos atos como forma de melhorar a imagem do presidente juntos às mulheres. Fez uma fala repleta de referências religiosas e mencionou, mais de uma vez, o atentado de 2018 em Juiz de Fora (MG).

"A reeleição não é por um projeto de poder, como muitos pensam, não é por status, porque é muito difícil estar desse lado, é por um propósito de libertação, é um propósito de cura para o nosso Brasil. Declaramos que o Brasil é do Senhor", disse Michelle.

Bolsonaro passou a discursar logo após, tendo voltado a afirmar que não há corrupção no governo.

Após cerca de meia hora falando, o mandatário passou a se dedicar à pauta de costumes e dirigiu ataques ao ex-presidente Lula. Bolsonaro sugeriu que o rival pretende legalizar as drogas e o aborto no país —e ouviu o público cantar "Lula, ladrão".

Atrás do palco, havia uma imagem do presidente com apoiadores e o slogan "Pelo bem do Brasil".

A frase é da coligação da chapa de Bolsonaro e tem como mote a tese da "luta do bem contra o mal", que o mandatário tenta imprimir à disputa com o petista. Levantamento do Datafolha em junho mostra Lula 19 pontos à frente de Bolsonaro, marcando 47% contra 28%, no primeiro turno.

Marcaram presença no palco candidatos, parlamentares e aliados, como o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) —que foi ovacionado.

Quando as autoridades subiam ao palco, tocava o efeito sonoro da urna eletrônica. Entre os aliados no palanque, estava o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), candidato de Bolsonaro no estado.

Também estiveram por lá os ex-ministros Tarcísio de Freitas, que disputará o Governo de São Paulo, e Eduardo Pazuello e o advogado da família Bolsonaro, Frederick Wassef.

Um dos mais aplaudidos foi o deputado federal Daniel Silveira, condenado pelo STF em abril à prisão por ataques a ministros da corte, mas beneficiado por indulto do presidente.

O ginásio tem capacidade para 11,8 mil pessoas. A cerimônia contou com a apresentação da dupla sertaneja Mateus e Cristiano, que cantou o hino nacional e o jingle da campanha. Ficou responsável pela apresentação do evento um locutor de rodeio.

Ambulantes vendiam camisas com referência ao artigo 142 da Constituição, que disciplina o papel dos militares e é usado por bolsonaristas como argumento para defender que existe previsão legal para intervenção militar no país.

Na camisa vendida neste domingo também foram grafados os dizeres: "Voto impresso auditável: eu apoio". A pauta é utilizada pelo presidente para mobilizar apoiadores em torno de discursos de tom golpista contra as eleições.

> "Convoco todos vocês agora para que todo mundo, no 7 de Setembro, vá às ruas pela última vez
>
> Esses poucos surdos de capa preta têm que entender o que é a voz do povo. Têm que entender que quem faz as leis é o Poder Executivo e o Legislativo. Todos têm que jogar dentro das quatro linhas da Constituição
>
> Queria dizer para esses jovens que seu candidato prega o controle social da mídia
>
> **Jair Bolsonaro** em convenção nacional do PL

# Presidente ameaça fazer fala normal, mas não se aguenta

Bolsonaro atendeu estrategistas e falou de seu governo, mas no fim atacou STF

**ANÁLISE**

Fábio Zanini

RIO DE JANEIRO Parecia que Jair Bolsonaro (PL) faria um discurso "normal" de candidato, falando bem de seu governo e mal dos adversários, ainda que usando termos duros. Mas o presidente não se segurou e teve que atacar o Supremo e jogar desconfiança sobre as urnas eletrônicas em evento que confirmou que será candidato à reeleição.

Em termos bolsonaristas, foram críticas até relativamente breves, é verdade, e menos agudas do que ele já cometeu.

Os sinais enganosos de que havia um novo clima no ar começaram cedo, com uma inusitada homenagem à vilanizada urna eletrônica, com o característico "piiiii" da confirmação de voto seguindo o nome de cada autoridade anunciada pelo locutor.

As faixas de ameaça ao STF também foram escassas, com a maior delas dizendo que "o Supremo está abaixo do povo", sintomaticamente estendida no chão durante boa parte do tempo.

Bolsonaro seguiu durante grande parte de seu longo discurso o roteiro imaginado por seus marqueteiros e assessores. Acenou às mulheres, até com um certo exagero. A ex-ministra Tereza Cristina (Agricultura) foi a única a ter a deferência de ser chamada por ele a estar a seu lado no palco.

Também fez incontáveis referências ao Nordeste, "tão esquecido pelos que dizem amar o povo de lá". Falou diretamente aos jovens, dizendo que seu acesso às redes sociais estaria ameaçado pela regulação defendida pela esquerda.

Ainda citou obras emblemáticas de seu governo, como a pavimentação da BR-163 e a ferrovia Norte-Sul e acenou aos liberais, reiterando que "Estado forte é povo fraco".

Tudo dentro do que se espera do figurino de um candidato, assim como está dentro das quatro linhas de qualquer campanha ir para cima do adversário —no caso, Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

A ofensiva foi pesada, sem dúvida, associando o ex-presidente ao perigo comunista, à bandidolatria, à liberação do aborto, à ideologia de gênero e, claro, à corrupção. Num momento especialmente grosseiro, chamou-o de "cachaceiro e descondenado".

O discurso já se encaminhava para a parte final quando Bolsonaro teve sua recaída. Primeiro, de maneira esperta, evitou criticar o STF diretamente, dando a deixa para que a plateia vaiasse com força os ministros da corte.

Em seguida, numa estratégia clara de buscar isolar o Judiciário, disse que Executivo e Legislativo são "Poderes irmãos".

Não foi à toa a profusão de elogios de Bolsonaro ao presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), um dos mais aplaudidos no evento.

O presidente o transformou em sócio de seu governo e das vitórias legislativas que teve e deixou claro que conta com a ajuda de Lira nos embates eleitorais e pós-eleitorais que se avizinham.

Pior viria com a afirmação de que há "11 surdos de capa preta" no Supremo, ou a referência de que o Exército "não admite fraude e quer transparência", uma óbvia referência à urna que havia sido homenageada pouco antes.

Nada que incendiasse o ambiente, no entanto, como a convocação para a população ir às ruas no 7 de Setembro, dando a vida e o sangue pela defesa da liberdade. Talvez como um ato falho, pediu que as pessoas se manifestassem em defesa de seu governo "uma última vez".

O pronunciamento, no fim, teve um pouco para todos os componentes do vasto guarda-chuva bolsonarista.

Estrategistas mais racionais (sim, eles existem) ficaram satisfeitos com a ênfase dada a ações de seu governo e os acenos aos grupos demográficos em que o presidente come poeira. Embora preferissem que os ataques mais virulentos não tivessem ocorrido, avaliaram que conseguiram evitar um tom abertamente golpista.

Já o centrão e a velha política, representados no evento por figuras como Lira, o ex-presidente Fernando Collor e o ex-governador do Distrito Federal José Roberto Arruda, entre outros, ouviram palavras de agradecimento pelo apoio congressual.

A ala ideológica, por sua vez, refestelou-se com as referências ao comunismo e aos temas da agenda cultural. E todos apreciaram os ataques a Lula.

Mas ninguém saiu tão satisfeito quanto os que apostam em confusão. Por um momento, parecia que o presidente os havia abandonado, mas Bolsonaro estava lá, só esperando para voltar a ser Bolsonaro.

> [...]
> O pronunciamento, no fim, teve um pouco para todos os componentes do vasto guarda-chuva bolsonarista

O presidente da Câmara, Arthur Lira, na convenção do PL no Maracanãzinho Mauro Pimentel/AFP

## Lira veste camisa de Bolsonaro e é exaltado pelo mandatário

Marianna Holanda, Ana Luiza Albuquerque e Fábio Zanini

BRASÍLIA E RIO DE JANEIRO O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), marcou presença logo na primeira fileira na convenção nacional do PL que oficializou a candidatura de Jair Bolsonaro (PL) à Presidência, neste domingo (24).

Com ares de convidado de honra, Lira usava camisa polo azul com o nome de Bolsonaro e o número de urna do PL, 22. Ele foi exaltado pelo chefe do Executivo por três vezes em seu discurso.

"Cabra da peste" e "irmão de longa data" foram alguns dos termos usados pelo presidente para qualificar o aliado, que completará nesta segunda (25) uma semana de silêncio às falas golpistas de Bolsonaro a embaixadores.

Parte da plateia de bolsonaristas foi acolhedora com o deputado do centrão. Ele foi aplaudido por apoiadores, que encheram o ginásio do Maracanãzinho (RJ) com as coras verde e amarelo.

"Eu sei que a figura mais importante hoje aqui sou eu. Mas se não é o Arthur Lira, esse cabra da peste de Alagoas, não teríamos chegado a esse ponto. Obrigado, Lira", disse Bolsonaro.

Ainda que tenham ido a eventos juntos em Brasília e no estado do parlamentar, esta foi a participação mais relevante de Lira ao lado de Bolsonaro em tom de campanha.

O presidente da Câmara é do PP de Ciro Nogueira, chefe da Casa Civil de Bolsonaro. A aliança com eles consolidou a aproximação com o centrão, que garantiu estabilidade para o governo, no momento em que patinava no Congresso e era alvo de dezenas de pedidos de impeachment, todos eles travados por Lira.

No primeiro ano da gestão de Bolsonaro, quando ainda era apenas líder do PP, ele se posicionava de forma crítica ao governo. Aos poucos, foi se aproximando, em especial com a consolidação das RP9, chamadas de emendas de relator.

Em 2021, Lira chegou à presidência da Câmara como o candidato de Bolsonaro, derrotando o escolhido para sucessão de Rodrigo Maia, Baleia Rossi (MDB-SP).

"Está aqui o presidente Arthur Lira, um enorme aliado nosso, tem colaborado muito com o governo. Graças a ele conseguimos aprovar leis que vieram a baixar o preço dos combustíveis", disse também o mandatário neste domingo.

Bolsonaro ainda chamou Lira de "dono da pauta" da Câmara dos Deputados. É atribuição do presidente da Casa decidir quais projetos serão votados e em qual ordem.

Lira vocalizou as mais duras críticas de governistas à Petrobras, quando a companhia aumentava preços dos combustíveis, sob a direção de José Mauro Coelho e do general Silva e Luna.

Bolsonaro indicou Caio Paes de Andrade para o comando da estatal, quarto nome para Petrobras desde o início do governo.

As mudanças ocorreram na medida em que o governo aprovou pacote de medidas sociais no Congresso para reduzir o preço dos combustíveis e aumentar o valor de benefícios. Lira foi o principal fiador dessas propostas.

A Câmara aprovou, no último dia 13, a chamada PEC (Proposta de Emenda à Constituição) dos bilhões, medida que atropela as leis que versam sobre eleições e contas públicas para permitir ao governo turbinar benefícios sociais em meio à corrida pelo Palácio do Planalto.

Entre eles está ampliação do Auxílio Brasil de R$ 400 para R$ 600 até o fim do ano, duplicação do Auxílio Gás para cerca de R$ 120 e a criação de um vale de R$ 1.000 para caminhoneiros.

Além disso, o texto prevê um auxílio para taxistas, repasse de recursos para evitar aumento de preços no transporte público, subsídios para o etanol e reforço de verba no programa de aquisição e doação de alimentos. O custo total é estimado em R$ 41,25 bilhões.

O projeto político de Arthur Lira está vinculado à reeleição de Bolsonaro. O deputado quer se reeleger para a presidência da Casa, no próximo ano, o que é dado como certo, caso não haja troca no comando do Planalto.

Ainda que tenha apoio de boa parte dos deputados, Lira deverá encontrar dificuldades caso o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) seja eleito em outubro.

Segundo a última pesquisa do Datafolha, Bolsonaro está em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto, 19 pontos atrás do petista. Lula marca 47% contra 28% de atual presidente.

A convenção do PL que oficializou Bolsonaro como candidato contou com discursos do presidente e da primeira-dama, além de uma oração do deputado e pastor Marco Feliciano (PL-SP).

> Mas se não é o Lira, esse cabra da peste de Alagoas, não teríamos chegado a esse ponto. Obrigado, Lira
>
> **Jair Bolsonaro** em convenção do PL

### Quem são os presidenciáveis

- **Luiz Inácio Lula da Silva (PT)** Vice: Geraldo Alckmin (PSB) Coligação: PT, PSB, PSOL, Rede, PC do B, PV e SD. Convenção realizada no dia 21
- **Jair Bolsonaro (PL)** Vice: Walter Braga Netto (PL) Coligação: PL, PP, Republicanos e PTB. Convenção realizada no dia 24
- **Ciro Gomes (PDT)** Vice não anunciado e sem coligação. Convenção realizada no dia 20
- **André Janones (Avante)** Vice não anunciado e sem coligação. Convenção realizada no dia 23
- **Leonardo Péricles (UP)** Vice: Samara Martins (UP) Sem coligação. Convenção realizada no dia 24

**PRÓXIMAS CONVENÇÕES:**

- **Simone Tebet (MDB)** Vice não anunciado Coligação: MDB, PSDB e Cidadania. Convenção: dia 27
- **Luciano Bivar (União Brasil)** Vice não anunciado e sem coligação. Convenção: dia 5
- **Felipe d'Ávila (Novo)** Vice: Tiago Mitraud Sem coligação. Convenção: marcada para dia 30
- **Sofia Manzano (PCB)** Vice: Antônio Alves Sem coligação. Convenção: marcada para dia 30
- **Pablo Marçal (Pros)** Vice não anunciado e sem coligação. Convenção: dia 31
- **Eymael (Democracia Cristã)** Vice não anunciado e sem coligação. Convenção: marcada para dia 31
- **Vera Lúcia (PSTU)** Vice: Raquel Tremembé Sem coligação. Convenção: marcada para dia 31

Alckmin e Haddad em convenção do PT neste sábado (23) Bruno Santos/ Folhapress

# Haddad quer usar Alckmin para virar voto tucano em SP

## Objetivo é intensificar agendas com ex-governador e dialogar com conservadores

Artur Rodrigues e Carolina Linhares

SÃO PAULO A campanha de Fernando Haddad (PT) ao governo paulista espera colar no ex-governador Geraldo Alckmin (PSB) com objetivo de virar votos tucanos e diminuir a resistência ao PT em regiões do interior do estado.

A presença de Alckmin no palanque do ex-prefeito paulistano se tornou possível a partir da desistência de Márcio França (PSB) de concorrer ao Palácio dos Bandeirantes, tornando-se o nome da chapa na disputa ao Senado.

Haddad lidera as pesquisas e França já aparece como nome mais bem colocado para uma vaga de senador por São Paulo. A ideia é que Haddad, Alckmin e França circulem unidos pelo estado na maior parte do tempo possível.

O ensaio aconteceu no último dia 9, em Diadema (Grande SP), onde os três posaram juntos usando óculos modelo juliet, moda entre jovens das periferias e fãs de funk, em evento que marcou a adesão de França à chapa de Haddad.

Parte das agendas previstas também inclui o ex-presidente Lula (PT), já que a principal estratégia de Haddad é nacionalizar a disputa paulista.

O PT costura agendas de Lula no estado, como um ato na USP e outro na região de Osasco, que devem ocorrer até a primeira quinzena de agosto. Num segundo momento, os quatro políticos também devem ter compromissos separadamente, para ampliar a presença no estado, segundo membros da campanha.

Com a desistência de França, a coligação de Haddad passou a ser formada por PT, PC do B, Rede, PSOL e PSB —e abriu-se uma disputa pela vaga de candidato a vice-governador. Haddad foi confirmado candidato na convenção do PT, neste sábado (23), sem ter essa questão resolvida.

O PSOL reivindica o posto, mas o PT trabalha com Marina Silva (Rede) e Jonas Donizette (PSB) como opções. A primeira por ser mulher, negra, ter um papel nacional e agregar votos. O segundo por posicionar Haddad mais ao centro, algo considerado crucial por estrategistas do PT num estado conservador.

O movimento ao centro também está no cerne do plano de manter Haddad associado a Alckmin e França. "Agora com a vinda do Márcio França ao Senado, pretendemos ter o Alckmin o máximo de tempo que nós pudermos na agenda", diz o deputado Emídio de Souza (PT), coordenador da campanha de Haddad.

"Isso depende da disponibilidade dele, que também tem agenda nacional. Mas acho que interessa tanto à campanha do Lula quanto à do Haddad ter o máximo do tempo do Alckmin em São Paulo."

Alckmin, que é candidato a vice-presidente na chapa de Lula, tem a mesma função nas campanhas do PT para o Planalto e para o Bandeirantes —a de buscar o setor conservador e ligado à agropecuária. Em São Paulo, seu papel é concentrar-se no interior, onde a rejeição ao PT é maior.

Por isso, dirigentes do PSB afirmam que Alckmin deve rodar o país em agosto, viajando a estados como Santa Catarina e Mato Grosso, e se concentrar em São Paulo em seguida. O plano é visitar regiões onde ele tenha um eleitorado cativo e atrair a mídia local para os eventos com Haddad.

Assim, a presença do ex-governador seria mais crucial no estado que governou por mais de 12 anos do que no resto do país, considerando a popularidade de Lula e sua vantagem nas pesquisas e o fato de que em São Paulo há um espólio do PSDB em disputa.

Em visita à região de Mogi Guaçu no início da última semana, Haddad citou Alckmin em entrevista e deu mostra de como pretende explorar a proximidade com o ex-tucano.

Para conquistar o eleitor tradicional do PSDB em São Paulo, Haddad afirmou estar mais próximo do PSDB histórico do que o atual governador Rodrigo Garcia (PSDB), que concorre à reeleição.

Na avaliação de pessoas do núcleo de Haddad, o estado de São Paulo ainda tem um vínculo muito forte com o PSDB, mas Rodrigo, novo na sigla e visto como sem identificação com ela, não conseguiria atender plenamente esse eleitorado fiel do partido.

Alckmin, por esse raciocínio, tem uma identificação maior com o PSDB e é reconhecido por esse público.

O entrosamento entre Haddad e Alckmin é considerado um ponto positivo. Se Alckmin e Lula já tiveram desavenças, a situação é diferente entre os dois, que tinham uma relação cordial quando o petista era prefeito.

A campanha de Haddad espera ter a presença do ex-governador principalmente em cidades do interior onde o tucano prevaleceu em todas as eleições que disputou.

Os petistas querem se beneficiar da rede de prefeitos, ex-prefeitos e vereadores ligada a Alckmin, buscando abrir espaço num terreno dominado por Rodrigo —a campanha tucana estima ter o apoio de ao menos 580 de 645 prefeitos.

Outra aposta é aproximar o candidato petista também do agronegócio, cortejado intensamente por Tarcísio de Freitas (Republicanos) e por Rodrigo, setor em que o PT também encontra resistências. Até o momento, Haddad tem centrado esforços em pequenos e médios produtores de alimentos.

# *Bolsonaro não trabalha*

Diante de problemas, presidente não agiu nos últimos três anos e meio

**Celso Rocha de Barros**

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

*Jair Bolsonaro não trabalha. Diante de todo problema enfrentado pelo Brasil, Bolsonaro sempre escolhe a solução em que ele não precisa fazer nada.*

*O caso mais trágico foi o combate à pandemia. Organizar o isolamento social, como recomendava a Organização Mundial de Saúde, seria uma tarefa extraordinariamente complexa: "muito serviço", Jair pensou, e desistiu da ideia.*

*No início da pandemia, alguns países tentaram outras estratégias, às vezes combinadas com o isolamento, como a testagem em massa com rastreamento dos contatos dos doentes. "Eu que vou organizar a fila?", perguntou-se Jair, e também desistiu. Bolsonaro chegou a defender que só os idosos ficassem isolados, mas apressou-se em dizer que não era ele quem ajudaria aqueles velhos todos, isso era problema de cada família.*

*Eis que o deputado extremista Osmar Terra ofereceu a Jair a tese da "imunidade de rebanho". Ampla e irrefutavelmente refutada pelos fatos, a tese da imunidade de rebanho dizia que Bolsonaro não precisava fazer nada para combater a pandemia de Covid-19: bastava deixar o vírus circular até que os sobreviventes ficassem imunes. Bolsonaro não ouviu nada depois de "não precisa fazer nada": comprou a ideia na hora.*

*Notem bem: quando Bolsonaro decidiu por esse caminho, não existia vacinas. Não é que Jair tenha topado deixar morrer as 670 mil que morreram. Ele topou deixar morrer os milhões que teriam morrido se a vacina não tivesse sido inventada e se Doria não a tivesse comprado.*

*Solução de Bolsonaro para segurança pública? Compre você mesmo uma arma e mate você mesmo a bandidagem. Inclusive, já fique você avisado que o bandido também vai comprar arma nova. Fiscalizar quem é ou não é bandido daria trabalho, e Bolsonaro não trabalha.*

*Solução de Bolsonaro para crianças que ficaram sem escola na pandemia? Home schooling. Os pais que se virem para dar aulas para seus filhos. Pais pobres que não puderam estudar e não conhecem as matérias que seus filhos estudam, pais que depois do trabalho pegaram duas horas de trem e chegam cansados em casa, eles que aceitem trabalhar mais para Bolsonaro poder trabalhar menos.*

*Bolsonaro sempre foi um crítico dos ecologistas. Poderia, portanto, ter proposto uma reforma da legislação ambiental. Mas isso também exigiria estudos, negociações, reuniões, enfim, trabalho. Jair preferiu desmontar a fiscalização ambiental: assim, não faz diferença qual é a lei, já que ninguém vai aplicá-la, e "fiscalizar floresta" passa a ser um trabalho a menos para Bolsonaro fazer.*

*Não é questão de liberalismo. Implementar reformas liberais também dá trabalho, como mostra a experiência de vários governos brasileiros. Privatizar, por exemplo, exige decidir sobre o modelo de privatização, exige elaborar um quadro regulatório. Cortar impostos implica decidir que impostos serão cortados, que programas serão reduzidos após a perda de arrecadação. Isso tudo é trabalho, e trabalho Bolsonaro não quer.*

*Não é questão de laissez-faire, o Jair só não quer faire serviço nenhum.*

*Assim funcionou o Brasil nos últimos três anos e meio. Para saber que política pública seria implementada pelo governo federal, bastava descobrir qual das opções dispensava Jair Bolsonaro de sair do WhatsApp, colocar uma calça e dar expediente.*

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel P. da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

# Mulheres são quase metade de filiados a siglas

Grupo, por outro lado, tem baixa representatividade entre eleitos, pois não há espaço para competir, diz especialista

**DELTAFOLHA**

**Victoria Azevedo, Flávia Faria e João Pedro Pitombo**

SÃO PAULO E SALVADOR Com um histórico de baixa representatividade em cargos eletivos no Legislativo e no Executivo no Brasil, as mulheres representam 45,8% dos filiados a partidos políticos do país em 2022.

Em 2018, a porcentagem era de 44,4%. Levantamento da **Folha** com dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) aponta que o percentual de mulheres filiadas cresceu nos últimos quatros anos em 28 das 32 legendas.

A proporção de mulheres filiadas está acima de 40% em 30 legendas, sendo que 3 têm mais mulheres do que homens filiados: o Republicanos, o PMB (Partido da Mulher Brasileira) e a UP (Unidade Popular) —os dois últimos não têm representação no Congresso Nacional.

A despeito da ampla participação nas bases, as mulheres são minoria entre os candidatos e, principalmente, entre os eleitos para governos, Senado, Câmara dos Deputados e Assembleias Legislativas.

Em 2018, por exemplo, mulheres foram apenas 32% das candidaturas deferidas pelo TSE. Legendas como PMB e PSTU tiveram a maior proporção de candidatas, seguidas de PT, PSOL e MDB.

A legislação eleitoral determina que os partidos sigam uma cota mínima de 30% de candidaturas femininas para disputas proporcionais. Legendas também devem destinar 30% dos recursos do fundo eleitoral a candidatas.

Há quatro anos, foram eleitas 290 mulheres, o equivalente a 16% dos 1.790 postos em disputa, entre Congresso, Assembleias, governos estaduais e Presidência. O número, apesar de ainda baixo, representou um crescimento de 52% em relação à eleição de 2014.

Também em 2018, apenas uma mulher foi eleita governadora: Fátima Bezerra (PT), no Rio Grande do Norte, que busca a reeleição neste ano. Outras duas assumiram o governo em abril de 2022 após renúncia dos titulares para disputar as eleições.

As duas, contudo, não devem disputar a reeleição: Izolda Cela (PDT), do Ceará, foi preterida na disputa interna de seu partido, e Regina Sousa (PT), do Piauí, decidiu não concorrer por questões de saúde.

Os dados do TSE referentes a junho de 2022 apontam o partido Novo como a sigla com menor percentual de mulheres filiadas —elas representam apenas 21% do total.

Na sequência, proporcionalmente, o Partido da Causa Operária é o que possui menor percentual de mulheres filiadas, com 34,8%. A legenda não tem representação no Congresso Nacional.

Ao todo, 28 dos 30 partidos que participaram da eleição de 2018 e vão participar em 2022 registraram um crescimento proporcional do número de mulheres filiadas no ciclo dos últimos quatro anos.

Em números absolutos, Patriota, Podemos, PT, Republicanos e PSOL foram os que mais filiaram mulheres desde 2018.

Secretária nacional de mulheres do PT, Anne Moura afirma que o partido "abre muitas portas para mulheres" e que isso pode ser um reflexo do aumento das filiações.

Ela diz que o fato de a legenda não só ser presidida por uma mulher, a deputada federal paranaense Gleisi Hoffmann, como também permitir que elas ocupem espaços "que sempre eram dos homens", como no comando de secretarias como a de Finanças e Planejamento e Organização, contribui para engajar mais as mulheres na política.

A secretária afirma que a legenda incentiva a participação de mulheres por meio do programa Elas por Elas, criado em 2018, que organiza de forma permanente atividades de formação e organização.

"Muitas das mulheres que se organizaram fora do período eleitoral agora serão candidatas."

A deputada federal Tia Ju (Republicanos-RJ), secretária nacional da setorial Mulheres Republicanas, afirma que o partido conseguiu ter uma proporção maior de mulheres a partir de um trabalho de estruturação e organização das bases, com o apoio do diretório nacional da sigla.

"Nós trabalhamos com a concepção de que as mulheres no Republicanos não são uma cota, são uma necessidade. Buscamos uma maior proximidade com as mulheres em cada ponta do nosso país", afirma.

Ele destaca que o número de mulheres candidatas e eleitas ainda não é o ideal, mas diz que a tendência é de uma maior proporcionalidade entre homens e mulheres nas próximas legislaturas.

"É um trabalho que vai se refletir ao longo do tempo, com mais mulheres engajadas e candidaturas competitivas."

O partido Novo, que registrou menor percentual de mulheres entre os filiados, destaca que tem uma proporção mais alta de mulheres entre os eleitos, indo na contramão das demais siglas. No pleito de 2020, 37% dos candidatos eleitos pelo partido eram mulheres.

"Queremos mais participação. A essência do Novo é renovação política, e se a gente tem um patamar baixo de filiação de mulheres, que representam 52% do eleitorado, a gente não consegue alcançar essa renovação", afirma Cristina Rando, presidente do diretório do partido no Rio.

Levando em conta os dados específicos dos diretórios estaduais, o partido que localmente tem maior participação feminina é o PSTU do Espírito Santo, com 69% de filiadas mulheres. Na sequência aparecem os diretórios do Partido da Mulher Brasileira no Acre e no Ceará, além do PSOL de Alagoas.

Na outra ponta, o diretório do Novo em Pernambuco é o que tem menos participação feminina: 9 homens para cada mulher filiada.

Apesar de simbolizar a representação dos partidos entre o eleitorado, o número de filiados é tido como um indicador questionável para medir o tamanho ou a capilaridade das legendas.

Isso porque, no Brasil, nem sempre há participação dos filiados nas decisões do partido. A ausência de contribuições financeiras na maioria das legendas também facilita a filiação em massa de eleitores.

Outra lacuna são as falhas na base de dados do TSE. Existem eleitores que são registrados involuntariamente e até pessoas que já morreram entre os filiados considerados em situação regular.

Na avaliação da professora de direito Ligia Fabris, da FGV do Rio, os dados mostram que é uma falácia a narrativa de que mulheres não teriam interesse em participar de política. "Se elas não se interessassem, haveria um abismo entre [a quantidade de] homens e mulheres filiados."

"Partidos já manifestaram que haveria uma dificuldade de encontrar 30% de mulheres para se candidatarem. Esses números mostram que eles já têm um contingente muito expressivo dentro de seus próprios quadros."

Para Ligia, ainda é preciso uma série de transformações institucionais e de desenho partidário para fazer com que essas mulheres interessadas se tornem candidatas e sejam eleitas.

Ela diz também que é preciso que cada vez mais as legendas deem espaço para que mulheres tomem decisões na estrutura partidária.

"Elas precisam ter reais condições para se candidatar e serem competitivas. É preciso dar estrutura, recurso, acesso ao tempo de propaganda na rádio e na televisão nos horários nobres. E isso tudo passa por decisões que são políticas", diz a professora.

Eleição das coordenadoras da bancada feminina da Câmara, em 2019 Michel Jesus/Câmara dos Deputados

**Participação feminina nas filiações partidárias**

Percentual de mulheres filiadas em 2022

| Partido | % |
| --- | --- |
| PMB | 54,4 |
| Republicanos | 51,1 |
| UP* | 50,9 |
| PSOL | 48,9 |
| MDB | 46,9 |
| PTB | 46,7 |
| PT | 46,4 |
| PP | 46,4 |
| PCB | 46,4 |
| PMN | 46,3 |
| PSTU | 46,3 |
| PSDB | 46,1 |
| Solidariedade | 46,1 |
| PC do B | 46 |
| DC | 45,9 |
| PDT | 45,8 |
| Agir | 45,6 |
| PL | 45,4 |
| Avante | 45,4 |
| PSC | 45 |
| Patriota | 44,7 |
| União Brasil* | 44,5 |
| PSB | 44,5 |
| Podemos | 44,5 |
| PRTB | 44,3 |
| Cidadania | 43,4 |
| PV | 43 |
| PSD | 42,1 |
| PROS | 41,9 |
| Rede | 41,6 |
| PCO | 34,8 |
| Novo | 20,8 |

*União Brasil e UP não existiam na eleição de 2018

Fonte: TSE

**É preciso dar estrutura, recurso, acesso ao tempo de propaganda nos horários nobres**

**Ligia Fabris**
professora da FGV-Rio

# mundo

O presidente dos EUA, Joe Biden, desembarca em Warwick, no estado de Rhode Island Brendan Smialowski - 20.jul.22/AFP

### Escorregões recentes cometidos por Biden

**18.jun**
**Queda de bicicleta**
O presidente caiu de bicicleta ao tentar parar para falar com um grupo de pessoas. Mas seu pé ficou preso no pedal, e ele caiu para o lado junto. Não foi preciso ir ao médico depois da queda.

**8.jul**
**'Repita a linha'**
Ao discursar sobre o direito ao aborto com ajuda de um teleprompter, Biden leu: "Fim da frase. Repita a linha", trecho que na verdade era uma orientação, não parte do texto para ser lido em voz alta.

**20.jul**
**Câncer**
Em discurso sobre a crise climática, Biden disse que cresceu em uma área onde havia poluição. "É por isso que eu e muitas pessoas com quem cresci tem câncer", afirmou. A Casa Branca disse depois que o comentário se referia a um câncer de pele ocorrido no passado.

# Coleção de gafes de Biden põe idade do presidente dos EUA em discussão

Nas últimas semanas, líder de 79 anos errou leitura de teleprompter e disse por engano ter câncer

**Rafael Balago**

WASHINGTON "É por isso que eu e muitas pessoas com quem cresci tem câncer", disse o presidente Joe Biden, no meio de um discurso sobre a crise climática, na quarta (20). Pouco depois, já havia questionamentos nas redes: o presidente admitiu que está com câncer? Foi um ato falho? Ou só mais uma confusão feita por ele?

A Casa Branca logo esclareceu que o democrata falava sobre o passado: ele teve câncer de pele há alguns anos, já curado, e não está mais com a doença. Mas a história viralizou.

"Joe Biden chocou o mundo ao anunciar, sem aviso, que tem uma doença potencialmente fatal", disse Tucker Carlson, no canal Fox News, na quinta (21). "Tem sido uma semana difícil. Na quarta, câncer. Na quinta, coronavírus. Amanhã será a varíola dos macacos", ironizou o apresentador conservador, misturando informações reais — o presidente americano contraiu Covid — com o falso alerta de câncer.

Desde a campanha de 2020, republicanos puxados por Donald Trump caracterizam Biden, 79, como senil e confuso. Assim, gafes e falhas viraram munição para reforçar essa narrativa em meio a um ambiente de desinformação.

Nas últimas semanas, Biden registrou escorregões em ao menos duas oportunidades. Em 18 de junho, o presidente saiu para pedalar. Ao ver um grupo de pessoas, desacelerou e, ao tentar parar a bicicleta de vez para falar com elas, caiu em frente às câmeras. A queda fez muitos postarem vídeos caindo de forma parecida, com a hashtag #Bidening.

Em 8 de julho, Biden fez um discurso na Casa Branca sobre o direito ao aborto. Ao ler um teleprompter, disse: "Fim da frase. Repita a linha", uma orientação que obviamente não era para ser dita em voz alta.

Há também deturpações. Em um vídeo, o presidente aparece estendendo a mão para cumprimentar uma pessoa — mas não há alguém ali. A gravação, na verdade, é fruto de edição de um registro na Carolina do Norte, num palco com apoiadores. Vídeos de outros ângulos mostram Biden estendendo a mão para saudar a plateia — ele repetiu o gesto em outras direções.

A oposição busca associar as falhas à idade de Biden, o presidente mais velho a assumir o país em um primeiro mandato. Ele fará 80 anos em novembro e não descarta concorrer à reeleição em 2024.

Pesquisa publicada no início de julho pelo New York Times com o Siena College mostra que, para 33% dos eleitores democratas, a idade é a principal razão para preferir um outro candidato daqui a dois anos. O desempenho no cargo vem em seguida, com 32%.

Pior: 94% dos democratas com menos de 30 anos dizem querer outro nome para disputar a Presidência, sinal de que a preocupação não é só com a saúde, mas abarca também a renovação do partido.

Por outro lado, reportagem do mesmo New York Times com pessoas próximas a Biden relata um presidente "intelectualmente engajado, fazendo perguntas inteligentes em reuniões, interrogando assessores sobre pontos de disputa".

Defensores também lembram que ele foi gago quando jovem, o que o faz cometer alguns erros ao falar, e que, ao longo da carreira, ganhou fama de cometer gafes. Em um comício em 2008, por exemplo, pediu a um senador cadeirante que se levantasse.

José Eduardo Pompeu, doutor em neurologia e professor da USP, lembra que a perda de agilidade e de capacidades físicas é natural conforme a pessoa envelhece. "Não há fórmula mágica para impedir essas perdas, mas elas podem ser reduzidas. E cada pessoa envelhece de um jeito. Tem idosos de 60 anos já muito debilitados, e outros perto dos cem que continuam bastante ativos", afirma. "Isso depende de muitos fatores: genética, alimentação e como a pessoa se comportou ao longo de toda a vida."

Ele explica que uma das formas de avaliar se a velhice está comprometendo as atividades é a ocorrência de problemas frequentes: caso as quedas, falhas de memória ou de fala se tornarem corriqueiras, é um sinal de alerta. "Também é importante analisar o contexto das falhas. Biden estava pedalando, algo que exige grande coordenação motora, e de repente parou para falar com as pessoas e responder perguntas. Isso pode ter gerado uma sobrecarga cognitiva naquele momento, que levou à queda", diz Pompeu.

Embora a agenda cheia possa gerar estresse e mais falhas, as atividades ajudam a retardar o envelhecimento. "A maior proteção contra as perdas relacionadas ao envelhecimento é o envolvimento social e a atividade física."

A Casa Branca divulga os resultados dos exames anuais do presidente. O último relatório, de novembro, aponta que o democrata "permanece apto para o dever, plenamente capaz de executar todas as suas responsabilidades sem qualquer exceção ou adaptação". O documento registra que Biden tem uma tosse seca corriqueira ao falar por longos períodos e que isso ocorre há anos e deve ser consequência de refluxo gástrico. Segundo o relatório, Biden não bebe nem fuma e se exercita ao menos cinco vezes por semana.

Seja como for, a coleção de gafes acaba imprimindo ao democrata a imagem de homem velho. Pesquisa de junho realizada pelo Centro de Estudos da Política Americana, ligado à Universidade Harvard, mostrou que 60% dos americanos têm dúvidas sobre a aptidão de Biden para o cargo. Na outra ponta, 40% afirmam acreditar que ele está mentalmente apto para servir como presidente dos EUA. Em maio, eram 48%.

Em outro tópico, 64% responderam que Biden está mostrando que é muito velho para ser presidente, contra 36% que o enxergam como apto para o cargo. Nos dois casos, cerca de um terço dos democratas entrevistados concorda com a opção desabonadora para Biden, prenunciando um caminho difícil para a reeleição e, mais urgente, o risco de que sua imagem seja um fardo nas eleições de novembro.

Para coroar a semana em que disse por engano ter câncer, Biden recebeu o diagnóstico de Covid na quinta (21). Já vacinado com duas doses de reforço, o presidente teve apenas sintomas leves e, no último boletim, neste domingo, apresentava dor de garganta como incômodo principal. A situação não se compara com o circo formado em torno de seu antecessor, Trump, quando o republicano foi infectado.

À época, ainda não havia imunizantes disponíveis, e a internação do então presidente gerou especulações diversas. Embora seja um dos que mais usam a idade do democrata para atacá-lo, o ex-chefe da Casa Branca tem só três anos a menos. Se concorrer em 2024, será Trump, 78, contra um Biden prestes a fazer 82.

## TODA MÍDIA | Nelson de Sá

nelson.sa@grupofolha.com.br

Russia, Africa: A future-bound partnership

BY SERGEY LAVROV

Russia and Africa: a future-bound partnership

Chanceler russo publica artigo nos africanos Star e Herald, entre outros

### Rússia e 'EUA e seus satélites europeus' agora disputam África

Alemães como FAZ e Süddeutsche saíram criticando no domingo o acordo obtido pela Turquia, entre Rússia e Ucrânia, para retomar a exportação de alimentos.

Foram chamadas como "Erdogan molda política externa como bem entender", sem ouvir a Otan, "Putin não é confiável" e "mesmo os otimistas sabiam que acordo não duraria". Aqui e ali admitiam que, "no entanto, a Ucrânia quer preparar exportação de grãos".

Já o New York Times deu prioridade à viagem do chanceler russo à África, iniciada pelo Egito no fim de semana, com chamada para o fato de "culpar os Estados Unidos e os seus aliados pela fome".

Foi em artigo que Serguei Lavrov publicou em jornais como o egípcio Al-Ahram, o congolês Dispatch, o ugandense New Vision, o etíope Herald e o queniano Star. No trecho citado pelo NYT, "Sabemos que os colegas africanos não aprovam as tentativas dos EUA e seus satélites europeus, sem disfarçar, de impor uma ordem mundial unipolar à comunidade internacional".

Sobre a "grave situação no mercado de alimentos", Lavrov responsabilizou o Ocidente por "absorver o fluxo" já durante a pandemia, em prejuízo dos países em desenvolvimento, o que "foi exacerbado nos últimos meses com as sanções impostas à Rússia".

"É essencial que todos os nossos amigos africanos entendam que a Rússia continuará a cumprir de boa fé suas obrigações na exportação de alimentos, fertilizantes, energia e outros bens vitais para a África. A Rússia está tomando todas as medidas para isso."

O NYT informou que, "antes da visita, diplomatas ocidentais pressionaram nos bastidores para o Egito não dar a Lavrov uma recepção muito calorosa, mas as tentativas do Ocidente, que incluíram editoriais e postagens nas redes sociais, pouco fizeram para atrair mais apoio público".

**CONCORRÊNCIA** A Bloomberg noticia que o canal russo RT está "montando" na África do Sul a sua Redação central africana de língua inglesa, a ser chefiada por uma jornalista sul-africana que dirigia a cobertura no Oriente Médio. Avalia que, "num continente que se absteve de criticar [a guerra], a operação põe a RT em competição com outras emissoras apoiadas por governos, como a britânica BBC".

# A diplomacia das urgências

Acordo mostra comunidade internacional aprendendo a viver com a guerra

**Mathias Alencastro**
Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

*Enquanto o Brasil desaparece da diplomacia mundial, afogado no mar de mentiras de Jair Bolsonaro, a comunidade internacional começava a responder ao caos geopolítico provocado pela invasão da Ucrânia.*

*Liderada por uma ONU mais ativa e uma Turquia fortalecida pelo seu papel regional estratégico, os representantes ucranianos e russos assinaram, na sexta (22), o primeiro acordo visando a suspensão do bloqueio do Mar Negro, um dos principais vetores da escalada dos preços de alimentos que derrubou governos, levou ao endurecimento de políticas monetárias e ampliou o risco de uma recessão global.*

*Se os ministros da Defesa russo e o de Infraestrutura ucraniano se recusaram a se sentar na mesma mesa, a realidade é que Kiev e Moscou negociaram ativamente e assinaram documentos idênticos.*

*De caráter temporário, o pacto tem como objetivo permitir a circulação de navios paralisados nos portos ucranianos desde o começo do conflito e liberar os estoques de grãos. Em contrapartida, será facilitada a circulação marítima russa, severamente abalada pelas sanções. O acordo seria renovado automaticamente daqui a quatro meses em caso de sucesso, o que está longe de ser garantido.*

*Embora precário e permanentemente ameaçado pela volatilidade da guerra, o acordo entra na história como o primeiro esforço concreto para a reconstrução das relações entre Ocidente e Oriente no mundo pós-Ucrânia. Todas as partes parecem reconhecer que a disputa pela soberania territorial é irreconciliável no momento atual. A diplomacia deixou de lado a resolução do conflito e passou a buscar dispositivos para assegurar a cooperação internacional enquanto a situação evolui no campo de batalha.*

*A equipe diplomática de Lula parece ter sentido a mudança de ventos. Mais do que conter a histeria bolsonarista, a articulação de uma reunião do candidato com os embaixadores do Brics, mencionada nesta* **Folha**, *busca posicionar um futuro governo brasileiro nesse processo. Comandado por um governo funcional, o Brasil pode desempenhar, à escala do Sul Global, o papel que a Turquia teve nesta semana.*

*O arranjo dos grãos é apenas o primeiro da diplomacia das urgências que deve se tornar cada vez mais comum nos próximos meses. O próximo grande teste será a COP27, no Cairo, quando Washington e Pequim deverão mostrar se estão dispostos a prosseguir com o esforço contra o aquecimento global.*

*Em seguida, o mundo vai parar para ver como Europa e Rússia se comportarão com a chegada do inverno. Com base no acordo do Mar Negro, muitos vão defender uma negociação para impedir a interrupção total de cooperação energética. Caso contrário, as capitais europeias estarão ameaçadas pela instabilidade social, e Moscou terá de enfrentar um segundo choque econômico depois daquele provocado pelas sanções.*

*A diplomacia das urgências não é sobre pragmatismo comercial, mas sobre a necessidade de impedir que os conflitos entre superpotências as deixem ainda mais vulnerável a população mundial.*

| SEG. Mathias Alencastro | **QUI. Lúcia Guimarães** | SÁB. Tatiana Prazeres, Jaime Spitzcovsky

# Rússia admite ataque contra cidade portuária

Kremlin, que havia negado autoria da ação, diz ter mirado alvos militares em ofensiva no dia seguinte a pacto por grãos

KIEV | AFP E REUTERS A Rússia admitiu neste domingo (24) ter destruído no dia anterior infraestruturas militares na cidade portuária de Odessa, no sul da Ucrânia, uma zona crucial para escoar as exportações de grãos do país.

A ofensiva, realizada menos de 24 depois de os dois países assinarem um acordo para viabilizar a passagem dos produtos agrícolas ucranianos, provocou indignação do governo em Kiev e de seus aliados.

Logo após o ataque, a Rússia, de acordo com a Turquia, que fez a mediação da assinatura do pacto junto à ONU, disse não ter nada a ver com a ação. Agora, Moscou admite ter sido responsável pelos danos, mas afirma ter mirado apenas instalações militares, não estruturas ligadas à exportação de grãos.

No aplicativo de mensagens Telegram, a porta-voz da diplomacia russa, Maria Zakharova, afirmou neste domingo que os mísseis Kalibr destruíram uma embarcação de guerra e depósitos de armas, em um "ataque de alta precisão".

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, classificou os ataques com mísseis à cidade portuária de "barbárie russa", colocando em risco o trato que, se mantido, pode aliviar a crise mundial de alimentos. Para o líder do país ora invadido, a ofensiva demonstra que não se pode confiar na capacidade de Moscou para cumprir promessas e que o diálogo com o Kremlin é cada vez mais insustentável.

Ainda que o conselheiro econômico do presidente, Oleh Ustenko, tenha alertado que a ação de Moscou no sábado indica que o pacto não vai funcionar da maneira prevista, a Ucrânia, de acordo com o ministro de Infraestrutura do país, prometeu seguir com os preparativos técnicos para realizar as exportações.

No acordo negociado sob os olhos do presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, e do secretário-geral da ONU, o português António Guterres, Odessa é um dos três portos liberados para escoar as exportações da Ucrânia.

Autoridades do país afirmaram que havia grãos no porto no momento do ataque, ainda que os depósitos, segundo o Exército ucraniano, não tenham sido afetados. De acordo com o governador regional de Odessa, o bombardeio deixou "vários feridos", sem informar números nem a gravidade dos ferimentos.

Guterres condenou "inequivocamente" o ataque. Chefe da diplomacia da União Europeia (UE), o espanhol Josep Borrell disse que a ofensiva mostra "o total desprezo da Rússia pelo direito e pelos compromissos internacionais". Na mesma toada, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, "a ação coloca sérias dúvidas sobre a credibilidade do compromisso da Rússia com o trato acertado".

O acordo selado na Turquia foi o primeiro grande pacto acertado pelas duas partes em conflito desde o início da invasão russa, em 24 de fevereiro, e era aguardado com ansiedade porque pode ajudar a mitigar a crise alimentar no mundo, principalmente em países pobres. De acordo com a ONU, devido à guerra 47 milhões de pessoas foram adicionadas ao grupo das pessoas que passam fome.

Antes da assinatura, a Ucrânia advertiu que daria uma "resposta militar imediata" caso a Rússia violasse o pacto e atacasse suas embarcações ou portos. Zelenski diz que a ONU deve monitorar o cumprimento do trato, que inclui o trânsito de barcos por corredores seguros, para evitar minas instaladas no Mar Negro.

Até 20 milhões de toneladas de trigo e de outros grãos estão bloqueados na Ucrânia, sobretudo em Odessa, por navios de guerra da Rússia e pelas minas que Kiev colocou para evitar um ataque anfíbio. O líder ucraniano estima que o valor dos grãos retidos seja de cerca de US$ 10 milhões (R$ 54,9 milhões).

Além da ofensiva na cidade portuária ao sul, o pacto também não impediu outros bombardeios na linha de frente durante o final de semana, afirmou neste domingo a Presidência ucraniana. Quatro mísseis de cruzeiro teriam atingido no sábado zonas residenciais de Mikolaiv, ferindo cinco pessoas.

Com a guerra entrando em seu sexto mês neste domingo, outros sinais mostram que o conflito está longe de acabar. O Exército ucraniano relatou bombardeios no norte, no sul e no leste do país, além de voltar a indicar que as forças de Moscou estão abrindo caminho para atacar Bakhmut, na região do Donbass.

A intensificação da ofensiva russa fez o prefeito de Kharkiv pedir aos moradores da segunda maior cidade da Ucrânia que deem preferência ao uso do metrô para se deslocar. "A última semana mostrou que o agressor deixou até mesmo de fingir que mira alvos militares", escreveu Ihor Terekhov no aplicativo Telegram. "Use o sistema metroviário com mais frequência, hoje é a maneira mais segura de se locomover."

### Moscou censura site editado por Nobel

As autoridades russas bloquearam neste domingo (24) o site do novo projeto do jornal independente Novaia Gazeta, publicação censurada em março, em meio à repressão às críticas devido à Guerra da Ucrânia, e cujo editor-chefe, Dmitri Muratov, foi o ganhador do prêmio Nobel da Paz em 2021. O veículo lançou em 15 de julho uma revista impressa, com o conteúdo também disponível na internet, sob o nome de Novaia Rasskaz-Gazeta. Em seu primeiro número, analisaram o "totalitarismo e a ideologia do presidente Vladimir Putin". Uma semana depois, o órgão controlador russo das telecomunicações determinou o bloqueio do site, e, neste domingo, já não era possível consultar o endereço sem utilizar uma VPN (sistema que permite acessar páginas bloqueadas).

# Itália resgata quase 700 migrantes e encontra cinco mortos

ROMA | REUTERS E AFP Quase 700 migrantes foram resgatados neste sábado (23) na costa sul da Itália, informou a guarda costeira do país neste domingo, em uma amostra do crescimento do fluxo migratório no Mediterrâneo. As autoridades também encontraram na embarcação cinco corpos de migrantes mortos a bordo em circunstâncias desconhecidas.

A maioria dos 674 migrantes foi resgatada em um barco de pesca a quase 200 km da costa da Calábria, a "bota" do território italiano. Eles foram transferidos para cidades portuárias na Sicília e na Calábria, e os cinco cadáveres foram levados ao necrotério do hospital do município de Messina.

Mais de 34 mil requerentes de asilo e migrantes chegaram à Itália desde o começo deste ano, cifra superior aos 25,5 mil registrados no mesmo período de 2021, segundo o Ministério do Interior da Itália.

Países mediterrâneos que fazem parte das principais rotas para a Europa esperam receber mais de 150 mil migrantes neste ano, já que a escassez de alimentos provocada pela Guerra da Ucrânia ameaça uma nova onda migratória da África e do Oriente Médio.

Na manhã deste domingo, o navio de bandeira norueguesa Ocean Viking avistou um bote de borracha superlotado nas águas internacionais na costa da Líbia e resgatou 87 pessoas, incluindo 57 menores desacompanhados.

Migrantes dormem em deque de navio de resgate da ONG Sea-Watch após operação no Mar Mediterrâneo Sea-Watch via Reuters

Em outro episódio, no sábado, o navio da ONG alemã Sea-Watch resgatou mais de 400 migrantes, incluindo várias crianças e duas mulheres grávidas, que viajavam em quatro barcos lotados. Segundo a Sea-Watch, o mar calmo e a falta de vento ajudaram os migrantes a chegar à costa italiana.

Em Lampedusa, na madrugada deste domingo, 522 pessoas de Afeganistão, Paquistão, Sudão, Etiópia e Somália chegaram à ilha, a maioria a bordo de cerca de 15 barcos da Tunísia e da Líbia. Trata-se de um desafio para o centro de acolhimento local, que tem capacidade para abrigar 250 pessoas e hoje recebe 1.200 pessoas.

A rota migratória do Mediterrâneo Central é a mais perigosa do mundo. A Organização Internacional para as Migrações (OIM) estima em 990 o número de mortos e desaparecidos desde o início deste ano.

Esse aumento de chegadas durante o verão no Hemisfério Norte coincide com um período de grande incerteza política na Itália, após a renúncia do premiê Mario Draghi.

O presidente da República, Sergio Mattarella, dissolveu o Parlamento e marcou as eleições para 25 de setembro, nas quais o partido de ultradireita Irmãos da Itália aparece como favorito nas pesquisas.

Neste domingo, o líder da formação direitista Liga, Matteo Salvini, lamentou a chegada de "411 imigrantes ilegais em poucas horas a Lampedusa". "Em 25 de setembro, os italianos finalmente poderão escolher a mudança: pelo retorno da segurança, coragem e controle de fronteiras."

Já na costa das Bahamas, 16 pessoas morreram após um navio que transportava imigrantes haitianos virar, disseram autoridades neste domingo, em meio a uma onda contínua de migração marítima em direção aos EUA. Quatro mulheres e 17 homens foram resgatados do incidente.

"Lamentamos as vidas perdidas daqueles que buscam um modo de vida melhor", disse Keith Bell, ministro de Imigração das Bahamas, à agência de notícias Reuters. "Peço àqueles que estão aqui com familiares e amigos no Haiti que encorajem seus entes queridos a não arriscarem suas vidas."

A polícia do arquipélago disse que o barco estava a cerca de 11 quilômetros da ilha de Nova Providência. O país na América Central é uma rota frequente para imigrantes haitianos que buscam chegar aos EUA.

# Governo estuda flexibilizar regras de fundos de pensão das estatais

Alcance, no entanto, gera impasse; área fiscal teme fatura bilionária com proposta mais ampla

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O governo Jair Bolsonaro (PL) prepara um projeto de lei para alterar as regras de funcionamento dos regimes de previdência complementar de servidores e dos fundos de pensão das estatais. O alcance das mudanças, porém, tem gerado controvérsias internamente.

Enquanto uma ala do governo quer centrar esforços na maior flexibilidade para futuros beneficiários, outro grupo quer ampliar a medida e contemplar participantes atuais —inclusive permitindo a portabilidade daqueles que integram planos de benefício definido, que têm os maiores rombos em suas contas.

Técnicos da área fiscal do governo temem que a proposta mais ampla, que permitiria a migração desses planos para instituições privadas, resulte em uma fatura bilionária a ser aportada de forma imediata pela União e suas estatais.

O impasse deflagrou uma queda de braço nos bastidores, e o projeto segue parado nos escaninhos do Ministério da Economia.

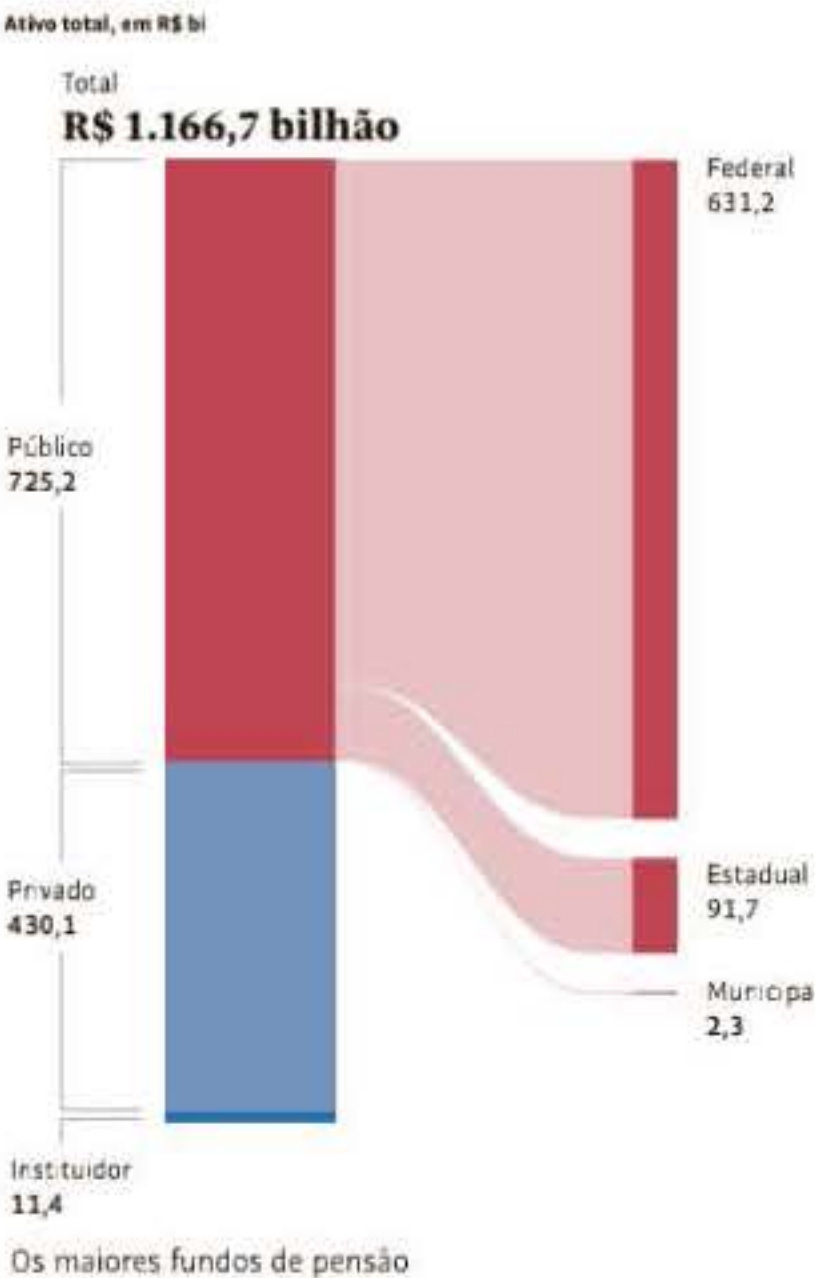
As chamadas entidades fechadas de previdência complementar administram um patrimônio de R$ 1,17 trilhão, sendo que R$ 631,2 bilhões estão nas mãos de fundos de pensão patrocinados por instituições federais.

Apenas os maiores planos de benefício definido de Previ (Banco do Brasil), Petros (Petrobras) e Funcef (Caixa) reúnem R$ 380 bilhões desses ativos.

Nessa modalidade, o funcionário sabe quanto irá receber no futuro, independentemente do valor acumulado ao longo da vida laboral. A oferta desse tipo de plano é cada vez mais rara justamente pela tendência ao desequilíbrio, já que as contribuições recolhidas são insuficientes para bancar os pagamentos prometidos.

Mas os fundos ainda têm planos de benefício definido em fase de equacionamento, com cobranças extras pagas pelos participantes e suas patrocinadoras ao longo dos anos para amenizar o déficit.

Funcionários ativos e aposentados dos Correios, por exemplo, pagam valores extras ao fundo de pensão Postalis para cobrir um déficit de cerca de R$ 6 bilhões acumulado entre 2012 e 2014. Na Funcef, participantes de um dos planos chegam a pagar contribuição extra de 19,16% sobre a remuneração para ajudar a equacionar um rombo avaliado em R$ 20 bilhões.

O rascunho original com as mudanças planejadas pelo governo, obtido pela **Folha**, prevê mais flexibilidade para futuros beneficiários e permite a contratação de instituições privadas para administrar os planos de aposentadoria de funcionários públicos.

Ela foi elaborada pelo grupo de trabalho IMK (Iniciativa de Mercado de Capitais) e tem apoio da área fiscal do governo e do Ministério do Trabalho e Previdência.

Já a Secretaria Especial de Desestatização, Desinvestimento e Mercados, órgão responsável pelo relacionamento do governo com suas estatais, defende uma proposta mais ampla, que estende a flexibilização a participantes atuais e permite a portabilidade de todos os planos.

Em uma primeira rodada de negociações, o grupo de trabalho IMK concordou em autorizar a portabilidade para atuais participantes de planos com contribuição definida. Nessa modalidade, os pagamentos são fixos, e o valor do benefício é calculado de acordo com o que foi acumulado. No entanto, eles representam uma fatia bem menor do patrimônio dos fundos: R$ 153,3 bilhões, considerando patrocinadores públicos e privados.

O impasse permanece envolvendo os participantes dos planos de benefício definido, cujos ativos somam R$ 711,4 bilhões.

O ex-secretário de Desestatização, Desinvestimento e Mercados Diogo Mac Cord comandou as discussões da proposta mais ampla no órgão, que segue participando dos debates mesmo após sua saída do cargo.

À **Folha** ele defende maior liberdade aos participantes atuais dos fundos de pensão sob o argumento de que os recursos foram, no passado, usados para financiar projetos guiados por interesses políticos, resultando em prejuízo a seus beneficiários.

De acordo com Mac Cord, "o benefício definido já não é tão definido assim".

"Hoje você está com uma contribuição extraordinária de 25%? Amanhã pode ser 30%, depois 35%", diz ele, ressaltando que a alíquota maior significa, na prática, um corte do benefício. "[A proposta é] Cada um escolhe, [o participante] pode querer fazer um stop loss [estancar as perdas]."

Ele também rebate críticas de que o projeto causaria desequilíbrio nos fundos e um custo para a União e suas empresas. "Você não precisa permitir a portabilidade instantânea, a cada dia, a cada mês. Pode definir janelas a cada cinco anos."

As contribuições extraordinárias já pagas pelas patrocinadoras, por sua vez, poderiam seguir o fluxo atual de pagamento, com a única diferença de que o repasse seria feito à entidade escolhida pelo participante. Assim, segundo Mac Cord, não haveria risco de aportes bilionários imediatos.

"Você pode definir as regras, mas o mais importante é o direito de escolha. O que não pode é condenar aquela pessoa a ficar os 30 anos da vida dela [na mesma entidade]", diz.

Mac Cord sugere ainda que a portabilidade dos atuais participantes seja permitida até um limite do patrimônio do plano, justamente para não haver um descasamento entre os investimentos do fundo e suas obrigações com benefícios.

Em busca de rentabilidade, os fundos de pensão aplicam recursos em diferentes investimentos, que vão desde títulos públicos de médio e longo prazo (até 40 anos) até papéis privados ou participações em projetos de infraestrutura.

O temor dos críticos da portabilidade é que um resgate imediato em volume significativo de recursos, com o objetivo de migração para outra entidade, comprometa ou desincentive esse tipo de investimento.

"A migração poderia quebrar a estruturação de um contrato de longuíssimo prazo. Parece precipitado e equivocado", critica o presidente da Abrapp (Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar), Luís Ricardo Martins. "Eu não vejo como desestruturar e tentar levar reservas do passado para as entidades abertas."

Para o presidente da Abrapp, os fundos de pensão são hoje um dos poucos instrumentos para a formação de poupança de longo prazo, e a sua descaracterização pode comprometer projetos que precisam dessa fonte de financiamento.

"Há toda uma estruturação de investimentos dentro de um plano, tem uma reserva formada", diz Martins.

Segundo ele, a reforma da Previdência aprovada em 2019 abriu caminho para a regulamentação da relação entre o poder público e as entidades abertas, mas ele diz que as seguradoras oferecem produtos com "caráter mais financeiro", enquanto os fundos de pensão não têm fins lucrativos e, por isso, oferecem taxas diferenciadas de administração.

"É uma discussão muito maior do que a questão pontual da portabilidade", afirma.

Ele também destaca que, após a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) dos Fundos de Pensão, criada em 2015, as "inconsistências" detectadas nos investimentos dessas entidades foram corrigidas. "O sistema hoje está blindado, esse passado está resolvido", afirma Martins.

Apesar das controvérsias, há outros pontos consensuais do projeto. Entre eles, a permissão para órgãos públicos patrocinarem planos geridos por entidades abertas de previdência complementar, como seguradoras. Elas seriam escolhidas após seleção pública, seguindo critérios de transparência, qualificação técnica, impessoalidade e economicidade.

Hoje, União, estados, municípios e suas estatais podem financiar apenas planos administrados por entidades fechadas, como os fundos de pensão. A mudança segue uma lógica de maior competição.

A minuta também obriga empresas estatais e sociedades de economia mista (como a Petrobras) a oferecer a seus funcionários planos em mais de uma entidade.

O texto ainda permite aos órgãos públicos que façam a inscrição automática de seus funcionários em planos de previdência complementar, cabendo a eles requerer o cancelamento em caso de desinteresse. Hoje, a lógica é inversa. O argumento do governo é que a alteração fomenta a inclusão previdenciária e a formação de poupança.

**Reserva para aposentadoria**

Governo quer flexibilizar regras para fundos de pensão, mas alcance das mudanças é alvo de controvérsia

Fundos de pensão, por tipo de patrocínio

Os maiores fundos de pensão

Os maiores planos com benefício definido

Ativo total, em R$ bi

| Plano | Ativo total, em R$ bi |
|---|---|
| PB1 (Previ) | 244,2 |
| REG/Replan (Funcef) | 73,1 |
| PPSP-Repactuados (Petros) | 48,2 |
| Plano Petros não repactuados (Petros) | 13,7 |

**R$ 27,0 bi** foi o déficit agregado dos fundos de pensão no 1º trimestre de 2022

Fonte: Previc

**Entenda o que está em discussão**

**PLANO DE BENEFÍCIO DEFINIDO**
O funcionário sabe quanto irá receber no futuro, independentemente do valor acumulado. A oferta desse tipo de plano é cada vez mais rara justamente pela tendência ao desequilíbrio, pois as contribuições recolhidas são insuficientes para bancar os pagamentos prometidos

**PLANO DE CONTRIBUIÇÃO DEFINIDA OU VARIÁVEL**
O participante recebe no futuro um benefício calculado proporcionalmente ao esforço acumulado por meio das contribuições

**Qual é a proposta do governo?**
Flexibilizar as regras para ampliar a competição, reduzir custos e elevar o potencial de rendimentos

**O que já é consenso?**
- Permissão para órgãos públicos patrocinarem planos de previdência geridos por entidades abertas de previdência complementar, como seguradoras
- Obrigar empresas estatais e sociedades de economia mista (como a Petrobras) a oferecer a seus funcionários planos em mais de uma entidade
- Permissão para órgãos públicos fazerem a inscrição automática de seus funcionários em planos de previdência complementar, cabendo a eles requerer o cancelamento em caso de desinteresse. Hoje, a lógica é inversa
- Autorização para participantes de planos de contribuição definida solicitarem portabilidade

**O que é alvo de impasse?**
- A eventual permissão para participantes de planos com benefício definido, muitos em fase de equacionamento por desequilíbrios, solicitarem a portabilidade
- Defensores argumentam que o participante precisa ter o direito de estancar perdas. Já os críticos dizem que a fatura pode acabar caindo no colo da União e suas estatais

# Crédito do Pronampe começa a ser contratado a partir de hoje

Felipe Nunes

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO O Ministério da Economia libera, a partir desta segunda-feira (25), a nova fase de contratação de crédito por meio do Pronampe (Programa Nacional de Apoio Microempresas e Empresas de Pequeno Porte). A expectativa é que R$ 50 bilhões possam ser emprestados para os pequenos negócios.

Os financiamentos poderão ser feitos pelas instituições financeiras participantes até 31 de dezembro de 2024. O Ministério da Economia ainda não divulgou quais instituições financeiras estão habilitadas para conceder o contrato de empréstimo nesta nova fase.

Para solicitar o crédito, cada empresa deverá autorizar o compartilhamento de dados de faturamento da Receita Federal com o banco em que o Pronampe será contratado.

A autorização de dados precisa ser feita pelo portal e-CAC, e é necessário ter certificado digital ou identidade digital prata ou ouro da plataforma Gov.br.

O Pronampe foi criado em 2020 para apoiar micro e pequenas empresas afetadas pela crise durante a pandemia.

Uma novidade da nova fase é que o programa também vai liberar a contratação de crédito para quem é MEI (Microempreendedor Individual). O grupo passou a ser incluído com a aprovação de lei, sancionada em maio, que tornou o programa permanente.

A lei também alterou o PEC (Programa de Estímulo ao Crédito), que passou a liberar financiamento para médias empresas com receita bruta anual de até R$ 300 milhões.

A prioridade, no entanto, continua sendo para as empresas de pequeno e médio porte —com faturamento anual de até R$ 4,8 milhões—, que terão acesso a 70% do total de recursos.

O Pronampe 2022 flexibilizou algumas regras. Agora as empresas contempladas com empréstimos podem demitir funcionários —o que era vetado em fases anteriores do programa.

Agora, ele também dispensa a exigência de certidões de regularidade fiscal, FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) e Rais (Relação Anual de Informações Sociais), entre outros.

A taxa de juros anual máxima será igual à Selic (atualmente em 13,25% ao ano). A contratação tem alíquota zero de IOF, sem cobrança de tarifas de crédito ou seguros.

**Condições de contratação e de pagamento**

**Prazo**
- Prazo total para o pagamento será de 48 meses, incluindo 11 meses de carência para iniciar o pagamento e 37 meses para a quitação do empréstimo

**Limite**
- A empresa pode pegar empréstimo de até 30% de sua receita bruta anual. Esse cálculo terá como base os 12 meses anteriores à contratação
- Para empresas com menos de um ano de funcionamento, o limite do empréstimo será de até 50% do capital social ou de até 30% de 12 vezes a média da sua receita bruta mensal apurada desde o início das atividades, em função do que for mais vantajoso

**Juros**
- taxa de juros anual máxima será igual à Selic (hoje em 13,25% ao ano), acrescida de 6%. Isso significa 19,25% ao ano. A contratação tem alíquota zero de IOF, sem tarifas de crédito ou seguros

## PAINEL S.A.

**Joana Cunha**
painelsa@grupofolha.com.br

### Silêncio

A oficialização da candidatura de Bolsonaro neste domingo (24) acontece em um momento de ruído no diálogo do presidente com o empresariado. Se, de um lado, grandes nomes do setor privado articulam uma nova manifestação pública em defesa da democracia para criticar os recentes ataques de Bolsonaro às urnas às vésperas da eleição, do outro lado, até mesmo os empresários bolsonaristas mais ostensivos passaram o dia da convenção sem grandes homenagens.

**VOZ** Entre os aliados do presidente que costumam apoiar o governo nas redes sociais, Winston Ling, Junior Durski e Salim Mattar não se manifestaram neste domingo. Luciano Hang publicou trechos do jingle da campanha, vídeo do evento e memes de apoio a Bolsonaro. "Seguimos acreditando, defendendo o país contra ideologias furadas de esquerda e em busca da preservação da liberdade", escreveu.

**URNA** Do grupo que retoma o movimento para sair em defesa do sistema eleitoral fazem parte Fábio Barbosa, presidente da Natura, e José Olympio Pereira, ex-presidente do Credit Suisse no Brasil. Antes comandada por Paulo Skaf, aliado de Bolsonaro, a Fiesp, agora sob Josué Gomes, incluiu em seu documento de diretrizes para os presidenciáveis um pedido por estabilidade democrática.

**AGENDA** Havia expectativa de que Bolsonaro participasse de um encontro com o IDV (instituto que reúne as maiores redes de varejo do país, como Riachuelo e Magalu) nesta segunda-feira (25). Porém, Bolsonaro desmarcou e não tem uma nova data confirmada.

**TRATAMENTO** Um paciente de Nova Friburgo (RJ) obteve na sexta-feira (22) uma liminar que lhe garante acesso ao tratamento com canabidiol negado pelo plano de saúde. Ele também pede indenização por dano moral no valor de R$ 10 mil, que será definido na sentença.

**DIAGNÓSTICO** A medida acontece na esteira das novas regras estabelecidas no rol da ANS, segundo o advogado Columbano Feijó, do escritório Falcon, Gail, Feijó e Sluizuas Advocacia, que representou o paciente na ação. O advogado afirma que o tratamento não está previsto na lista da agência, mas foi a única medicação que surtiu efeito aos ataques de epilepsia do seu cliente.

**RECEITA** No início de junho, o STJ entendeu que o rol da ANS é taxativo e desobrigou as operadoras de planos de saúde de custear, com a possibilidade de exceções, procedimentos não incluídos na lista de cobertura.

**EMBARQUE** O aumento na demanda por aviões particulares, que cresceu na pandemia, inflacionou o mercado para além das aeronaves novas. Segundo Anderson Markiewicz, da Líder Aviação, as aeronaves com até dois anos de idade podem chegar a custar até mais do que uma zero, porque muitos clientes não podem esperar o prazo de entrega de um modelo novo.

**PISTA** A empresa diz que vendeu 20 unidades nos últimos 12 meses, o que contribuiu para elevar o faturamento em 26% no período de janeiro a abril de 2022 ante o mesmo período do ano anterior. O segmento espera novo salto de vendas em agosto, quando acontece a Labace, feira de aviação executiva no aeroporto de Congonhas.

**CÂMBIO** Levantamento realizado pela Karvi, marketplace de carros seminovos, aponta que quase 60% dos veículos vendidos pela empresa entre fevereiro e junho são automáticos. A estimativa é que a participação desse modelo no mercado brasileiro será de 70% a partir de 2028, conforme a consultoria S&P Global. Em 2012, menos de 15% dos veículos vendidos no Brasil tinham algum câmbio do tipo.

**ASFALTO** Segundo Matías Fernández Barrios, presidente-executivo da Karvi, o movimento mostra que os consumidores estão priorizando o conforto principalmente nos espaços urbanos.

**PRATO** As doações de comida, que explodiram na pandemia, mas depois recuaram, voltam a ganhar fôlego no cenário de preocupação com a fome no país. Um grupo de 17 restaurantes, que inclui nomes como Rodeio, Fogo de Chão, Mania de Churrasco e Varanda, abre uma nova campanha nos próximos dias com a doação de latas de feijoada para cerca de 6.000 famílias. Também vão distribuir 100 mil marmitas.

**ESTÔMAGO** Também neste mês, o Assaí Atacadista anunciou um aumento de 65% nas doações de comida para organizações sociais. Segundo a empresa, a meta é superar 2.000 toneladas de frutas, legumes e verduras.

**com Paulo Ricardo Martins e Gilmara Santos**

## INDICADORES

**JUROS**
Jun., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

| | Mínimo | Máximo |
|---|---|---|
| Cheque especial | 7,73 | 8,00 |
| Empréstimo pessoal | 4,05 | 8,55 |

Fonte: Procon-SP

**CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA**
Competência junho

| Autônomo e facultativo | | | |
|---|---|---|---|
| Valor mín. | R$ 1.212,00 | 20% | R$ 242,40 |
| Valor máx. | R$ 7.087,22 | 20% | R$ 1.417,44 |

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15.jul

| MEI (Microempreendedor) | | | |
|---|---|---|---|
| Valor mín. | R$ 1.212 | 5% | R$ 60,60 |

| Assalariado | Alíquota |
|---|---|
| Até R$ 1.212,00 | 7,5% |
| De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35 | 9% |
| De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03 | 12% |
| De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22 | 14% |

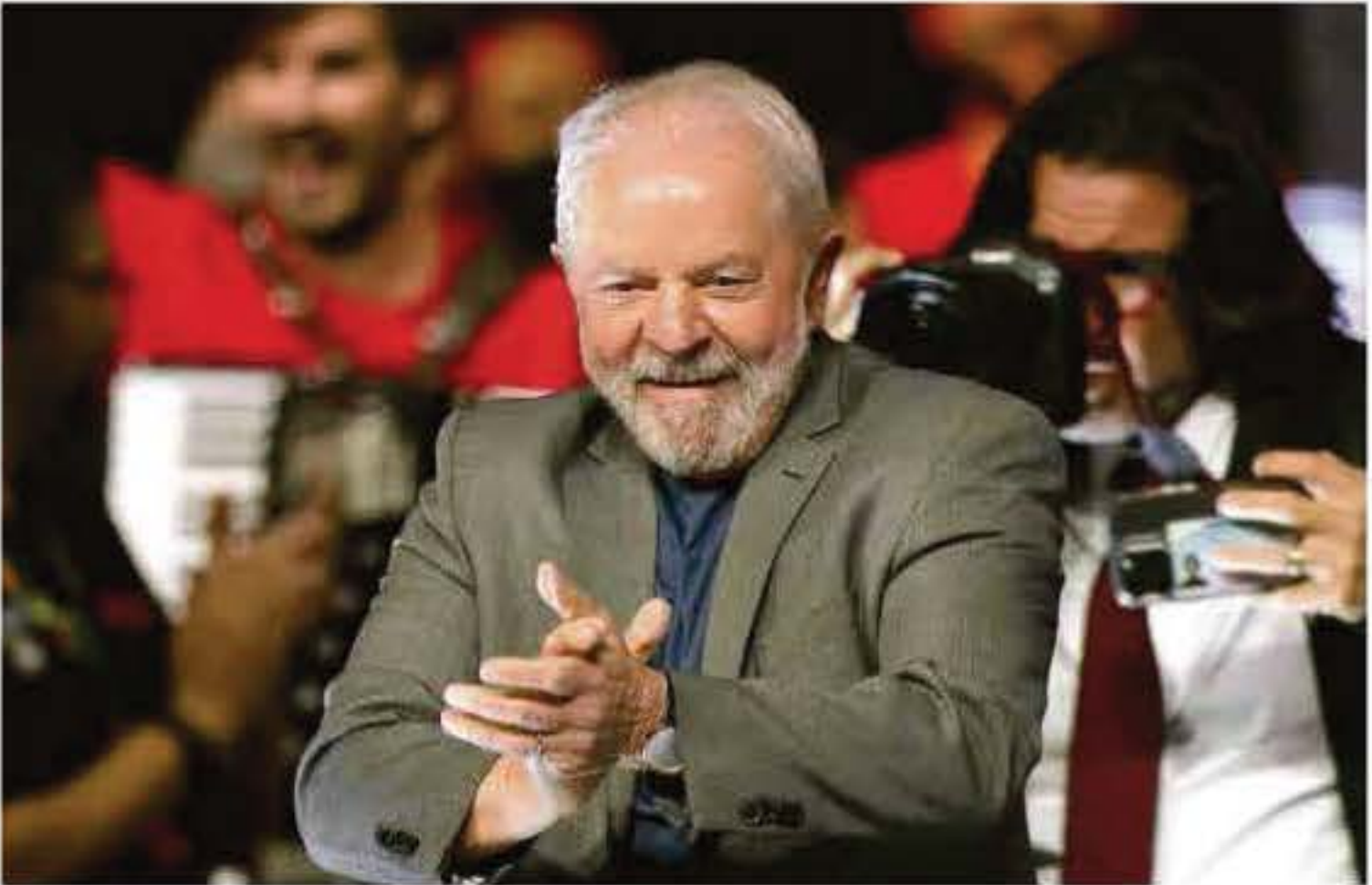
O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.jul. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

**IMPOSTO DE RENDA**

| Em R$ | Alíquota, em % | Deduzir, em R$ |
|---|---|---|
| Até 1.903,98 | Isento | |
| De 1.903,99 até 2.826,65 | 7,5 | 142,80 |
| De 2.826,66 até 3.751,05 | 15 | 354,80 |
| De 3.751,06 até 4.664,68 | 22,5 | 636,13 |
| Acima de 4.664,68 | 27,5 | 869,36 |

**EMPREGADOS DOMÉSTICOS**
Considerando o piso na capital e Grande SP

| R$ 1.433,73 | Valor, em R$ |
|---|---|
| Empregado | 110,85 |
| Empregador | 286,71 |

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 7.jul. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

O ex-presidente Lula (PT) durante ato público em Brasília Gabriela Biló - 12.jul.22/Folhapress

# PT quer bancos públicos em infraestrutura e como fiadores de empréstimos

**Proposta é que BNDES, BB e Caixa possam criar fundo para garantir crédito de empresas; política de campeões nacionais é descartada**

**Thiago Resende e Lucas Marchesini**

**BRASÍLIA** O plano para eventual novo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deverá prever o uso de bancos públicos para tentar retomar o crescimento econômico.

Uma das propostas em discussão por integrantes da campanha petista é que BNDES, Banco do Brasil e Caixa possam criar um fundo com recursos para garantir empréstimos de empresas privadas.

Esse fundo, portanto, funcionaria como fiador para que empresas brasileiras possam captar dinheiro com instituições financeiras nacionais e também do exterior.

"Esses bancos não devem atuar apenas com a oferta de crédito. Existem outros mecanismos como a constituição de um fundo garantidor para dar mais segurança para empresas privadas tomarem crédito", disse o deputado Alexandre Padilha (PT-SP), ex-ministro de Lula. Padilha tem sido escalado pela campanha para fazer a interlocução com agentes do mercado financeiro.

Nas discussões para o plano de governo da chapa Lula-Alckmin, o PT tem desenhado modelos para estimular o crescimento, principalmente, via redução das desigualdades (fortalecimento de programas sociais) e ampliação de investimentos públicos e privados.

Como mostrou a **Folha**, o projeto dos petistas inclui um programa de obras nos moldes do antigo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), para elevar os gastos públicos em infraestrutura e logística.

No entanto, a equipe da campanha do ex-presidente deixa claro que as concessões vão continuar em eventual novo mandato.

Padilha afirmou ainda que, nessa área, há a intenção de fazer com que os bancos públicos possam participar de consórcios em licitações e concessões de infraestrutura.

É comum que empresas e instituições formem consórcios para participar de um leilão de concessão, por exemplo, de obras em saneamento básico. Aliados de Lula defendem que os bancos públicos ampliem as participações nesses grupos para incentivar os investimentos.

Na parte de crédito, o plano é focar micro e pequenas e empresas e ampliar os projetos de sustentabilidade.

Não deve, portanto, ser retomado o modelo de campeões nacionais, política de gestões petistas de facilitar o crédito para grandes empresas.

"O ex-presidente Lula quer estimular o crédito para micro e pequenas empresas, que são as que mais têm dificuldade para ter acesso aos recursos. Outra prioridade é a inovação tecnológica", disse Padilha.

Nos governos Lula e da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), o BNDES recebeu aportes do Tesouro e, com o caixa reforçado, oferecia crédito a baixo custo para empresas.

A política de campeões nacionais consistia em selecionar companhias brasileiras para se tornarem gigantes no setor e terem condições de competir no mercado internacional. Essa iniciativa passou a ser criticada sob acusações de privilegiar aliados políticos.

Após a posse de Jair Bolsonaro (PL), o BNDES contratou uma auditoria para investigar operações entre os anos de 2005 a 2018 com algumas dessas empresas, como JBS, Bertin e Eldorado. O relatório não encontrou indícios de corrupção em oito operações investigadas.

Na atual gestão, a instituição tem reduzido o volume de crédito na comparação com as administrações petistas. Além disso, tem dado menor enfoque à indústria e priorizado o setor do agronegócio —base eleitoral de Bolsonaro.

No PT, os planos futuros para o BNDES são discutidos, entre outros, em um grupo específico para isso na Fundação Perseu Abramo.

O grupo tem dois ex-ministros do extinto Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Fernando Pimentel e Mauro Borges, e debate o papel dos bancos públicos e a industrialização.

Pimentel é enfático nas críticas ao papel do BNDES hoje, sob o comando de Bolsonaro. "É necessário retomar o financiamento público. Nenhuma política industrial dará certo se você tiver uma orientação macroeconômica que privilegie o mercado financeiro."

Pré-candidato à reeleição, Bolsonaro tem apresentado propostas para seu novo plano de governo em discursos e declarações nos últimos meses. Ainda não há uma coordenação para a área econômica na campanha eleitoral dele.

O projeto citado pelo presidente e pelo ministro Paulo Guedes (Economia) tem sido na linha de acelerar as privatizações. Guedes já mencionou a intenção de vender, nos próximos anos, bancos públicos, como o Banco do Brasil e o Caixa Tem, braço digital da Caixa.

O Banco do Brasil e a Caixa passam por um processo de venda de ativos desde 2016, ainda no governo do ex-presidente Michel Temer (MDB).

Outras campanhas também divergem sobre instituições financeiras públicas.

O economista Nelson Marconi, principal conselheiro econômico de Ciro Gomes (PDT), defende que o BNDES volte a financiar a exportação, o que, segundo ele, deixou de acontecer nos últimos anos.

"É um problema muito sério porque, para desenvolver, precisa exportar. Outros países fazem, a gente não vai fazer?"

Ciro é terceiro colocado nas pesquisas de intenção de voto. Em encontro com empresários, ele tem defendido ampliar o capital do BNDES. Em 2018, ele apresentou a proposta de capitalizar o banco de desenvolvimento com recursos de reservas internacionais.

"Hoje o banco se transformou em um escritório de projetos. A gente entende que essa atividade de auxílio na formação de projetos é importante, mas tem que retomar atividade de financiamento", afirmou o "guru" econômico do pré-candidato do PDT.

Responsável pelo programa econômico de Simone Tebet (MDB), Elena Landau criticou a gestão do BNDES nos governos petistas. "Foram gastos mais de R$ 300 bilhões em subsídios para a elite empresarial, o que equivale a mais de dez anos de Bolsa Família, e isso não gerou nada."

Para ela, o banco tem que retomar a posição de destaque nas privatizações e tem capacidade de atuar como um braço para o PPI (programa de parcerias de investimentos).

"O BNDES tem capacidade de ter sua própria captação. É um banco sólido e tem funcionado bem no financiamento de projetos, como saneamento", disse a economista.

No caso da Caixa e do BB, Landau defende que essas instituições têm funções já definidas, como foco na área habitacional e agrícola, respectivamente. "Não se pode é administrar mal essa função e conceder os empréstimos de forma equivocada."

> **Esses bancos não devem atuar apenas com a oferta de crédito. Existem outros mecanismos como a constituição de um fundo garantidor para dar mais segurança para empresas privadas tomarem crédito**
>
> **Alexandre Padilha**
> ex-ministro de Lula e que tem sido escalado pela campanha para fazer a interlocução com agentes do mercado

> **O banco [BNDES] se transformou em um escritório de projetos. Tem que retomar atividade de financiamento**
>
> **Nelson Marconi**
> conselheiro econômico de Ciro Gomes (PDT)

> **O BNDES tem capacidade de ter sua própria captação. É um banco sólido e tem funcionado bem no financiamento de projetos, como saneamento**
>
> **Elena Landau**
> Responsável pelo programa econômico de Simone Tebet (MDB)

# Empresários preparam novo manifesto pró-democracia

## Texto em defesa do sistema eleitoral deve ser publicado nesta terça (26)

**Douglas Gavras**

SÃO PAULO Com a proximidade das eleições e quase um ano após terem lançado um manifesto em defesa da democracia, empresários têm se articulado novamente para reafirmar a confiança no sistema eleitoral, em meio à escalada dos ataques feito pelo presidente Jair Bolsonaro (PL).

Em segundo nas pesquisas —atrás de Luiz Inácio Lula da Silva (PT)—, Bolsonaro tem dobrado a aposta em seus ataques para a deslegitimar o pleito de outubro.

Na semana passada, ele chegou a protagonizar um evento com diplomatas estrangeiros em que repetiu críticas sem comprovação contra o sistema eleitoral.

O episódio, que foi criticado mais tarde até mesmo por aliados do presidente, foi interpretado por empresários e juristas como um dos mais graves capítulos na escalada antidemocrática de Bolsonaro.

Na sexta (22), o presidente da Natura, Fábio Barbosa, recordou, por meio de uma postagem em seu perfil no LinkedIn, que esteve envolvido com o manifesto "Eleições serão respeitadas", de 2021, e aproveitou para reiterar os princípios do movimento em defesa da democracia.

"Há cerca de um ano, estive muito envolvido nas discussões desde o princípio e fui uma das primeiras pessoas que assinaram o manifesto 'Eleições serão respeitadas'. Agora que as eleições estão se aproximando, é ainda mais necessário reafirmar o nosso compromisso com a democracia no Brasil. Defender a democracia é papel de todo cidadão", escreveu.

À **Folha** ele reforçou que diversas iniciativas estão ocorrendo, com o intuito de defender a democracia e a validade das eleições. Com a subida de tom feita por Bolsonaro e a proximidade do 7 de Setembro, que pode marcar uma reedição do ato de caráter golpista de 2021, Barbosa tem a avaliação de que a sociedade civil precisa se movimentar.

"O manifesto de 2021 começou a rodar nas redes sociais novamente, e o que fiz foi endossar o texto e lembrar que estive lá. Enquanto houver essa dúvida no ar [sobre a legitimidade das eleições], é necessário ter um movimento contrário."

Barbosa é um dos 1.500 que assinaram a nova edição da "Carta aos Brasileiros", manifesto inspirado em um movimento contra a ditadura militar que ocorreu em 1977, na Faculdade de Direito da USP.

"Sem dúvida também serei signatário, a sociedade precisa se manifestar sobre o que está acontecendo no Brasil, não podemos ficar indiferentes quando o Estado democrático de Direito é ameaçado", diz José Olympio Pereira, ex-presidente do Credit Suisse no Brasil, que também participou do manifesto de 2021.

"Restauramos a nossa democracia, escrevemos uma nova Constituição em 1988 e queremos um país próspero e justo. Na hora em que se começa a ameaçar a democracia, o país é ameaçado."

Ele afirma que a ameaça é o Brasil mudar de categoria —de um país emergente e importante para uma "república de bananas"— e que os sinais são muito ruins.

"O presidente Bolsonaro tem toda a legitimidade para concorrer à reeleição, ele foi eleito democraticamente, sempre por esse sistema, e essas são as regras do jogo."

Pereira completa que se questionou a segurança do sistema eleitoral e não há evidência de que esteja comprometido. "Ganhar ou perder seguindo as regras do jogo faz parte, mas não dá para querer questionar as urnas", disse.

"Goste-se ou não de quem for eleito, temos de contribuir para que ele ou ela leve o país para a frente. O que me preocupa é que, com essa polarização, acabamos não discutindo o projeto de país que queremos", diz.

Na avaliação do executivo, ainda não está claro —e nem sendo debatido— o que o ex-presidente Lula pretende fazer, caso volte ao governo, ou o que o presidente Bolsonaro pretende fazer em um segundo mandato. "Deveríamos estar focando o projeto de Brasil que queremos, não uma discussão que quer desestabilizar a democracia."

Na esteira da nova edição da carta, um segundo texto (feito por entidades, sindicatos e associações empresariais) também está sendo preparado, ainda passa por ajustes e tem previsão publicação nesta terça-feira (26).

Segundo fontes, a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) tem se empenhado em costurar apoio na área empresarial aos manifestos pró-democracia. Procurada, a entidade não confirmou ou negou sua participação na articulação.

Além dos manifestos, na semana, passada, a coluna Painel S.A. havia apontado que a entidade preparou uma lista de diretrizes para encaminhar aos presidenciáveis, citando a necessidade de estabilidade democrática e o respeito ao Estado de Direito. O posicionamento, porém, não foi consenso dentro da Fiesp.

Os ruídos na articulação das entidades empresariais para a defesa da democracia também não são novos. Em 2021, a Caixa e o Banco do Brasil ameaçam deixar a Febraban (federação que representa os bancos no país), caso ela aderisse a um manifesto articulado pelo então presidente da Fiesp, Paulo Skaf.

Os empresários, juristas e demais representantes da sociedade civil têm se articulado em defesa do sistema eleitoral, após a escalada de ataques feitos por Bolsonaro.

Eventos com esse objetivo estão programados para 11 de agosto, na Faculdade de Direito da USP, com a leitura de diferentes manifestos.

Um deles deve reunir empresários e representantes da sociedade, às 10h, no Salão Nobre, quando será lido o manifesto das entidades empresariais e associações. No outro, às 11h30, será feita a leitura da nova edição do manifesto "Carta aos Brasileiros" no pátio da faculdade.

Os atos na USP já haviam sido divulgados no dia 21 pelo jornalista Reinaldo Azevedo, em sua coluna na **Folha**.

O dia 11 de agosto faz referência à criação dos cursos jurídicos no Brasil e também é o nome do centro acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Em 1977, representantes da comunidade acadêmica também leram no largo de São Francisco o manifesto em repúdio à ditadura militar.

"São contextos diferentes. No lançamento da carta de 1977, vivíamos em uma ditadura e o documento pedia o retorno da democracia. Agora, estamos com a democracia ameaçada e é uma carta em defesa da democracia contra o retorno de uma ditadura", diz Celso Campilongo, diretor da Faculdade de Direito da USP.

> Enquanto houver essa dúvida no ar [sobre a legitimidade das eleições], é necessário ter um movimento contrário
>
> **Fábio Barbosa**, Natura

> A sociedade precisa se manifestar sobre o que está acontecendo no Brasil, não podemos ficar indiferentes quando o Estado democrático de Direito é ameaçado
>
> **José Olympio Pereira**, ex-presidente do Credit Suisse no Brasil

# Caos aéreo estraga férias de verão de europeus

**Escassez de funcionários, greves e retomada rápida da demanda após fim de restrições levam a atrasos e cancelamentos**

**LONDRES, PARIS, ATENAS E MANCHESTER | FINANCIAL TIMES** As "férias do inferno" de Marivi Wright começaram quando os sistemas da Air France falharam e a equipe teve de fazer manualmente o check-in dos passageiros no voo de Nova York para a Europa.

Ela perdeu dois voos de conexão enquanto voava de Paris para a Espanha para visitar sua mãe, 83, pousando em Málaga com 12 horas de atraso. A bagagem tinha desaparecido.

"Minha mãe tem demência, e esse era o meu momento de sentar com ela para ver fotos", disse Wright, explicando que elas estavam na mala perdida. "Passei tempo comprando roupas no aeroporto ou preenchendo reclamações. Esse é o tempo com minha mãe que nunca vou recuperar. Estou emocionalmente esgotada", acrescentou.

Wright é um dos milhões de passageiros que passaram por férias de verão caóticas à medida que cancelamentos e interrupções de voos varreram a Europa.

Os problemas decorrem da escassez crônica de pessoal em muitas partes do setor de aviação, incluindo companhias aéreas, aeroportos e empresas de assistência em terra, que são subcontratadas para fornecer serviços, incluindo check-in e encaminhamento de bagagem.

À medida que as restrições de viagem pelo coronavírus foram suspensas e muitos planejaram suas primeiras viagens em dois anos, a demanda se recuperou mais rapidamente do que o setor conseguiu contratar novos funcionários.

Passageiros em fila no check-in no aeroporto de Düsseldorf, na Alemanha 1º.jul.22 - Ina Fassbender/AFP

Surtos de ação setorial aumentaram os problemas, como uma greve de pilotos na escandinava SAS que contribuiu para sua declaração de falência neste mês.

"Há problemas em todos os aeroportos da Europa", disse Akbar Al Baker, presidente-executivo da Qatar Airways. "Enfrentamos os mesmos problemas na França, na Bélgica, na Holanda, na Alemanha. Na verdade, é uma epidemia."

Os passageiros também sofreram atrasos não quantificados, filas e bagagens perdidas, pois a indústria não conseguiu lidar com o grande número de passageiros.

Nikolas Syrimis passou 12 horas dentro do aeroporto Schiphol, em Amsterdã, na semana passada, incluindo duas horas e meia em filas "insanamente longas", depois que seu voo da EasyJet foi cancelado por causa de danos na pista causados pelas temperaturas extremas no aeroporto de Luton, em Londres.

"Apesar de todas as notícias, ver a coisa pessoalmente não é nada parecido com o que eu já tinha experimentado", disse ele.

Os principais aeroportos centrais, incluindo Heathrow, em Londres, e Frankfurt, forçaram as companhias aéreas a reduzir seus horários para limitar a superlotação, e a holandesa KLM disse na quinta-feira (21) aos passageiros que faziam transferência pelo Schiphol que não tentassem despachar bagagem após uma falha nos sistemas.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

---

**EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA**
**1º LEILÃO: 11 de agosto de 2022, às 16h00min ***
**2º LEILÃO: 23 de agosto de 2022, às 16h00min *. (*horário de Brasília)**

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira Oficial, JUCESP nº 836, com escritório na Rua Hipódromo, 1141, Sala 86, Mooca, São Paulo/SP, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará a PÚBLICO LEILÃO de modo PRESENCIAL E ON-LINE, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizado pelo Credor Fiduciário RWR PARTICIPAÇÕES LTDA., pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ/MF sob nº 07.295.786/0001-56, nos termos do instrumento particular com caráter de escritura pública lavrado de 11/09/2018, firmado com os fiduciantes WOOK HUH, CPF/MF nº 031.914.808-05, e sua mulher YOO SIN LEE HUH, CPF/MF nº 059.292.948-52, em PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a R$ 3.027.852,40 (Dois milhões vinte e sete mil oitocentos e cinquenta e dois reais e quarenta centavos - atualizado conforme disposições contratuais), o imóvel constituído por: "Apartamento nº 86 com área privativa real de 135,9555m² e área real total de 367,9655m², com direito a um armário depósito demarcado com o nº 86, 03 boxes de garagem, do "Edifício Paula", situado na Rua Ásia nº 54, São Paulo/SP, melhor descrito na matrícula nº 116.986 do 14º Oficial de Registro de Imóveis da Comarca São Paulo/SP". Imóvel ocupado. Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. Ônus do Imóvel: Consta conforme Av.05 a penhora sobre os direitos do fiduciante, extraído dos autos da Ação de Execução Civil, processo nº 0015921-83.2020.8.26.0100, movida por Sae Hoon Lee, CPF/MF nº 110.803.878-05, Kyu Soon Lee, CPF/MF nº 156.403.305-83 e Chan Eun Lee, CPF/MF Nº 154.145.758-05. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a R$ 1.881.415,43 (um milhão oitocentos e um mil quatrocentos e quinze reais e quarenta e três centavos – nos termos do art. 27, § 2º da Lei 9514/97). O leilão presencial ocorrerá no escritório da Leiloeira. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br, encaminhar a documentação necessária para liberação do cadastro 24 horas do início do leilão. Ficam fiduciantes, os credores da penhora constante na Av.05 (Sae Hoon Lee, CPF/MF nº 110.803.878-05, Kyu Soon Lee, CPF/MF nº 156.403.305-83 e Chan Eun Lee, CPF/MF Nº 154.145.758-05), e demais interessados, INTIMADOS das designações supra, através da publicação deste EDITAL, nos termos do art. 274, parágrafo único art. 887, § 2º, § 3º e § 5º e art. 889, parágrafo único, todos do Novo Código de Processo Civil, caso não sejam localizados para a intimação pessoal. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A ÍNTEGRA DESTE EDITAL NO SITE: www.FrazaoLeiloes.com.br, informações pelo tel. 11-3550-4066. (AIEIv – RegTer _01)

---

São Paulo, 25 de julho de 2022

**EDITAL DE CONVOCAÇÃO**

O Presidente da Comissão Provisória partido político **SOLIDARIEDADE REGIONAL DE SÃO PAULO**, na forma do Estatuto Partidário, convoca todos os convencionais e filiados **SOLIDARIEDADE** do Estado de São Paulo, para a convenção estadual presencial que se realizará no dia 30 de julho de 2022, com início às 9h, com encerramento previsto para as 12h, sendo a primeira chamada prevista para 9:30h, e caso não atinja o quórum, a segunda chamada se realizará às 11h, a ser realizada na Capital, no endereço Rua Galvão Bueno, 782 – Liberdade – São Paulo/Capital.

**ORDEM DO DIA**

a) – ***Decisão sobre a formação de coligações para a eleição majoritária e escolha dos candidatos das chapas proporcionais, para a eleição de 2022.***

b) – ***Assuntos Gerais decorrentes da eleição de 2022.***

**ALEXANDRE PEREIRA DA SILVA**
**Presidente do Diretório do Solidariedade Regional São Paulo**

---

**AVISO DE LICITAÇÃO – PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20220709**

A Secretaria da Casa Civil torna pública a REMARCAÇÃO do Pregão Eletrônico No 20220709, de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é Registro de Preço para futuras e eventuais aquisição de Equipamento Hospitalar. Motivo: Alterações no Edital. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 7092022, até o dia 09/08/2022, às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 20 de Julho de 2022. ISABEL MARIA SILVA BRAGA - PREGOEIRA

---

Veículos e Motos c/ Documentos e Fim de vida útil (Sucatas)

**VISITAÇÃO:** 22 e 25/07/2022 - das 09h às 12h e das 13h às 16h - **PÁTIO GRUPO 7:** Av. Conde Zepelin, 175 - Éden - Sorocaba/SP - **PÁTIO GRUPO CARVALHO:** Estrada Ferroviário João de Oliveira, 100 - Ipanema das Pedras - Sorocaba/SP.

* Aquisição e visitas nas modalidade "em fim de vida útil" e "reciclagem" apenas pessoas jurídicas devidamente credenciadas no DETRAN-SP ** Leilão somente online.

*** Maiores informações, visitação e edital completo no site.

**Leiloeiro Oficial - Antonio Bolla Ferreira Lima - JUCESP 578**

**Tel. (11) 5512-2226 | www.ConceitoLeiloes.com.br**

---

**AVISO DE LICITAÇÃO – PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20221123**

A Secretaria da Casa Civil torna pública o Pregão Eletrônico No 20221123 de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de Equipamento Hospitalar, conforme especificações contidas no edital e seus anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 11232022, até o dia 09/08/2022, às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 19 de Julho de 2022. RAIMUNDO LIMA DE SOUZA - PREGOEIRO

---

**AVISO DE LICITAÇÃO – PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20220086**

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20220086 de interesse da Companhia de Água e Esgoto do Ceará – CAGECE, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de Fita isolante, conforme especificações contidas no edital e seus anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 11182022, até o dia 09/08/2022, às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 20 de Julho de 2022. VALDA FARIAS MAGALHÃES - PREGOEIRA

---

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA - O SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO E DO MOBILIÁRIO DE SANTO ANDRÉ, MAUÁ, RIBEIRÃO PIRES E RIO GRANDE DA SERRA, inscrito no CNPJ/MF sob nº 57.518.276/0001-83, com sede na Rua: Siqueira Campos, 33, Centro, CEP 09020-240, no município de Santo André/SP - Fone 4436-3211, com base territorial nos municípios de: Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Pelo presente edital, através de seu Presidente, CONVOCA todos os trabalhadores dos setores das indústrias de Mármores e Granitos, Cimento, Cal, Gesso e Argamassa e EMPRESA LAGARGEHOLCIM (BRASIL) S.A. da sua base territorial, associados ou não, todos com direito a voto, para participarem da Assembleia Geral Extraordinária, a realizar-se no dia 29 de Julho de 2022, às 17:00, em nossa SubSede, na Rua: Capitão José Gallo, 380 - Centro em Ribeirão Pires/SP, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: 1) Aprovação da ata anterior; 2) Apresentação, discussão e aprovação do rol de reivindicação da categoria de Mármores e Granitos, Cimento, Cal, Gesso e Argamassa e EMPRESA LAGARGEHOLCIM (BRASIL) S.A. referente data-base de 01/10/2022; 3) Concessão de poderes à diretoria do Sindicato para que juntamente com os demais Sindicatos, sob a coordenação da FETICOM, dê início ao processo de negociação e possa firmar Acordo/ Convenção Coletiva e posteriormente, se for o necessário, instaurar o competente Dissídio Coletivo (Econômico/ Greve); 4) Discussão e aprovação do desconto a título de Contribuição Assistencial - sendo o percentual de 1,2 % (um vírgula dois por cento) - para custeio da organização sindical, descontado de todos os trabalhadores das categorias, associados ou não, beneficiados pelas cláusulas normativas a serem firmadas; e 5) Decidir pela manutenção da Assembleia em caráter permanente até o final do processo de negociação, mediante convocação quando se fizer necessário. Se na hora aprazada não houver "quorum", a Assembleia realizar-se-á em segunda convocação, 1 (uma) horas após, com os presentes, cujas deliberações terão plena validade, relativamente aos assuntos em pauta, para as categorias. Santo André, 25 de Julho de 2022. Luiz Carlos Biazi - Presidente.

---

**AVISO DE LICITAÇÃO – PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20221034**

A Secretaria da Casa Civil torna pública o Pregão Eletrônico No 20221034 de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de medicamentos, conforme especificações contidas no edital e seus anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 10342022, até o dia 09/08/2022, às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 19 de Julho de 2022. AURÉLIA FIGUEIREDO GURGEL - PREGOEIRA

---

**CAIXA** MINISTÉRIO DA ECONOMIA GOVERNO FEDERAL

**LOCAÇÃO DE IMÓVEL DESTINADO À INSTALAÇÃO DA AGÊNCIA DA CAIXA, EM ARARAS, SP**

A Caixa Econômica Federal torna público seu interesse na locação de imóvel pronto ou a construir. O imóvel deve estar localizado, entre Praça Barão de Araras - Centro - Araras/SP – Rua Silva Telles - Centro – Araras/SP, Rua Coronel André Urson Junior - Centro – Araras/SP - Rua Nunes Machado - Centro - Araras/SP. Deverá possuir documentação regularizada junto aos Órgãos públicos, ter idade aparente em torno de 10 (dez) anos, no máximo, possuir área de aproximadamente 1.212,41m², com pé direito mínimo de 3,5m, preferencialmente em um único pavimento (térreo), com vão interno livre de colunas. Deverá possuir sanitários e área de estacionamento conforme exigências da Prefeitura local. No caso de imóvel a construir, a construção deverá obedecer às normas de acessibilidade, à legislação do município referente ao uso do solo quanto a recuos, taxa de ocupação do terreno, vagas de estacionamento e demais normas aplicáveis. Os interessados deverão encaminhar carta proposta assinada contendo os dados para contato, endereço completo do imóvel, área construída em m², preço da locação por m² da área construída e preço mensal da locação, anexando plantas baixas com as respectivas áreas, cópia do Registro Geral de Imóveis (RGI), fotografias e IPTU. Os documentos devem ser enviados via Sedex ou entregues no seguinte endereço: Rua das Marrecas, nº 20, 12º andar, Torre 3 Centro Rio de Janeiro/RJ, CEP: 20.031-120 e por meio digital para o e-mail ceagr04@caixa.gov.br com tamanho máximo de 10MB. Esclarecemos que a pesquisa de mercado ficará aberta ao recebimento das ofertas de imóveis até que se torne público o seu encerramento.

---

FEDERAÇÃO INDEPENDENTE DOS TRABALHADORES NAS INDUSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO - Edital de Convocação - Assembleia Geral Extraordinária Híbrida - A FEDERAÇÃO INDEPENDENTE DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO DE SÃO PAULO (FITIASP), entidade sindical de segundo grau, portadora do CNPJ/MF nº 45.219.311/0001-60, por suas entidades filiadas o SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE LATICÍNIOS E ALIMENTAÇÃO DE SÃO PAULO - STILASP, portador do CNPJ/MF nº 62.606.575/0001-53, com sede a Avenida Celso Garcia nº 1588 - Belém - São Paulo/SP; o SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO DE GUARULHOS - SITIAG, portador do CNPJ/MF nº 49.088.400/0001-03 com sede a Rua Armando de Lima nº 304 - Centro - Guarulhos/SP; o SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO DE BOITUVA/PORTO FELIZ E REGIÃO- SITIA, portador do CNPJ/MF nº 55.146.096/0001-92, com sede a na Avenida do Trabalhador, nº 2841 - Centro Empresarial Portal Castelo Branco - Boituva/SP; o SINDICATO INTERMUNICIPAL DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS DE MOCOCA - SITIAMOC, portador do CNPJ/MF nº 00.373.674/0001-31, com sede a Rua José Ribeiro 85 Jardim São José, Mococa/SP; o SINDICATO DOS TRABALHADORES ATIVOS E APOSENTADOS NAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS DE CAMPOS DO JORDÃO/SP - STIACAMPOS, portador do CNPJ/MF nº 43.441.664/0001-07, com sede a Avenida Frei Orestes Girardi nº 371, Vila Abernéssia, Campos do Jordão/SP; o SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS DO VALE DO RIBEIRA E SANTOS - STABVALE, portador do CNPJ/MF nº 58.255.811/0001-13, com sede a Rua do Comércio, nº 25 - salas 12/14, Centro, Santos; o SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO E AFINS DE SOROCABA E REGIÃO - STI, portador do CNPJ/MF nº 71.869.549/0001-65, com sede a Rua Piauí nº 105 - Centro - Sorocaba/SP; o SINDICATO DOS TRABS NAS IND DE ALIM E AFINS DE CRUZEIRO, portador do CNPJ/MF nº 47.436.338/0001-93, com sede a Avenida Nesralla Rubez, 1346, Cruzeiro/SP, e o SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO DE GUARATINGUETÁ E REGIÃO, portador do CNPJ/MF nº 48.554.075/0001-40, com sede a Avenida Rui Barbosa nº 122, Santa Rita, Guaratinguetá/SP, no uso de suas prerrogativas previstas no Estatuto Social, tendo em vista a proposta de negociação apresentada pela entidade patronal, SIND IND ALIM CONG SUPERCONG SORV CONC L/OF EST S PAULO, CONVOCA, os trabalhadores da categoria profissional das indústrias de sucos, associados e não associados das Entidades Filiadas a participarem da assembleia geral extraordinária, a ser realizada na forma híbrida (presencial e virtual), no dia 28 de julho de 2022, às 16:00 horas, tendo como local para a forma presencial na sede social situada a Avenida Celso Garcia, 1.588 - Belém, São Paulo/SP e na forma virtual será realizada através da plataforma de videoconferência Microsoft Teams em link de endereço: https://teams.microsoft.com/l/meetup-join/19%3ameeting_YWZkYTIyNmMtYmM4Ni00ODJlLWE3ZmUtOD E1MDY3NzQ1MTI2%40thread.v2/0?context=%7b%22Tid%22%3a%22917ce905-0fb6-4840-8afa-fb5a06f6419b%22%2c%22Oid%22%3a%22e69dc572-c676-4720-bb26-dfd2b01a4176%22%7d para deliberação da seguinte pauta: a) Aprovação ou não da contraproposta apresentada pela Entidade Patronal, qual seja: 1) Correção salarial pelo INPC na data-base de maio/2022, no percentual de 12,47%, aplicáveis até o teto de R$9.028,39 (nove mil e vinte e oito reais e trinta e nove centavos) com parcela fixa de R$1.125,84 (hum mil cento e vinte e cinco reais e oitenta e quatro centavos), acima deste valor; 2) Correção na cesta básica em 15,73%, a partir de maio/2022, indo para o valor mensal de R$185,00 (cento e oitenta e cinco reais); 3) correção do piso salarial em 14% indo para R$1.680,00 (hum mil seiscentos e oitenta reais), a partir de maio/2022; 4) Multa do PLR no valor de 1 (hum) piso normativo, para empresas que não possuem o programa. 5) manutenção das demais cláusulas em vigor; b) Autorização para celebrar a Convenção Coletiva de Trabalho da categoria profissional das indústrias de sucos e na impossibilidade desta, ingressar com Dissídio Coletivo; e c) Discussão, deliberação e aprovação do desconto da Contribuição Assistencial no percentual equivalente a 1% (um por cento), do salário, inclusive do 13º salário. Em decorrência da pandemia, durante a Assembleia Geral Extraordinária serão observados os protocolos de prevenção da COVID-19. São Paulo/SP, 22 de julho de 2022. Paulo Viana - Presidente

---

**SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA CIVIL - RJ**

**AVISOS**

PROCESSO SE-270042/000343/2021
PREGÃO ELETRÔNICO Nº 38/22
OBJETO: PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE GERENCIAMENTO DE MANUTENÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E SEUS IMPLEMENTOS
DATA DE ABERTURA: 05/08/2022, às 09h.
DATA ETAPA DE LANCES: 05/08/2022, às 09h30min.

O Edital encontra-se à disposição dos interessados no site: www.compras.rj.gov.br ou www.cbmerj.rj.gov.br/licitacoes, podendo ser retirado, de forma impressa, na Coordenação de Licitações e Contratos/DGAF/SEDEC, sito à Praça da República, 45 – Centro – RJ, de 2ª a 5ª feira, das 08:00 às 17:00 horas, e 6ª feira, das 08:00 às 12:00 horas. Informações pelos Tels. (21) 2333-3084 / 2333-3085 ou pelo e-mail pregoeletronico@cbmerj.rj.gov.br

PROCESSO SE-270042/000426/2021
PREGÃO ELETRÔNICO Nº 37/22
OBJETO: AQUISIÇÃO DE AERONAVE ASA FIXA
DATA DE ABERTURA: 24/08/2022, às 09h.
DATA ETAPA DE LANCES: 24/08/2022, às 09h30min.

O Edital encontra-se à disposição dos interessados no site: www.comprasgovernamentais.gov.br ou www.cbmerj.rj.gov.br/licitacoes, podendo ser retirado, de forma impressa, na Coordenação de Licitações e Contratos/DGAF/SEDEC, sito à Praça da República, 45 – Centro – RJ, de 2ª a 5ª feira, das 08:00 às 17:00 horas, e 6ª feira, das 08:00 às 12:00 horas. Informações pelos Tels. (21) 2333-3084 / 2333-3085 ou pelo e-mail pregoeletronico@cbmerj.rj.gov.br.

**SECRETARY OF STATE OF CIVIL DEFENSE - RIO DE JANEIRO**

**NOTICE**

BIDDING N.º 37/2022

PROCESS: SEI-270042/000426/2021
OBJECT: Acquisition of fixed-wing aircraft (airplane)
OPENING DATE: 24/08/2022
HOUR 09:00 AM – Local Time LOCAL: Virtual public session – www.comprasgovernamentais.gov.br

The Rio de Janeiro Military Fire Department (Brazil) wishes to inform those whom it may concern that the draft of the bidding documents, contract agreement, annexes, additional terms and conditions for Public Purchases – The objects will be available at the following websites www.comprasgovernamentais.gov.br or www.cbmerj.rj.gov.br/licitacoes. Sign in: fixed-wing aircraft (airplane) / aeronave de asa fixa (avião) – August 24, 2022 (09:00 AM) – Local Time.

---

**AVISO DE LICITAÇÃO**
**LPN – LICITAÇÃO PÚBLICA NACIONAL Nº 20220006**
**IG Nº 1162997000**

A Secretaria da Casa Civil, torna pública a Licitação Pública Nacional No 20220006/SPS de interesse da Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos - PROJETO: PROGRAMA DE APOIO ÀS REFORMAS SOCIAIS – PROARES III - CONTRATO DE EMPRÉSTIMO No: 3408/OC-BR. 1. O Governo do Estado do Ceará recebeu um empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, em várias moedas, relativo ao custo do Programa de Apoio às Reformas Sociais – PROARES III, e pretende aplicar parte dos recursos desse empréstimo em pagamentos elegíveis nos termos do Contrato para CONTRATAÇÃO DE EMPRESA, POR GRUPO, PARA REALIZAR A CAPACITAÇÃO INICIAL DAS EQUIPES DAS CASAS DA MULHER CEARENSE NOS MUNICÍPIOS DE JUAZEIRO DO NORTE, SOBRAL E QUIXADÁ, ONDE SE ENCONTRAM OS REFERIDOS EQUIPAMENTOS SOCIAIS, CONSTRUÍDOS PELO PROGRAMA DE APOIO ÀS REFORMAS SOCIAIS DO CEARÁ – PROARES III. 2. O Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos - SPS, doravante denominada 'Contratante', solicita propostas fechadas de Concorrentes elegíveis para a execução dos Serviços referidos no Item 1 acima e descritos nas Especificações Técnicas, Anexo VII do Edital. 3. A documentação completa relativa à licitação pode ser adquirida gratuitamente pela internet no site www.seplag.ce.gov.br ou na Comissão Central de Concorrências - CCC, situada na Central de Licitações do Estado do Ceará, com endereço à Av. Dr. José Martins Rodrigues, no 150 – Edson Queiroz, na cidade de Fortaleza - Ceará, Fones: (85) 3459-6374/3459-6376, no horário de 8h às 12h e de 14h às 17h30min mediante apresentação de um pen drive. 4. As propostas deverão ser entregues na Comissão Central de Concorrências - CCC, com endereço à Av. Dr. José Martins Rodrigues no 150 – Bairro Edson Queiroz, na cidade de Fortaleza - Ceará, Fones: (85) 3459- 6374/3459-6376, até às 9 h do dia 25 de agosto de 2022, acompanhada de Garantia de Proposta no valor de R$ 1.942,47 (um mil, novecentos e quarenta e dois reais e quarenta e sete centavos) para o Grupo 1, R$ 1.939,47 (um mil, novecentos e trinta e nove reais e quarenta e sete centavos) para o Grupo 2 e R$ 1.924,47 (um mil, novecentos e vinte e quatro reais e quarenta e sete centavos) para o Grupo 3, que correspondem a 2% do valor estimado da licitação, e serão abertas imediatamente após na presença dos interessados que desejarem assistir à cerimônia de abertura. 5. Os Serviços devem ser executados no Local de Execução, conforme descrito no Anexo IV, Escopo dos Serviços e no Anexo II, Dados do Contrato. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 21 de Julho de 2022. MARIA BETÂNIA SABOIA COSTA - VICE PRESIDENTE DA CCC

**tec**

# Hora de dizer adeus às senhas

De solução, login e senha hoje viraram problema

**Ronaldo Lemos**

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

*No início da década 1960, o físico Fernando José Corbató tinha um problema nas mãos. Como permitir que pessoas diferentes pudessem compartilhar uma mesma rede de computadores, identificando cada pessoa?*

*Corbató teve então uma ideia que revolucionaria nossas vidas. Ele inventou o sistema de login e senha, que rapidamente se tornou a principal forma de autenticação da internet.*

*Corte para 2022. A invenção de Corbató tornou-se completamente infernal no mundo de hoje. Logins e senhas atazanam a vida de todas as pessoas conectadas no planeta. Para piorar, a maioria das pessoas adota a mesma senha para vários sites diferentes. Ou, ainda, usa senhas fracas, fáceis de serem adivinhadas ou quebradas.*

*Isso sem contar os frequentes vazamentos que revelam senhas publicamente. Por exemplo, na semana passada, circulou um arquivo na internet com o login e a senha de mais de 1.500 emails do governo federal. Uma vergonha, e uma ferramenta perfeita para falsários aplicarem golpes e outros tipos de ataque.*

*Em outras palavras, boa parte da segurança do mundo digital de 2022 depende de uma tecnologia inventada quando os Beatles não tinham sequer lançado o primeiro álbum.*

*Em razão disso está se formando um consenso de que está na hora de acabar com o modelo de login e senha e criar uma nova forma de autenticação digital.*

*Há muitas alternativas para isso surgindo no horizonte. Hoje já é comum, por exemplo, que vários sites e aplicativos exijam apenas a biometria da pessoa para permitir o acesso no dia a dia. Seja a identificação da impressão digital no celular, seja o reconhecimento facial.*

*Além disso, os aplicativos de autenticação começam a se popularizar. Ao entrar em um determinado serviço, o usuário tem de confirmar o acesso por meio do app, ou ainda digitar um código único gerado por ele na hora.*

*Mas o golpe mais forte contra as senhas está sendo construído por meio da coalizão da indústria de tecnologia chamada Aliança Fido (Fast Identity Online, ou identidade online rápida). Essa coalizão lançou neste ano um projeto técnico de substituir login e senha exclusivamente pelo telefone celular. Se a pessoa tiver seu celular em mãos, poderá ser autenticada por biometria e com isso acessar qualquer site online sem a necessidade de digitar senhas.*

*O sistema prevê o uso de uma "chave mestra" que fica guardada no aparelho de forma segura. Essa chave abriria então as portas para qualquer serviço online, sem a necessidade de lembrar senhas ou nomes de login.*

*Considerando que a Aliança Fido tem como membros empresas como Google, Microsoft, Meta, Amazon e várias outras, a mudança pode ser abrangente.*

*A previsão é que já em 2023 esse novo sistema comece a se tornar comum. É claro que ele também traz questões. E se o celular for roubado? Ou perdido? Ou esquecido aberto em algum lugar?*

*Essas perguntas fazem lembrar que a questão da identidade digital é uma das mais importantes desta década. Há vários modelos competindo entre si, muitos inclusive usando blockchains e tecnologias descentralizadas. Nesse sentido, uma solução definitiva ainda vai demorar a acontecer.*

*Apesar disso, é bom aproveitar 2022 para dizer adeus. Pode ser que este seja um dos últimos anos em que a invenção de Corbató continuará a infernizar nossas vidas.*

**READER**

***Já era*** *Não cuidar da higiene física*

***Já é*** *Higiene mental*

***Já vem*** *Higiene de cibersegurança (checar a qualidade das senhas e fazer um check up periódico de segurança online)*

**folhainvest**

# *Mercado cheio de tubarões pode ser mais saudável, avisa a ciência*

Com regras claras, ter muitos e grandes players operando é bom para evolução do mercado

**Marcos de Vasconcellos**
Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

*Temos 19,6 milhões de empresas ativas no país. Descartando as microempresas, as de pequeno porte e os microempreendedores individuais, sobra 1,2 milhão de companhias de todos os tamanhos e finalidades. Não é possível que só 453 delas tenham capacidade e interesse de estar na Bolsa de Valores.*

*Os números acima, atualizados pelo próprio governo federal e pela B3 (empresa que administra a nossa Bolsa), escancaram o que muito investidor nota na hora de entrar no mercado de renda variável: só se fala das mesmas ações.*

*Se pegamos um representante de cada empresa na Bolsa brasileira, não dá para encher um grupo de WhatsApp ou um avião do tipo que faz a rota São Paulo-Dubai, o Airbus A380.*

*E por que isso acontece? Por termos um ambiente de negócios imaturo, ainda baseado em empresas de estrutura muito familiar e pouco profissional? Pela falta de janelas para IPO (período em que é interessante para as companhias mais interessante abrir capital e vender suas ações do que pegar crédito no mercado)? Por causa da volta da taxa de juros de dois dígitos, que tirou os investidores do mercado de renda variável?*

*A resposta é um sim para cada pergunta acima. Somada a muitos outros fatores. E o problema é que isso torna nosso mercado pouco atraente para o mundo.*

*Veja que, com menos de 500 empresas, o mercado já atraiu mais de 5 milhões de pessoas. Número interessante, mas é preciso entender que o volume negociado por todos esses CPFs não chegou a 20% dos valores negociados na Bolsa no último ano.*

*Investidores institucionais, nacionais e internacionais, concentram o verdadeiro volume de negócios. Dá para dizer que são eles que comandam os valores dos ativos. E aumentar o cardápio para oferecer a esses investidores pode aumentar o apetite deles pelo nosso mercado. E queremos mais "tubarões" por essas águas.*

*Isso porque aumentar o número de players (principalmente os grandes) no nosso mercado de ações serve para torná-lo mais resistente a golpes, falcatruas e malfeitorias. E quem diz isso é a ciência.*

*O matemático Tiago Pereira da Silva, da Universidade de São Paulo, estuda redes complexas e suas interações. Explicando de forma simples, ele pesquisa como as ações de cada membro de uma rede influenciam toda ela e como as mudanças de condições afetam as interações.*

*Por tratar-se de matemática, os estudos de Pereira da Silva aplicam-se tanto aos nossos neurônios quanto ao nosso comportamento entre amigos ou ao funcionamento das células do coração. E um belo exemplo de rede complexa, cheia de interações entre seus mais variados membros, é o mercado de ações.*

*Ele explica que os estudos que relacionam essa área de pesquisa à da economia comportamental apontam que a presença dos influenciadores, ou seja, de players que interagem com muitos outros pontos da rede, é boa para evitar más práticas.*

*Os experimentos são focados em jogos de cooperação e públicos, ou seja: uns sabem a estratégia usada pelos outros. E o principal exemplo é o jogo em que há na mesa um vaso no qual, a cada rodada, os jogadores devem depositar uma quantia de dinheiro, que será multiplicada por um fator e dividida igualmente entre todos (inclusive entre os que não colaboraram).*

*A curto prazo, ganha mais quem em nada contribui. Mas a estratégia passa a ser copiada pelos demais, deixando todos à míngua a médio prazo.*

*Em grupos maiores e com mais influenciadores, é mais rápida a estabilização da colaboração, em situações "ganha-ganha", nas quais todos topam ganhar menos, desde que não percam, elevando o todo.*

*Em grupos menores e com menos players grandes, é mais fácil que alguns membros do grupo ganhem muito, mas deixem outros em má situação.*

*Claro que os exemplos não são idênticos ao mundo real. Entre teoria e prática, existe sempre uma esburacada e turbulenta estrada. Mas é interessante ver experimentos apontando como, com transparência e regras claras, ter muitos e grandes players operando é bom para a evolução do mercado, sem que isso seja feito à custa de investidores desavisados.*

*Em vez de lutar contra os tubarões, o ideal parece ser atrair outros, para nenhum deles se sentir à vontade para acabar com o cardume. Eis aí mais um motivo para nos preocuparmos em termos um mercado atraente e limpo, que chame a atenção de investidores globais.*

*

*Esta coluna foi escrita para a campanha #ciêncianaseleições, que celebra o Mês da Ciência. Em julho, colunistas refletem sobre o papel da ciência na reconstrução do Brasil.*

marcos@monitordomercado.com.br

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | **TER. Michael França**, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

# Fração digital de ativos reais atrai investidor

Direitos sobre jogadores, royalties musicais e obras de arte são oferecidos a preço acessível em plataformas de criptoativos

**Lucas Bombana**

SÃO PAULO A despeito do inverno cripto atravessado pelo bitcoin e seus pares, o mercado de tokens, ou de criptoativos —que, diferentemente das criptomoedas, têm lastro em algum ativo real—, tem atraído interesse crescente de empresas e investidores.

No dia 14, o Itaú lançou uma unidade própria de criptoativos, que visa tokenizar títulos de renda fixa e ações negociadas no mercado, de modo a tornar mais acessível alternativas hoje restritas a investidores de elevado patrimônio.

Além disso, na segunda quinzena de julho, a plataforma do setor educacional Pravaler se tornou a primeira empresa do segmento a fazer uma emissão de debênture tokenizada no mercado local, ao captar R$ 60 milhões na operação.

Arthur Farache e Augusto Salgado, da Hurst, que negociou obras tokenizadas de Abraham Palatnik Divulgação

"Esse é mais um passo no movimento de trazer o futuro para o presente do mercado financeiro", afirma Juliano Cornacchia, presidente-executivo da Vórtx QR Tokenizadora, empresa responsável pela operação de tokenização das debêntures da Pravaler.

No mercado local, já há casas que atuam há alguns anos na área de tokenização de ativos reais, convertendo-os em NFTs, sigla em inglês que significa Non-Fungible Toke" (token não fungível), como a MB Tokens, braço do Mercado Bitcoin voltada para o segmento, e a Hurst Capital.

Essas empresas tokenizam e oferecem aos investidores em pequenas frações tudo que se possa imaginar, desde que tenha algum ativo real por trás que sirva como lastro —de cotas de consórcios a contratos de comercialização de energia, passando por obras de arte, royalties musicais e até a venda de estrelas do futebol como Neymar e Gabriel Barbosa.

Esses contratos das mais diversas naturezas são registrados na rede blockchain e fracionados, para, em seguida, serem oferecidos a preços acessíveis nas plataformas de negociação de criptoativos.

Segundo Vitor Delduque, diretor de novos negócios da MB Tokens, de forma simplificada, o token nada mais é do que um contrato digital registrado na rede blockchain que representa o direito financeiro sobre o ativo que lastreia aquele contrato.

"É uma fração digital daquele ativo real", diz Delduque.

Entre os tokens negociados pela plataforma, o diretor cita cotas de consórcios adquiridas em instituições financeiras como Santander e Banrisul, no qual o investidor passa a ter o direito de recebimento dos pagamentos daquela fração de determinado consórcio, bem como contas a receber de empresas do setor de varejo, em que a MB Tokens adquire a carteira de créditos devidos pelos clientes com algum deságio, tokeniza e vende para os clientes.

A empresa girou R$ 180 milhões em tokens desde que iniciou as atividades, em 2019.

A taxa de remuneração varia de acordo com o nível de risco e o prazo de vencimento das operações, mas, segundo Delduque, é comum encontrar rendimentos prefixados na casa dos 18% ao ano nos negócios realizados pela MB Tokens, ou que pagam uma taxa fixa em torno de 12% ao ano, além da variação do IPCA no período de vigência do contrato.

Essas são operações que podem ser caracterizadas como uma espécie de "renda fixa digital", em que o investidor já sabe no momento da compra o quanto terá de rendimento com aquele investimento, afirma o diretor, acrescentando que o investimento mínimo costuma ser de R$ 100 na plataforma.

"É inverno para as criptmoedas, mas verão para os criptoativos", afirma Delduque, que diz que tem notado uma migração de investidores até então mais focados em criptomoedas para o mercado digital com lastro em ativos reais, que, justamente por contarem com ativo real por trás da operação, oferecem uma segurança maior que as criptomoedas, defende.

Ele diz ainda que há também criptoativos com características que se assemelham mais com a dinâmica das ações negociadas em Bolsa.

É o caso de tokens que têm como lastro o direito de recebimento de valores originados pela venda de jogadores profissionais de futebol —pelas regras da Fifa, quando um jogador é negociado, o clube que atuou em sua formação como atleta entre os 12 e 23 anos tem direito a uma parcela de 5% do valor movimentado.

Em outubro de 2021, o Mercado Bitcoin lançou em parceria com o Santos o "Token da Vila". O ativo digital tem como lastro o direito que a agremiação da Vila Belmiro possui sobre 12 jogadores que formou em suas categorias de base. Entre os jogadores, estão estrelas como Neymar Jr., do PSG, Gabriel Barbosa, do Flamengo, e Rodrygo, do Real Madrid.

Foram emitidos 600 mil tokens, que totalizaram uma oferta de R$ 30 milhões.

Nesse caso, o rendimento ao qual o detentor do token terá direito vai depender, primeiro, de os jogadores virem de fato a ser negociados no futuro, e, segundo, por qual valor, explica Delduque.

Em maio, os investidores do token do Santos receberam o primeiro pagamento referente ao ativo, correspondente à transação envolvendo Yuri Alberto, vendido pelo Internacional para o Zenit, da Rússia. O total de recursos distribuído proporcionalmente aos detentores do token somou aproximadamente R$ 1,6 milhão.

Na plataforma de tokenização Hurst Capital, o investidor consegue investir em criptoativos que têm como lastro desde precatórios e ações judiciais, passando por royalties de música e até obras de arte.

Tokens lastreados em royalties musicais do cantor Toquinho e Paulo Ricardo já foram comercializadas pela plataforma da Hurst, com investimentos mínimos que começam a partir de R$ 10 mil.

Os rendimentos estimados com os royalties musicais variam de 12% a 16% ao ano, com o retorno oriundo das execuções das músicas em rádios e streaming, e a posterior revenda dos direitos autorais ao final do prazo de vigência do investimento, que costuma ser de 36 a 78 meses.

Além do setor musical, obras de arte, como do artista plástico Abraham Palatnik, já foram negociadas pela plataforma, com taxas de remuneração que chegaram a alcançar a marca de 27% ao ano.

As estimativas iniciais da própria Hurst indicavam uma rentabilidade na ordem dos 17% com o investimento nas três obras tokenizadas de Palatnik, morto em 2020 vítima de Covid-19, com um prazo de 24 meses para a venda das obras no mercado de modo a alcançar o retorno projetado.

Diante da demanda aquecida no mercado de arte, contudo, o prazo foi reduzido pela metade, com o encerramento da operação em junho de 2022, cerca de 12 meses após a oferta, e com um rendimento dez pontos percentuais acima do estimado inicialmente.

"A tokenização serve para facilitar a distribuição dos investimentos originados pelos parceiros da Hurst", diz Arthur Farache, presidente-executivo da Hurst. "A tokenização é uma realidade que fará cada vez mais parte da vida de todos os cidadãos."

Protesto pró-armas na Esplanada dos Ministérios, em Brasília Pedro Ladeira - 9.jul.2020/Folhapress

# Estados bolsonaristas têm explosão do número de armas

Polícia Federal computou mais novos registros em estados onde Bolsonaro ganhou as eleições em 2018

**Raquel Lopes e Lucas Marchesini**

BRASÍLIA O registro de armas novas pela Polícia Federal cresceu mais nos estados nos quais o presidente Jair Bolsonaro (PL) venceu no segundo turno das eleições de 2018.

Entre 2018 e 2021, o número de novas armas registradas passou de 39 mil para 163,7 mil nas 16 unidades da federação que preferiram Bolsonaro, uma alta de 320%.

Já nos 11 estados nos quais Fernando Haddad (PT) venceu no segundo turno, o aumento foi de 223%, saindo de 12 mil para 38,8 mil.

A disparidade fica mais evidente quando se analisa o registro de novas armas no primeiro semestre de 2022 em relação a cada estado.

A população dos locais que elegeram Bolsonaro em 2018 soma 145,3 milhões de habitantes, de acordo com a projeção para 2021 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o que significa que em 2022 houve uma arma nova para cada 1.700 pessoas.

Já entre os 68 milhões de habitantes dos estados nos quais Haddad venceu, a relação é de um novo registro para cada 3.600 pessoas. Ou seja, há duas vezes mais armas por pessoa sendo registradas em 2022 nos estados nos quais Bolsonaro venceu em 2018.

O atual presidente foi ganhador do segundo turno em Acre, Amazonas, Amapá, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia, Roraima, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Haddad ganhou em Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e Tocantins.

O número de armas novas registradas foi obtido pela Folha junto à PF a partir de um pedido de LAI (Lei de Acesso à Informação). Já os dados sobre os locais onde cada candidato venceu foram fornecidos pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Um mote da gestão de Bolsonaro tem sido a facilitação na compra de armas pela população. O governo federal já editou 19 decretos, 17 portarias, duas resoluções, três instruções normativas e dois projetos de lei que flexibilizam as regras de acesso às armas.

Na sua gestão, além de estimular o cidadão a se armar, ele deu acesso à população a calibres mais poderosos.

Em agosto do ano passado, no momento em que enfrentava uma crise institucional, o presidente disse a apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada que defendia que todos pudessem ter um fuzil. "Tem que todo mundo comprar fuzil, pô. Povo armado jamais será escravizado."

No Distrito Federal, Bolsonaro venceu nos dois turnos da eleição e houve um salto no crescimento de novas armas. A Polícia Federal já liberou mais armas em 2022 que em 2021 nessa unidade da federação. Foram 11.462 contra 9.298 do ano anterior.

"Acho natural que onde Bolsonaro tenha mais eleitores tenha maior número de novas armas. Arma de fogo tem sido seu único discurso, essas pessoas estão cumprindo o comando dado pelo líder delas", avalia Ivan Marques, advogado e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A servidora pública Gabriela Martinelli Coelho Fernandes, 47, tirou a posse de arma pela PF em 2019. Decidiu que deveria adquirir uma arma para defesa pessoal porque mora em um sítio, em Santa Maria de Jetibá (ES), com três filhos, e o marido fica dias fora de casa a trabalho.

"Espero nunca precisar usar, eu sou uma pessoa muito da paz. Só que como moro num lugar afastado da cidade, caso aconteça alguma coisa, a polícia deve demorar a chegar. Dessa forma, me sinto mais segura e protegida em casa."

Ela afirmou que nunca teve contato com armas antes. No entanto, é contra armar toda a população por ser um item perigoso, dependendo de quem o adquire.

Fernandes acrescenta que o processo na Polícia Federal não é difícil para quem cumpre todos os requisitos. Precisou do psicotécnico e do teste de tiro, além de documentos que comprovaram não possuir antecedentes criminais.

É pela PF que o cidadão comum pode ter a posse de arma para defesa pessoal. No Sinarm (Sistema Nacional de Armas) também ficam cadastradas armas da Polícia Civil, guarda municipal, caçador de subsistência, servidor público e lojas de armas.

No Brasil as armas são liberadas pela PF e pelo Exército. Na Força, ficam registradas as armas de CACs (caçadores, atiradores e colecionadores), das Forças Armadas e o armamento particular de militares (policiais e bombeiros).

O porte de arma, por sua vez, é concedido pela Polícia Federal, sendo restrito a determinados grupos, como profissionais de segurança pública, membros das Forças Armadas, policiais e agentes de segurança privada.

O que tem ocorrido é que aos CACs foi permitido carregar a arma no trajeto entre sua casa e o local de prática (clube de tiro ou local de caça), sem restrição de rota ou de horário, o que, segundo especialistas, significa uma autorização para o porte, dada a subjetividade da regra.

Além disso, tem ocorrido a aprovação de projetos apresentados por parlamentares em assembleias estaduais e até em câmaras municipais que tentam garantir ao CAC o direito de andar armado, justificando que essa seria uma atividade de alto risco, embora esse seja assunto de competência exclusivamente federal.

As mudanças de regras permitiram uma explosão no registro de novas armas, mas o mesmo não aconteceu com o indeferimento de pedidos. Em 2019, foram 52,3 mil pedidos deferidos e somente 1.200 indeferidos. Ou seja, para cada pedido indeferido, outros 42 eram aprovados. Em 2020, os pedidos aprovados foram de 143 mil e os indeferidos caíram para 781. A relação passou então para 183 para um.

No ano seguinte, cresceram os dois números, passando para 170,7 mil pedidos aprovados contra mil negados, na relação de 164 para um.

Natália Pollachi, gerente de projetos do Instituto Sou da Paz, diz que o aumento de armas está diretamente ligado a dois aspectos: facilitação de normas e discurso de incentivo à compra de armamento. Porém, o aumento da fiscalização não segue o mesmo ritmo.

"A gente não vê anúncio de investimento em fiscalização em nenhum dos órgãos. No caso do Exército isso ficou ainda mais claro quando houve a revogação de três portarias que aumentariam o controle de armas, que só foram reestabelecidas às portas de um julgamento do STF", afirma.

Para Isabel Figueiredo, conselheira do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil não está se tornando armamentista como um todo e, sim, parte do eleitorado de Bolsonaro, que segue seu discurso. No final de maio, pesquisa Datafolha mostrou que a maioria dos brasileiros rejeita as ideias do presidente sobre armas. Segundo pesquisa, 7 em cada 10 entrevistados, em média, se contrapõem a políticas que favoreçam o armamento da população.

**Número de armas nos estados x quadro eleitoral**

Número de novas armas por estado

| | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022* | Quantidade de habitantes por arma nova em 2021 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| AC | 240 | 519 | 1 195 | 2.380 | 998 | 381 |
| AL | 631 | 1.253 | 2 515 | 1.376 | 681 | 2.445 |
| AM | 319 | 377 | 595 | 1.120 | 594 | 3.812 |
| AP | 363 | 720 | 795 | 413 | 356 | 2.124 |
| BA | 2 649 | 2.412 | 8 845 | 5.514 | 2 594 | 2.717 |
| CE | 1.802 | 1.334 | 4 042 | 3 315 | 658 | 2.787 |
| DF | 926 | 18.536 | 11.265 | 9.298 | 11.462 | 332 |
| ES | 1.723 | 2.260 | 7 781 | 10.189 | 4 399 | 403 |
| GO | 4 587 | 4.595 | 8 382 | 8 880 | 2 606 | 811 |
| MA | 2 | 1.147 | 3 497 | 4 408 | 2 067 | 1.622 |
| MG | 6 292 | 9.549 | 22.068 | 24.369 | 8 784 | 878 |
| MS | 326 | 1.244 | 2 891 | 4 042 | 1 796 | 702 |
| MT | 722 | 3 308 | 8 458 | 14.511 | 5 933 | 245 |
| PA | 2 142 | 3.432 | 6 267 | 8 038 | 5 729 | 1.091 |
| PB | 1 520 | 1.984 | 2 350 | 2.076 | 893 | 1.955 |
| PE | 912 | 2.340 | 4 274 | 4 630 | 1 767 | 2.089 |
| PI | 423 | 887 | 1 314 | 2 130 | 930 | 1.544 |
| PR | 4 569 | 5.271 | 10.117 | 12.333 | 8 029 | 940 |
| RJ | 1.832 | 4.484 | 11.899 | 11.117 | 4 206 | 1.570 |
| RN | 1.259 | 2.006 | 2 577 | 2.433 | 931 | 1.463 |
| RO | 1.000 | 1.769 | 5 573 | 7 102 | 2 842 | 255 |
| RR | 176 | 406 | 1.027 | 1.091 | 406 | 598 |
| RS | 5 486 | 8.258 | 19.043 | 19.771 | 12.125 | 579 |
| SC | 5.044 | 6.454 | 13.383 | 13.666 | 9865 | 536 |
| SE | 637 | 687 | 1 524 | 2.307 | 747 | 1.013 |
| SP | 5 399 | 7.963 | 13.963 | 23.409 | 9 052 | 1.992 |
| TO | 46 | 869 | 2 142 | 2.589 | 1 772 | 620 |

*Até junho
Fonte: Polícia Federal via LAI (Lei de Acesso à Informação) e Tribunal Superior Eleitoral

Saype/Divulgação

**FRANCÊS FAZ PINTURA EM MEMÓRIA DA TRAGÉDIA DE BRUMADINHO (MG)**

Uma mega pintura em memória à tragédia de Brumadinho (MG), representando duas mãos entrelaçadas, foi entregue à cidade neste domingo (24) pelo artista francês Guillaume Legros, conhecido como Saype. A obra feita sobre o campo de futebol do Córrego do Feijão, local usado como base dos helicópteros de resgate, quando houve o rompimento da barragem em 2019, faz parte do projeto Beyond Walls. Brumadinho é uma das 30 cidades do mundo escolhidas pelo artista para o projeto. A intenção da obra é ressignificar o local que virou sinônimo de trauma para os moradores. A tinta usada é biodegradável, feita com tipos específicos de giz e carvão vegetal.

entrevista da 2ª

Ricardo Borges

**Ynaê Lopes dos Santos, 40**

Doutora em história social pela USP (Universidade de São Paulo), é professora no Instituto de História da UFF (Universidade Federal Fluminense) e autora do livro "Racismo Brasileiro: Uma História da Formação do País", recém-lançado pela editora Todavia

# Ynaê Lopes dos Santos

# Visibilidade da luta de mulheres negras não diminui violência sofrida

Para historiadora e professora da Universidade Federal Fluminense, situação é paradoxal e faltam políticas públicas para essa população

COTIDIANO

**Priscila Camazano e Yasmin Santos**

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO "Existem avanços significativos na questão da visibilidade das particularidades que constituem a vida da mulher negra, mas isso não diminui a violência que atinge essas mulheres", afirma Ynaê Lopes dos Santos, autora do livro "Racismo Brasileiro: Uma História da Formação do País", recém-lançado pela editora Todavia.

Em referência a 25 de julho, quando se celebra o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra e o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, a **Folha** conversou com a historiadora sobre racismo e as situações que atravessam a existência das negras.

Para Santos, houve um avanço na luta dessas mulheres, sobretudo em relação ao reconhecimento de que as demandas do feminismo branco não abarcam as questões das negras —que são múltiplas. No entanto, é uma situação paradoxal, pois as negras continuam no pior lugar da estrutura social, em uma confluência de violências da sociedade patriarcal, racista e misógina.

"Acho que uma das principais [demandas atuais], e que eu considero fundamental, é justamente a ampliação de mulheres negras em espaços de poder", afirma.

Não é à toa que a líder quilombola do século 18 Tereza de Benguela foi escolhida para ser celebrada em 25 de julho. "Essa liderança está muito vinculada com a necessidade de pensarmos nas mulheres negras nesse espaço de decisão", diz Santos.

No novo livro, a pesquisadora mostra que a história do racismo brasileiro é a própria história do Brasil —desde a colônia até a República. "Somos uma sociedade que escolheu o racismo em todos os momentos agudos de nossa história política", diz.

Para ela, que é professora no Instituto de História da UFF (Universidade Federal Fluminense), por mais que a escravidão tenha durado quase 400 anos, o racismo atual não é fruto só desse período.

"Tivemos mais de 130 anos de uma experiência republicana abertamente racista", argumenta. "Enquanto não tivermos um enfrentamento efetivo do racismo, a nossa democracia vai estar sempre em perigo. A titubeação democrática é consequência do racismo que nos estrutura."

*

**Houve avanço na luta das mulheres negras?** Eu acho que existem avanços significativos, sim, sobretudo na questão da visibilidade das particularidades que constituem a vida da mulher negra, de uma forma geral.

Acho que o principal avanço foi este: da compreensão de que esse lugar criado pelo feminismo branco não abarca as questões que atravessam as mulheres negras. Na verdade, não abarcam as questões que atravessam quaisquer mulheres não brancas.

E essa percepção acabou também ampliando a visibilidade das múltiplas lutas que as mulheres negras travam. Agora, essa visibilidade não diminui a violência que atinge essas mulheres, infelizmente.

Acho que é uma situação um pouco paradoxal. Temos um aumento da visibilidade, um aumento inclusive do pertencimento. Isso fica muito evidente no Brasil pelo aumento no número de mulheres se autodeclarando negras, além de toda uma transformação estética, que fez com que até a indústria cosmética tivesse que se render a isso.

Mas, ao mesmo tempo, a mulher negra continua no pior lugar da estrutura social, sofrendo o atravessamento de violências da sociedade patriarcal, racista e misógina.

> "Temos a manutenção das mulheres negras no universo do trabalho doméstico, o que faz com que até hoje tenhamos casos análogos à escravidão. Não fazer política pública é fazer política pública —e é essa a forma como o racismo opera muito no Brasil

**Quais são as principais demandas atuais das mulheres negras?** Tem múltiplas demandas. Uma das principais, e que eu considero fundamental, é justamente a ampliação de mulheres negras em espaços de poder, como no Congresso e chefiando empresas.

O racismo se constitui a partir de um jogo de poder, que é determinado a partir do que foi construído como raça. E as mulheres negras acabaram ficando no pior lugar, então colocá-las no lugar de decisão eu acho que é a principal pauta.

Não no lugar do homem branco —também precisamos tomar cuidado para não querer transformar a vítima em algoz—, mas colocar a mulher negra no lugar de decisão justamente para que, desse lugar, possa pensar o mundo a partir da sua experiência e ajudar na transformação.

**A data de 25 de julho celebra também Tereza de Benguela, líder quilombola. O que representa a escolha dessa liderança para este dia?** Essa liderança está muito vinculada com o que eu acabei de dizer, com essa necessidade de pensarmos nas mulheres negras nesse espaço de decisão.

Tereza de Benguela foi a principal liderança de um quilombo no que era a capitania de Mato Grosso, recém anexada à colônia. Uma história que de certa forma está vinculada ao movimento das bandeiras e também à descoberta do ouro e ao incremento do tráfico transatlântico para o Brasil e, consequentemente, ao aumento de fugas de escravizados e a criação de quilombos.

Então, ter uma mulher negra à frente [em 25 de julho], ao que tudo indica africana, é muito simbólico, porque ela justamente reforça essa necessidade de pensar a mulher negra nesse lugar que é historicamente negado a ela.

Conseguimos imaginar algumas concessões que são dadas às mulheres negras, mas elas são muito limitadas, haja vista o que foi feito com Marielle Franco (1979-2018). Quando se tem uma mulher que efetivamente está disputando o poder, temos o Estado, a sociedade, que assassina essa mulher —e não é a primeira vez que isso acontece.

**Qual o papel da mulher negra ao longo da história de formação do Brasil?** Essa pergunta é profunda. A mulher negra historicamente foi colocada em um lugar de subalternidade, muito vinculada ao mundo doméstico. Era a mulher que servia e cuidava da casa, que alimentava e amamentava os filhos dos seus senhores —isso na vigência da escravidão. Depois da abolição, não temos mais essa condição, mas temos a manutenção de uma série de práticas e, sem sombra de dúvida, quem mais sofre com essa continuidade são as mulheres negras.

Há também muitas vezes o lugar de afeto, mas é o lugar de uma exploração atroz, de um não reconhecimento do trabalho, haja vista toda a polêmica em torno da aprovação da PEC das domésticas. É uma categoria em que a sua imensa maioria é ocupada por mulheres negras.

De certa maneira elas são mantenedoras da sociedade brasileira, são realmente a base da sociedade, porque essas mulheres que são absolutamente exploradas também são o arrimo das suas próprias famílias.

**Em uma passagem do livro "Racismo Brasileiro", você afirma que o racismo no Brasil é grande parte daquilo que consideramos normal. Que situações "normais" são essas que atravessam as mulheres negras?** A exploração das mulheres negras no universo doméstico, por exemplo. Não achamos estranho ver babás negras vestidas de branco. Nós achamos normal que a imensa maioria das mulheres negras estejam servindo sempre, trabalhando nessa condição.

Achamos normal o distanciamento da ideia do feminino com a mulher negra. A ideia do feminino que foi construída, sobretudo na virada do século 19 para o século 20, não abarca as mulheres negras. As descrições que são feitas sobre o que é a mulher não têm nada a ver com a experiência de mulheres negras.

O lugar de subalternidade no qual as negras estão é a normalidade. É isso, estamos acostumados a ver mulher negra sofrer.

Eu penso muito no caso da Mirtes [Renata Souza], mãe do Miguel [menino de 5 anos que morreu, em 2020, ao cair de um prédio no Recife enquanto estava aos cuidados da patroa da mãe]. Aquilo dificilmente teria acontecido se ela fosse uma mulher branca, e o Miguel, uma criança branca. A violência experimentada pelas mulheres negras que veem seus filhos serem assassinados também é normal.

**O podcast A Mulher da Casa Abandonada fala sobre uma empregada doméstica negra que viveu 20 anos em situação de trabalho análogo à escravidão na casa de uma família brasileira que se mudou para os EUA. O que aconteceu ao longo da história do Brasil que permitiu que até hoje negras passem por situações assim?** Ausência de políticas públicas que permitam que as mulheres negras, mas não só, tenham condições mínimas de trabalho.

Temos a manutenção das mulheres negras nesse lugar de subserviência, no universo do trabalho doméstico, o que faz com que até hoje tenhamos alguns casos de mulheres negras que vivem em situações análogas à escravidão.

Não fazer política pública é fazer política pública —e é essa a forma como o racismo opera muito no Brasil, que é diferente do que acontece nos EUA. Lá as políticas são segregacionistas, as coisas estão muito bem ditas. No Brasil, isso não acontece.

O Estado criou uma sistematização de exclusões sem as precisar racializar, embora a racialização estivesse na base dessa estrutura.

**Em outros países, mulheres negras têm conquistado lugares de liderança na política, como na Colômbia, com a vice-presidente Francia Márquez, e nos Estados Unidos, com a vice-presidente Kamala Harris. No Brasil há chance de termos em breve uma liderança nesse sentido?** Em breve é quanto tempo? Eu acho que em uma década, final de uma década talvez. Acho que antes disso, não.

**Qual a importância de ter uma liderança negra? Desse tamanho, ocupando uma presidência ou vice-presidência?**

**Sim.** Sendo uma pessoa progressista, porque pode acontecer de não, mas acho difícil, é a possibilidade de transformações efetivas.

Além da perspectiva da representatividade, que é muito importante, ela por si só não é suficiente para mudar a estrutura: tem que ser uma representatividade que tenha acesso à formação das políticas públicas.

Mulheres negras têm uma outra experiência, seriam outras trajetórias de vida pensando o país. É isso que falta para o Brasil, esse tipo de transformação efetiva.

# *Sem ciência não há futuro*

O atual corte de verbas em pesquisa e em educação afundará o Brasil na ignorância

**Marcia Castro**
Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

*Imagine, por um minuto, sua vida sem os benefícios das descobertas científicas dos últimos dois séculos...*

*A importância da ciência passa despercebida. Mas não deveria.*

*A ciência é fundamental para a construção e manutenção de uma sociedade saudável e para o desenvolvimento de uma nação. Hoje desfrutamos de vidas mais longas e melhores do que nossos antepassados. No Brasil, a esperança de vida ao nascer era cerca de 30 anos em 1900 e a cada mil nascidos vivos em 1940, cerca de 200 morriam antes de completar um ano de idade. Avanços na medicina, saúde pública, comunicação, transporte e energia, dentre outros, mudaram esse cenário.*

*Historicamente, alguns casos ressaltam a importância da ciência na saúde pública.*

*Primeiro, o desafio da ausência da ciência, exemplificado pela mais letal pandemia da história, a peste bubônica, que se estendeu de 1347 a 1351. Àquela época, não se conhecia a forma de transmissão da doença. A ausência do conhecimento científico deu espaço para crenças de que a doença tinha origens sobrenaturais, que era uma punição divina, uma retribuição por pecados contra Deus, como ganância, blasfêmia, heresia e mundanismo. Cerca de um terço da população da Europa morreu nessa pandemia.*

*Em contraste, o suporte político e o investimento em pesquisa no Brasil no início do século 20 exemplificam a importância da ciência para o desenvolvimento e para uma sociedade mais justa. Carlos Chagas, por exemplo, foi pioneiro ao propor que a transmissão da malária era domiciliar e o primeiro a usar borrifação intradomiciliar como estratégia de controle vetorial. Hoje, as principais medidas de controle da malária no mundo são fruto dessa descoberta.*

*O mesmo Carlos Chagas descobriu a doença que carrega seu nome e, até hoje, é o único cientista no mundo que descreveu por completo o ciclo de uma doença infecciosa: o agente causador, o vetor de transmissão, os hospedeiros, as manifestações clínicas e a epidemiologia.*

*Expedições lideradas por Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Artur Neiva e Belisário Pena mudaram o curso da saúde pública ao expor o abandono do Brasil rural, com péssimas condições sanitárias e carência de assistência governamental.*

*O contexto rural foi considerado um problema econômico e social, cuja mitigação impulsionou o movimento sanitário e a criação de centros de profilaxia rural e do Departamento Nacional de Saúde Pública. Sem apoio político e investimento em ciência, nada disso teria sido possível.*

*A pandemia de Covid-19 é um exemplo do custo social de se ignorar a ciência. Ao contrário da pandemia de peste bubônica, o conhecimento foi gerado de forma rápida, mas foi ignorado por muitos governantes. Prevaleceram opiniões, e não a ciência. A pandemia de Covid-19 ocorreu em um cenário político que exemplifica como o desgoverno aniquila o conhecimento e a descoberta científica.*

*Como disse Hipócrates, considerado o pai da medicina, "Há, de fato, duas coisas: ciência e opinião; a primeira gera conhecimento; a última, ignorância".*

*Sem ciência não há futuro. O atual corte de verbas em pesquisa e em educação progressivamente afundará o Brasil na ignorância com um custo social inadmissível. Que em outubro a ciência vença a opinião, e o Brasil escolha o caminho do conhecimento e não da ignorância.*

*Esta coluna foi escrita para a campanha #ciêncianaseleições, que celebra o Mês da Ciência. Em julho, colunistas refletem sobre o papel da ciência na reconstrução do Brasil.*

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

# Mulheres negras desistem de ter filhos por medo do racismo

Decisão mira o autocuidado e a proteção à saúde mental, e leva em conta a violência policial e obstétrica

**EQUILÍBRIO**

**Victoria Damasceno**

SÃO PAULO "E se isso acontecer com um filho meu?"

Foi o que se perguntou Lorena Vitória, uma mulher negra de 21 anos, após ver seus namorados, todos negros, serem abordados de forma violenta pela Polícia Militar.

O medo de que os futuros rebentos sejam vítimas de racismo faz com que a estudante de design de moda questione se vale a pena ceder ao desejo de ser mãe, ou se é melhor não colocar outra criança negra em um mundo racista.

"A gente vê hoje em dia as coisas que acontecem, tanto de abordagem como de morte, e eu sempre fico muito mal e acabo imaginando: se com o filho dos outros já me dói tanto, como seria se isso acontecesse com um filho meu?", diz.

A indecisão de Lorena é comum entre mulheres negras. O medo de que seus filhos sofram racismo —que se manifesta na violência policial e obstétrica, no preconceito e na discriminação— faz com que muitas delas abram mão da maternidade. A decisão também serve como proteção à própria saúde mental.

Isso ocorre pois o racismo é motor de sofrimento psíquico, afirma Marizete Gouveia, doutora em psicologia pela Universidade de Brasília e autora da tese "Onde se esconde o racismo na psicologia clínica?".

Segundo a especialista, o sofrimento causado pelo preconceito racial faz com que mulheres negras criem mecanismos de proteção à saúde mental. Não ter filhos é um deles, uma vez que não precisariam se preocupar com as violências que viriam a sofrer.

De acordo com o Atlas da Violência 2021, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, desde a década de 80, quando começaram a crescer as taxas de homicídio no país, o aumento foi mais acentuado entre a população negra, especialmente entre os mais jovens.

O medo de ver o filho sofrer violência ajudou Evelyn Daisy de Carvalho de Sousa a desistir da gravidez Eduardo Knapp/Folhapress

E o medo se torna ainda maior se o filho for homem. Um levantamento realizado pelo Fórum mostra que negros são 78,7% do total de mortes violentas intencionais entre homens.

Evelyn Daisy de Carvalho de Sousa, 39, nunca teve um forte desejo de ser mãe devido a uma condição de saúde hereditária. Conforme se tornou adulta, o medo de que seus filhos sofressem violência foi o que era preciso para que ela confirmasse a decisão. Percebeu também que precisava proteger sua saúde mental.

Sua decisão acumula ainda outras variantes. Fundadora do Traçamor, um projeto que atende mulheres em período de transição capilar, Evelyn também é responsável pela criação de dois sobrinhos negros, o que faz com pense constantemente em como os manter vivos e seguros.

"Imagina eu tendo gerado, colocado uma criança no mundo para ter essa preocupação? Você coloca uma pessoa no mundo para sofrer essas consequências."

Além disso, viu a irmã sofrer com a violência obstétrica em suas quatro gravidezes, sendo mal atendida por médicos em dois partos. "Na ginecologia passamos muita humilhação. Eu passei muita humilhação com o ginecologista do posto do meu bairro. Imagina se eu estivesse grávida?"

Para Janete Santos Ribeiro, mestre em educação pela UFF (Universidade Federal Fluminense) e ex-coordenadora pedagógica do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), a decisão deve levar em consideração se existe o desejo pela maternidade e pensar em quais formas isso será sanado para não virar um fator de sofrimento. "A solidão da mulher negra tem sido uma imposição da cultura patriarcal, elitista e racista. Não queremos mais essa solidão pautando nossas decisões e escolhas."

# Brasil ainda sofre para levar saúde mental aos extremos

**Rede erguida nas últimas décadas continua desigual e subfinanciada e lida com novos dilemas após 20 anos**

**Julia Barbon e Adriano Vizoni**

MACAPÁ E OIAPOQUE (AP) Se um carro "normal" cruzar seu caminho, é um bom sinal. Quer dizer que as pedras improvisadas nos buracos de lama ao longo da estrada vão funcionar, a caminhonete não vai atolar e, sem imprevistos, a viagem só vai durar de 8 a 10 horas.

Pior seria se você estivesse de ônibus, porque quando ele quebra se vão até dois dias. É que a pista de asfalto em construção há quatro décadas foi deixada no meio, e os últimos cem quilômetros têm que ser percorridos na terra.

As recomendações são de quem pega a rodovia todo mês: o carioca Carlos Estevão, o único psiquiatra que atende no Oiapoque, no Amapá. A última cidade ao Norte do país simboliza o longo trajeto que o Brasil tem que percorrer para levar saúde mental a todos os seus extremos.

Mesmo depois de mais de 20 anos de construção e capilarização da rede pública, com o fechamento dos manicômios e uma reforma psiquiátrica que é referência no mundo, há serviços desiguais e subfinanciados para enfrentar uma explosão de transtornos psíquicos.

A saúde mental fica na raspa da raspa, resume uma assistente social de um dos Caps (Centros de Atenção Psicossocial) amapaenses. Só cerca de 1% do orçamento nacional de saúde vai para os cofres da saúde mental, bem abaixo dos 6% receitados pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

O valor é irrisório diante de um problema que atinge mais de um quarto da população ao longo da vida e é uma das principais causas de afastamentos do trabalho. Também é insuficiente para lidar com fatores não esperados lá atrás, como a pandemia de Covid e o aumento do uso de crack.

Em meio às dificuldades antigas, há um debate que já dura cerca de cinco anos. De um lado, trabalhadores da área acusam os governos Michel Temer (MDB) e Jair Bolsonaro (PL) de um desmonte da rede. De outro, o Ministério da Saúde e grupos de psiquiatras defendem que é preciso fortalecer equipamentos de alta complexidade.

Para o paciente, o primeiro gargalo surge numa rede básica que não previne nem absorve como deveria casos de depressão, ansiedade e ideação suicida, o grosso da demanda.

A formação e o preparo das equipes para lidar com casos de saúde mental nessa fase costumam ser falhos, somados a um estigma que esse tipo de paciente tem. Como o profissional acha que não tem capacidade, prefere ficar longe, afirmam servidores.

No Oiapoque, o psicólogo Torricha de Souza, 29, divide-se entre as cinco unidades básicas de saúde (UBSs) durante a semana, incluindo a de Vila Vitória, bairro de terra batida que liga o Brasil à Guiana Francesa. "Normalmente a agenda fica cheia. O ideal é que eu atenda quatro por turno, mas às vezes atendo cinco de manhã e sete à tarde."

Ali, Osmarina Francalino ainda cuida de Cosme e Damião, os gêmeos que há 24 anos carregam uma psicose que ela não sabe dizer o nome. "O médico escreveu num papel, é esquizofrenia parece", diz a costureira de 67 anos.

### O que é a série Brasil no Divã

Depressão, ansiedade, burnout, esquizofrenia, suicídio: a explosão dos transtornos mentais foi citada exaustivamente nos mais de dois anos de pandemia. Mas pouco se aprofundou na capacidade do sistema público de saúde mental, que passa por uma grande reforma psiquiátrica há mais de 20 anos. A série de reportagens Brasil no Divã discute o tamanho do problema, a capacidade do SUS, o fim dos manicômios, mitos e preconceitos que dominam o assunto e as saídas possíveis.

### ONDE PROCURAR AJUDA?

**Rede de Atenção Psicossocial**
Mapa mostra as unidades da rede habilitada pelo Ministério da Saúde até set.2020: bit.ly/3v9xPny

**Mapa Saúde Mental**
Site mapeia diversos tipos de atendimento: www.mapasaudemental.com.br

**CVV (Centro de Valorização da Vida)**
Voluntários atendem ligações gratuitas 24 horas por dia no número 188: www.cvv.org.br

O abastecimento de certos medicamentos na cidade depende dos "pirateiros", homens que cobram para percorrer os 600 km até Macapá num veículo 4x4.

A capital, que acumula a demanda do estado, só ganhou psicólogos nas unidades básicas no ano passado. Ainda assim, muitos pacientes que chegam são encaminhados aos Caps, que deveriam tratar com consultas, oficinas e grupos de conversa só casos de psicose ou de dependência.

Isso porque agora eles têm onde atender. Até alguns meses atrás, o acolhimento era feito debaixo de árvore, o ventilador ameaçava estourar, e o teto voava quando ventava.

Com prontuários ainda escritos à mão, pouco acompanhamento e nenhuma unidade 24 horas ou abrigo, boa parte dos doentes acaba perdida no sistema ou nas ruas. "Dizemos que é uma porta de entrada para lugar nenhum", critica Karol Duarte, representante do Movimento da Luta Antimanicomial amapaense.

Coordenador estadual de saúde mental, o psicólogo Mário Denis Costa admite que a rede está muito aquém, mas cita avanços no último ano. Ele prevê a criação de dois novos Caps municipais na capital até 2023 e diz orientar cidades do interior para que façam convênios com os vizinhos e abram mais unidades — é preciso ao menos 15 mil habitantes para isso, pelas regras federais.

"Estamos tentando mudar essa cultura de que é o estado que tem que fazer essa captação para ter o Caps, a prerrogativa precisa ser dos municípios", argumenta Costa, que "vê um retrocesso muito grande" nas políticas federais. "Não conseguimos acessar recursos facilmente como antes."

A paralisação na habilitação de novos Caps pelo Ministério da Saúde é a principal crítica dos que apontam um esfacelamento da saúde mental no SUS. Eles defendem que a verba ampliada para leitos hospitalares deveria estar sendo investida no tratamento nos territórios, como preconiza a reforma psiquiátrica.

No Oiapoque, a única unidade não dá conta de misturar psicóticos, usuários de drogas e crianças. "É assustador. Em 26 anos de saúde pública, ainda não sei como fazer isso", diz o psiquiatra carioca Carlos, que já rodou todo o Amapá num projeto itinerante criado por ele, mas que não foi levado adiante.

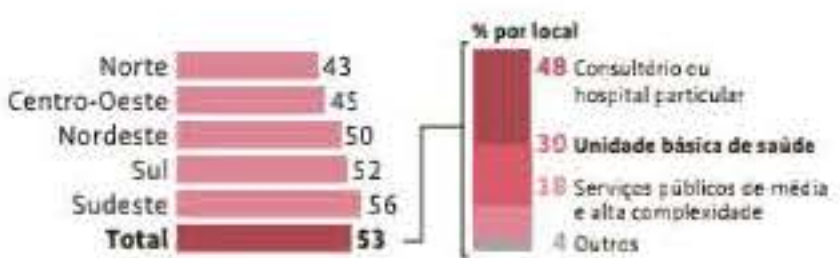
A costureira Osmarina Francalino, 67, moradora do Oiapoque (AP), mãe dos gêmeos Cosme e Damião Francalino, 24, que fazem tratamento de saúde mental Fotos Adriano Vizoni/Folhapress

Ambulância perto da UBS da Vila Vitória, no Oiapoque (AP), fronteira com a Guiana Francesa Adriano Vizoni/Folhapress

**Brasil tem rede de saúde mental subfinanciada e desigual**

Despesas da saúde em R$ bilhões (2021)

% de adultos com depressão que fazem psicoterapia (2019)

% de adultos com depressão que receberam assistência médica (2019)*

*Nos 12 meses anteriores
Fontes: Portal da Transparência, Ministério da Saúde, OMS e PNS (IBGE)

Hoje, há 2.796 Caps registrados no país e mais cerca de 450 na fila. Se aprovados, recebem um incentivo inicial baixo para serem implementados e depois uma quantia constante que varia de local para local. Sem o registro, têm que ser custeados unicamente pelos municípios e/ou estados.

O psiquiatra Rafael Bernardon, coordenador-geral de saúde mental no Ministério da Saúde, rebate que suspendeu novos pedidos para que a pasta avalie e habilite os já inseridos. Ele argumenta que antes isso era feito sem planejamento e a plataforma ficava aberta, criando a ilusão de que haveria recursos para todos.

"Estamos demandando dos municípios um planejamento regional: definam quais são mais importantes", diz. Mas essa não é sua prioridade. A visão do ministério é de que o Caps é um dos elos da rede, não o principal, e o grande buraco está no atendimento das crises, portanto nos hospitais.

Bernardon aposta ainda na telemedicina para lugares distantes e no modelo de ambulatórios de saúde mental para sanar o limbo em que ficam certos pacientes com depressão e ansiedade. São unidades de portas abertas voltadas a casos crônicos, mas não emergenciais, que normalmente existem em cidades maiores.

Ele nega que isso represente um desmonte da reforma psiquiátrica. "O mundo todo está vendo a queda dos suicídios, que estão crescendo no Brasil. Isso é indissociável do modelo que temos, que precisa ser aprimorado. Ninguém quer regredir para a década de 1970."

Por enquanto, num país tão heterogêneo, a qualidade dos serviços fica muito a cargo da dedicação individual. A enfermeira Regiane Picanço, 48, por exemplo, já virou "mãe, pai, filha, sobrinha" para frequentadores do Caps do Oiapoque.

"Tudo que você vê aqui saiu do meu bolso. Como vou fazer arteterapia se não tem material?", questiona ela, enquanto um de seus pacientes cola miçanga por miçanga num morango delineado na folha sulfite. "Você precisa ter amor pela saúde mental, senão não dá."

# Demora no diagnóstico da depressão expõe falhas na rede de saúde

Especialistas defendem treinamento de equipes médicas para que saibam associar reclamações de pacientes, como dores e distúrbios do sono, a sintomas de quadro depressivo

Tristeza não é o primeiro tampouco o sintoma mais comum. A perda de prazer em realizar atividades antes consideradas agradáveis, sim. O desânimo e o cansaço, também. Em seguida, vêm os descompassos nos padrões de sono, as dores musculares, as cefaleias, as alterações gastrointestinais.... Em sofrimento, o paciente procura ajuda. Os médicos pedem alguns exames e, quando não há um diagnóstico de depressão, receitam os medicamentos para o alívio daquelas outras queixas específicas. Dessa forma, sem o acompanhamento especializado, a depressão muitas vezes pode seguir sem ser diagnosticada.

Por falta de treinamento, os médicos generalistas e especialistas não psiquiatras, tanto do sistema público como do setor privado, muitas vezes não associam as aflições orgânicas do paciente a sintomas somáticos de um quadro depressivo. Em geral, o primeiro diagnóstico só acontece depois de quatro anos e meio do início do episódio, apontam estudos do Medicaid, o programa de saúde social dos Estados Unidos. "Podemos estender esse dado para o Brasil", diz o médico Frederico Garcia, professor do departamento de psiquiatria e coordenador do Núcleo de Pesquisa em Vulnerabilidade e Saúde, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). "Mas provavelmente nossos indicadores são piores." É muito tempo.

Deixada a seu próprio curso, a depressão progride de forma crônica e recorrente. O primeiro evento aumenta em 50% os riscos de recaída. Depois do segundo, essa probabilidade sobe para 70% a 80%. E, com o terceiro, chega a 90%. "Além disso, os episódios tendem a ficar mais longos", explica o psiquiatra Frederico, citando estudos americanos sobre a evolução da doença em grupos que recusam cuidado médico, por questões religiosas, por exemplo. Se a primeira crise dura de seis a 12 meses; a segunda, tende a se estender por dois anos, e a terceira, por até três.

Do ponto de vista fisiopatológico, a doença destrói as conexões neurais e, a cada episódio, mais e mais neurônios morrem, agravando os sintomas do transtorno e dificultando seu manejo. Um perigo é o quadro evoluir para a depressão resistente ao tratamento (DRT), avalia a médica Fabiana Nery, professora adjunta de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O transtorno resistente já dispõe de tratamentos eficazes. Ele acontece quando o paciente sofre episódios de moderados a graves e não responde ao uso de dois antidepressivos, de classes diferentes, por dose e tempo adequados. "Como inicialmente não responde aos remédios, o paciente fica com a sensação de que a vida dele é aquela mesmo, que não há nada a se fazer", completa o professor da UFMG.

FALTA AO TRABALHO

Funcionário sem depressão perde, em média, 6 dias de trabalho por ano — 6 dias

Funcionário com depressão perde, em média, 21 dias de trabalho por ano — 21 dias

Funcionário com depressão resistente ao tratamento perde, em média, 36 dias por ano — 36 dias

O USO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Comparação entre pacientes com depressão resistente ao tratamento com os portadores de depressão não refratária:

2x maior é a frequência de hospitalizações

36% maior é o tempo de internação hospitalar

NO SUICÍDIO

US$ 93,5 bi representam os custos anuais, diretos e indiretos, nos Estados Unidos, com as tentativas e casos de suicídio

97% — 97% desse valor referem-se à perda de produtividade

Referências infográfico:
1. "Texto para Discussão nº 84 – 2021 – Depressão em beneficiários de planos de saúde e fatores de risco associados, PNS 2019" - (https://www.iess.org.br/index.php/biblioteca/tds-e-estudos/textos-para-discussao/td-84-depressao-em-beneficiarios-de-planos-de-saude); 2. "Nota de acompanhamento de beneficiários" - (https://www.iess.org.br/sites/default/files/2021-09/NAB%2061.pdf); 3. "Global patterns of workplace productivity for people with depression: absenteeism and presenteeism costs across eight diverse countries" - (https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27667656/); 4. "Depression and other common mental disorders – Global health estimates" - (https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/W?sequence=1); 5. "Final results from the TRAL Study: Treatment-Resistant Depression in Latin America – A multicenter, prospective, international, observational study" - (https://www.researchgate.net/publication/344547784_Final_Results_from_the_TRAL_Study_Treatment-Resistant_Depression_in_Latin_America_-A_multicenter_prospective_international_observational_study#:~:text=The%20TRAL%20Study%20(Treatment%20Resistant%2C%20Brazil%2C%20Colombia%20and%20Mexico)

Entre 251 e 310 milhões de pessoas no mundo[2] são vítimas da depressão. Até 2030 deve se tornar a doença não transmissível mais frequente do planeta, ultrapassando os distúrbios cardiovasculares e o câncer[3]. De caráter sistêmico, o transtorno tem altas taxas de morbidade e mortalidade. "Na vigência de um episódio depressivo, piora em duas vezes a gravidade de outras doenças, como diabetes e hipertensão", lembra a psiquiatra Fabiana.

Tanto pelo impacto da doença em todo o organismo como pelo risco de suicídio, segundo o professor da UFMG, a depressão, sem o acompanhamento adequado, diminui a expectativa de vida de seus portadores de seis a dez anos, em comparação à da população em geral. Por isso é tão importante a atuação dos psiquiatras para que encontrem medidas rápidas para mudar esse desfecho. Tal cenário deve ser observado pelo sistema de saúde com a devida urgência no que diz respeito à oferta de tratamentos e a rede assistencial.

"O paciente depressivo é uma pessoa que sofre muito, vive menos e com menos qualidade de vida do que poderia viver, se não tivesse o transtorno", resume o médico Frederico. Menos de 50% dos doentes estão em tratamento, pontua Fabiana, e destes, apenas dois em cada dez estão bem assistidos.

Há de se levar em conta ainda os impactos econômicos da depressão, primeira causa de incapacidade no mundo. Apenas no Brasil, os custos diretos e indiretos com a doença chegam a 63,3 bilhões de dólares anuais – o segundo maior do mundo, depois dos Estados Unidos[4]. Uma pessoa sem o transtorno falta, em média, seis dias de trabalho por ano por algum problema de saúde. O depressivo, 21 dias (veja o infográfico ao lado).

É por isso que, frente a um transtorno altamente prevalente, com impactos socioeconômicos tão profundos, os especialistas insistem na importância do diagnóstico precoce. Porque depressão tem controle. "Mesmo nos casos de diagnóstico tardio, com o tratamento adequado, é possível evitar novos episódios e garantir ao paciente uma vida absolutamente normal, como a de qualquer pessoa sem a doença", frisa a professora da UFBA. A detecção da doença em estágios iniciais pressupõe uma série de iniciativas, como treinar os médicos generalistas e especialistas não psiquiatras ou levar o tema da saúde mental para as escolas infantis, como acontece na Dinamarca e na Noruega.

Nesse movimento, é imprescindível derrubar os estigmas que ainda cercam a depressão, apesar de todas as conquistas da medicina. E só se consegue isso falando abertamente sobre o assunto. É preciso falar, falar muito. O transtorno é uma doença como qualquer outra. Ninguém tem vergonha de se assumir hipertenso ou diabético. Qual é, então, o problema em ter depressão? Enquanto persistir o preconceito em relação aos medicamentos psiquiátricos ou houver gente achando que aprendeu a conviver com o transtorno, também não se irá muito longe. "Antidepressivo não vicia, nem muda a personalidade de ninguém", insiste Fabiana. "E ninguém tem de se habituar à doença. Tem, sim, de ser tratado e resgatar o controle da própria vida."

Referências:
1. "O impacto da depressão" - (https://www.abrata.org.br/o-impacto-da-depressao/); 2. "Depression rates by country – 2022" - (https://worldpopulationreview.com/country-rankings/depression-rates-by-country); 3. "Depression and other common mental disorders – Global health estimates" - (https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/W?sequence=1); 4. "Global patterns of workplace productivity for people with depression: absenteeism and presenteeism costs across eight diverse countries" - (https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27667656/)

saúde

# Einstein inaugura centro de ensino e pesquisa de R$ 700 milhões em SP

Entidade espera que local com arquitetura de grife internacional seja um novo ícone da cidade e funcione como oásis urbano

Uirá Machado

SÃO PAULO A Sociedade Israelita Albert Einstein vai inaugurar em meados de agosto o seu novo Centro de Ensino e Pesquisa, um prédio na zona sul de São Paulo construído com a proposta de ser um oásis dentro da cidade.

Erguido durante a pandemia de Covid ao custo de R$ 700 milhões, o edifício chama a atenção pela arquitetura de grife internacional, com um bosque interno formado por plantas nativas da mata atlântica, teto composto por 1.854 placas de vidro e laboratórios com paredes transparentes.

O local, que já está em operação parcial, abriga os cursos de graduação em medicina (mensalidade de R$ 9.310), enfermagem (R$ 2.250) e, a partir de 2023, administração de organizações de saúde (R$ 4.380).

Também ficam no novo edifício cursos de pós-graduação distribuídos entre as 21 salas de aula (que podem virar 40).

"A construção desse prédio é mais uma realização de um sonho dos nossos fundadores, ao vislumbrarem que o Einstein teria a sua faculdade de medicina", afirma Sidney Klajner, presidente do Einstein.

A faculdade existe desde 2016; o que lhe faltava era a sede própria. Ao todo, a área de ensino do Einstein tem cerca de 44 mil alunos em graduação e pós-graduação.

Estima-se que mais de 6.000 pessoas circularão todos os dias no local, entre alunos, professores, colaboradores e, claro, pesquisadores.

É por causa da pesquisa, aliás, que o novo prédio ainda não foi aberto oficialmente. Gasta-se mais tempo para fazer a mudança dos laboratórios, até então instalados em um andar do hospital. Só 1 dos mais de 700 projetos, por exemplo, tem 100 mil amostras a serem transportadas em temperatura controlada.

No novo local, cientistas encontrarão diversos laboratórios de ponta, com 256 equipamentos de uso compartilhado mediante reserva de horários.

As paredes transparentes permitem que o trabalho seja acompanhado pelos alunos e por visitantes, como se estivessem num restaurante com a cozinha aberta.

Novo centro de ensino e pesquisa do Einstein, com bosque no térreo e teto de vidro Adriano Vizoni/Folhapress

"O edifício foi pensado para que os pesquisadores possam conviver com os estudantes e tenham essa troca de conhecimento", afirma Junia Gontijo, diretora-executiva de Patrimônio, Engenharia e Infraestrutura do Einstein.

Coube ao escritório Safdie Architects cuidar do projeto. Fundado pelo arquiteto israelo-americano Moshe Safdie, o escritório assina obras nos cinco continentes, mas até agora não tinha nenhuma no Brasil. Destacam-se em seu portfólio o aeroporto de Singapura, o Instituto da Paz de Washington (EUA) e o Museu do Holocausto em Jerusalém.

"Tenho uma extensa família que emigrou para o Brasil nos anos 50 e os visitei em muitas ocasiões. A oportunidade de contribuir com a comunidade de São Paulo foi de um significado especial", diz Safdie.

"Dado o local, com um lado voltado para o bairro residencial e o outro para o hospital e a agitação de uma movimentada artéria urbana, decidimos criar um prédio ao redor de um pátio tradicional, um oásis na cidade", afirma.

Espaços como os laboratórios, salas de aula e um auditório rodeiam o átrio onde fica o bosque. No alto, a 35 metros do nível 1, assoma a claraboia de 88 metros por 49 metros, construída em três domos.

Recoberta por película, a claraboia permite que a luz natural entre no edifício com intensidade variada. "Há aí também uma ideia de recriar o clima grego de reunir uma plateia sob a sombra de uma árvore", diz Safdie.

## MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

## Defensor público na Bahia, abraçou por décadas as causas dos desvalidos

ANTONIO RAUL BORGES PALMEIRA (1956-2022)

Franco Adailton

SALVADOR Em novembro de 2016, 181 anos após ser acusada de conspiração contra a Coroa Portuguesa, a ex-escravizada Luísa Mahin foi absolvida em um júri simulado pela Defensoria Pública da Bahia, que designou Antonio Raul Borges Palmeira para defendê-la.

A simulação colocou Mahin como ré sob a acusação de participar da Revolta dos Malês, em 1835. Mãe do abolicionista Luís Gama (1830-1882), ela foi representada pela atriz Valdineia Soriano na ocasião.

Assim, Mahin acabou entrando para o rol das mais de mil participações em tribunais do júri deste advogado cuja carreira somou 40 anos.

Formado em 1979 pela Universidade Federal da Bahia, Palmeira foi empossado como defensor público em 1986. Desde então, dedicou a vida a prestar assistência jurídica a quem não tinha acesso ao direito.

O mais velho dos filhos de Vilma com Joselino optou pela profissão para fazer gosto à mãe. "Ele foi aprovado em três cursos, de três universidades, mas escolheu o direito porque era o que nossa mãe gostaria de estudar", revelou a irmã Nadja Palmeira.

O homem alto e com "voz de trovão", como apelidado pelos colegas, era afeito à literatura, à história, às artes, com conhecimento das nuances processuais e da alma humana, descreveu em artigo Rafson Ximenes, defensor público geral da Bahia.

"Era uma pessoa muita culta, sensível, com humor ácido, enorme senso de justiça, que amava viajar", lembrou a amiga e subdefensora geral Firmiane Venâncio, companheira de viagens de Palmeira.

Além da paixão pelo belo, não abria mão da típica comida baiana servida às sextas-feiras, um combinado à base de dendê: caruru, vatapá e moqueca. "Também amava carne de carneiro. Tanto que comemos por 14 dias na Turquia e prometemos passar um ano sem repetir", recordou, rindo.

Em 14 de junho, aos 66 anos, Palmeira foi encontrado morto em casa, em Salvador, vítima de parada cardiorrespiratória. Foi cremado no dia seguinte ao som de Nina Simone e Édith Piaf.

"Ele costumava falar que, no funeral dele, tocasse 'Non, Je Ne Regrette Rien', de Piaf. E ele foi do jeito que queria, sem dor, em um dia de chuva e vento", definiu Firmiane.

Palmeira deixou o pai, Joselino, os irmãos Nadja, Ricardo, José Raimundo, Dione, Cíntia, Aline e Gustavo, além de quatro sobrinhos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

esporte

## PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

### Atuar em várias posições surpreende e muda o jogo

A entrada de Gabriel Menino como meia-armador, substituindo a Raphael Veiga, simboliza o trabalho tático de Abel Ferreira. O técnico português gosta da polivalência.

Menino poderia entrar como volante e adiantar Zé Rafael, ou ocupar a ponta direita e puxar Scarpa para a armação. Abel prefere ter mais jogadores com capacidade de jogar em múltiplas funções.

Menino substituiu Raphael Veiga e jogou na sua função. Fez o gol da vitória.

Polivalência não é exclusividade do Palmeiras e nem sempre dá certo. Rogério Ceni perdeu Wellington, cansado, não tinha Reinaldo, machucado, pediu a Marcos Guilherme jogar como ala e o improviso cedeu o espaço para Pedro Junqueira cruzar para o gol de empate do Goiás, de Pedro Raul, aos 46 do 2º tempo.

Saber ocupar mais de uma posição é importante desde que Telê Santana jogava como ponta, às vezes como centroavante ou meia-direita. Mesmo que, de vez em quando, pareça fora de moda no Brasil. "Ele quer jogar só na extrema esquerda? Eu também estar a treinar o Liverpool." Lembra-se da resposta de Vítor Pereira sobre Roger Guedes?

O Palmeiras da polivalência é também das perdas de pontos em casa. O assistente João Martins contou, depois de vencer o São Paulo, no Morumbi, que Abel Ferreira perguntou aos jogadores o que é necessário para ganhar o Brasileiro: "Vencer em casa", ouviu. Dos 18 pontos perdidos pelo campeão do 1º turno, dez foram no Allianz. Está diferente do plano original.

Mas a distância no final do primeiro turno é confortável. Não tanto quanto a do Corinthians 2017, a maior de todos os tempos, ao final da primeira metade do campeonato. Aquele time de Fábio Carille fez duas coisas inéditas: oito pontos de diferença para o vice-campeão do turno. É o time que mais jogou junto na história corintiana, empatado com o da Democracia Corinthiana: 13 vezes.

Era improvável que Cássio, Fágner, Balbuena, Pablo e Arana; Gabriel e Maycon; Jadson, Rodriguinho e Romero; Jô tivessem tanta facilidade naquele 1º turno. Tão surpreendente quanto terem jogado o mesmo número de partidas, juntos, do que Solito, Alfinete, Mauro, Daniel González e Wladimir; Paulinho, Sócrates e Zenon; Ataliba, Casagrande e Biro-Biro.

Aqueles oito pontos de vantagem deram fôlego para um 2º tempo ruim, vencido pela Chapecoense. A lembrança dá mais valor para esta campanha do Palmeiras, que analisa rodada a rodada o fôlego restante de um time preparado para alcançar o ápice físico em fevereiro, por causa do Mundial. Mesmo assim, suporta o alto nível pedido pela extenuante temporada brasileira.

No Allianz Parque, Mano Menezes substituiu melhor do que Abel Ferreira. O colorado trocou Wanderson por Alemão, algoz de Weverton no 2º tempo.

Abel colocou Menino como meia e sua presença na área valeu o gol da vitória. Por outro lado, tirar Raphael Veiga e Dudu, o melhor em campo, foi um risco num clássico que já se anunciava duríssimo.

Claro que Abel calcula a parte física. Perdeu Rony por um mês, porque esperou cinco minutos a mais para tirá-lo do jogo contra o Fortaleza. E, com todas as dificuldades, o Palmeiras venceu um jogo que pode ser decisivo no final da campanha.

**Palmeiras contra o Inter:** campeão do primeiro turno

**Corinthians 2017:** o primeiro turno de maior vantagem

### A DOR DE ROGÉRIO

O São Paulo sofreu 41 finalizações, 19 no alvo e levou oito gols nas últimas três rodadas do Campeonato Brasileiro. Rogério lamenta o número recorde de empates (11) e os gols fáceis sofridos pela defesa. Claro que isto tem a ver com os desfalques e improvisações. Mas a equipe precisa de melhorar rapidamente.

### SUBIDA BRASILEIRA

Raphinha foi o craque da vitória do Barcelona sobre o Real Madrid, em amistoso disputado nos Estados Unidos, e eleva o nível de titularidades na Europa de protagonistas da Seleção na Copa do Mundo. Não é só Neymar no PSG. Tem Vinicius Junior no Real Madrid, Raphinha no Barcelona, Gabriel Jesus no Arsenal.

**ESPORTE AO VIVO** | 7h PSG x Gamba Osaka — Amistoso, ESPN | 20h Coritiba x Cuiabá — Série A, PREMIERE | 21h Argentina x Colômbia — Copa América fem., SPORTV

# Sucesso de atletas reduz preconceito, diz estudo

## Pesquisa de universidades americanas usou como exemplo o egípcio islâmico Mohamed Salah, do Liverpool (ING)

**Luciano Trindade**

SÃO PAULO Inspirados na música "Good Enough", da banda de rock inglesa Dodgy, torcedores do Liverpool criaram uma canção para homenagear o atacante Mohamed Salah.

"Mo Sa-lah lah lah lah, se é bom o suficiente para você, ele é bom o suficiente para mim. Se ele marcar mais alguns, então vou virar muçulmano também. Sentado na mesquita, é lá que eu quero estar."

A música foi criada na temporada 2019/20, quando o egípcio liderou a equipe no título da Champions League. Ela ajuda a entender por que o jogador se tornou um símbolo no combate a islamofobia.

A importância de Salah nessa luta foi verificada no estudo: "A exposição a celebridades pode reduzir o preconceito? O efeito de Mohamed Salah sobre comportamentos e atitudes islamofóbicos", coordenado por professores das universidades Stanford, Yale e Colorado, nos EUA.

Salma Mousa, uma dos autoras da pesquisa, acredita que o sucesso de atletas que pertencem a grupos estigmatizados, como muçulmanos e pessoas LGBTQIA+, ajuda no combate ao preconceito, desde que eles sejam reconhecidos como membros desses grupos.

"A exposição a atletas e celebridades de qualquer grupo estigmatizado, seja ele religioso, étnico ou sexual deve reduzir o preconceito", diz a pesquisadora à **Folha**.

A professora ressalta a importância do "sucesso no campo de futebol, da cobertura positiva da mídia e de [o atleta] ser visto como membro 'típico' de um desses grupos". Segundo ela, esse é componente essencial para que as "atitudes em relação a uma pessoa generalizem as atitudes em relação a um grupo inteiro".

O estudo apontou que desde que Salah chegou ao time, em 2017, houve queda de 18,9% no número de crimes de ódio na área de Merseyside, local em que fica Liverpool. "Enquanto nenhum efeito semelhante foi encontrado para outros tipos de crime na região."

Também houve redução pela metade na taxa de postagens de tuítes antimuçulmanos por parte de torcedores do clube — uma queda de 7,2% para 3,4%. Não houve um movimento semelhante de outras torcidas na Premier League.

"A explicação para essa redução do discurso de ódio e crimes de ódio entre os torcedores do Liverpool é por causa do contato parassocial com Salah", afirma Salma.

A interação parassocial é descrita como experiência em que a audiência interage com personalidade da mídia como se houvesse relação de reciprocidade, embora sem um contato pessoal direto.

O conceito foi aplicado ao estudo porque os torcedores são expostos ao comportamento de Salah nas partidas, na mídia e nas redes sociais.

"Esse tipo de relacionamento pode reduzir o preconceito de maneiras semelhantes ao contato tradicional, construindo empatia, enfatizando semelhanças e refutando estereótipos negativos", afirma a professora. "Salah é capaz de ter esse efeito também, em parte, porque a mídia o cobre de forma positiva, porque ele é extremamente bem-sucedido, evita questões políticas controversas e é visto como um típico muçulmano."

Salah nunca hesitou em mostrar sua identidade islâmica. Quando faz gols, curva-se no gramado. "É uma forma de orar e agradecer por tudo o que tenho", declarou.

O egípcio também se mantém ligado às questões sociais de seu país. Lá fundou a Fundação Salah, que construiu postos de saúde e centros para a distribuição de alimentos.

Ele fornece assistência financeira mensal a mais de 400 famílias pobres e construiu uma escola religiosa para cerca de mil meninos e meninas.

Isso colabora para a imagem positiva que construiu. Agora, os pesquisadores querem descobrir o que ocorreria se um nome que pertence a grupo estigmatizado não conseguisse sucesso semelhante ao de Salah. "O que acontece quando eles têm um dia ruim, ou decidem tomar uma posição política, é o que resta saber. Disso trata nossa pesquisa atual", finaliza Salma Mousa.

Carla Carniel/Reuters

**PALMEIRAS FAZ GOL NO FIM E TERMINA O TURNO COMO LÍDER DA SÉRIE A**

Com gol de Gabriel Menino (foto) nos minutos finais o Palmeiras venceu o Internacional por 2 a 1 neste domingo (24), no Allianz Parque, e terminou o primeiro turno do Campeonato Brasileiro na liderança. Com 39 pontos, a equipe de Abel Ferreira tem quatro de vantagem para o segundo colocado. Esta posição é do Corinthians, que ganhou de virada do Atlético Mineiro, no Mineirão, por 2 a 1. Fabio Santos anotou os dois gols do alvinegro paulista. Também neste domingo, o Santos ficou no 0 a 0 com o Fortaleza, na Arena Castelão em uma partida de baixo nível técnico.

# *O Flamengo acende a luz alta*

## O rubro-negro reage no Brasileiro e pede passagem aos que estão à sua frente

**Juca Kfouri**

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

*Por enquanto, o Flamengo pede passagem aos cinco times que lhe estão à frente.*

*Pelo andar da carruagem, daqui a pouco dará o pisca e forçará a ultrapassagem.*

*Dizem os rubro-negros que não se pode deixar o Flamengo chegar e a vitória inédita na Ressacada é sinal de que o time de Pedro está chegando.*

*Eram cinco jogos com três derrotas e dois empates com o Avaí em Florianópolis e logo de cara, no segundo tempo, o time catarinense saiu na frente, embora os cariocas tenham cansado de perder gols nos primeiros 45 minutos.*

*Com volume impressionante de jogo para a ensolarada manhã catarinense, dois gols de Pedro viraram o resultado e outros mais foram desperdiçados por detalhes: 2 a 1.*

*A distância para o Palmeiras ainda é grande, de nove pontos, e o alviverde tem o consolo de estar apenas em duas competições. Só que o Flamengo tem o elenco com mais jogadores decisivos do país e Dorival Júnior, com seu jeito discreto de ser desde que era competente volante, trouxe a paz de volta à Gávea.*

*Fez mais, bafejado pela sorte do infortúnio de Bruno Henrique, ao tornar Pedro titular ao lado de Gabigol.*

*Ao terminar o primeiro turno com mais de uma rodada de vantagem sobre seus concorrentes, o Palmeiras, é claro, segue como maior favorito, o que não é novidade, mesmo que esteja complicando jogos aparentemente fáceis.*

*Assim aconteceu nas duas últimas vitórias, contra o América, em Belo Horizonte, quando o atacante mineiro Juninho perdeu o gol de empate mais feito do ano e, em casa, contra o Inter, ao jogar para golear no primeiro tempo e sofrer para vencer por 2 a 1 no segundo, graças, fundamentalmente, ao goleiro Weverton.*

*É verdade que o Palmeiras ainda não vê o Flamengo em seu retrovisor, porque há outros pretendentes mais perto, como o Corinthians, a quatro pontos, e o Fluminense, a cinco.*

*O Galo, ao ter Cuca de volta, sinaliza que pode ir mais longe de um lado, porque inegavelmente ele é bom treinador, e a falta de responsabilidade e sensibilidade sociais do outro, por trazer de volta alguém condenado por estupro de menor na Suíça sem jamais sequer ter pedido desculpas. A complacência nacional com tais covardias é exasperante.*

*Contra o Corinthians o Galo tomou virada chocante ao sair na frente e tomar dois gols de Fábio Santos.*

*Cuca não teve coragem de estar no banco como seria normal para quem conhece tão bem o elenco e agora aparecerá como salvador da pátria.*

*Já o Corinthians é a maior surpresa do campeonato e termina o turno muito mais perto do Palmeiras, com quem jogará na 22ª rodada, em Itaquera, onde o Timão também é fera. Como foi no Mineirão.*

**Sina de empates**

*O São Paulo concluiu sua 19ª participação no turno do Campeonato Brasileiro com o 11º empate.*

*Se o 3 a 3 com o Inter, no Beira-Rio, foi heroico, o 3 a 3 com o Goiás, no Morumbi, beirou o vexame, inadmissível para um time que tenha maiores pretensões na temporada.*

*Por mais que a defesa tricolor esteja esfacelada e repleta de garotos, é exasperante sua incapacidade de manter vantagens.*

**Dinizismo**

*O dia em que, se acontecer, o Fluminense acertar a pontaria, o time de Fernando Diniz poderá sonhar em entrar no rol dos pretendentes ao título.*

*Porque o poder de criação tricolor impressiona tanto quanto as oportunidades perdidas. E olhe que Cano é o artilheiro do campeonato com 12 gols.*

| DOM. Juca Kfouri, Tostão | **SEG. Juca Kfouri, PVC** | TER. Casagrande, Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. PVC, Sandro Macedo | SÁB. Casagrande, Marina Izidro |

MENSAGEIRO SIDERAL | Salvador Nogueira
folha.com/mensageirosideral

# Telescópio James Webb já sombreia recordes e indica rico passado galático do Universo bebê

Nem bem começou a trabalhar, o Telescópio Espacial James Webb (JWST, na sigla inglesa) já pode ter enxergado a galáxia mais distante conhecida. Catalogada como GLASS-z13, ela representa o estado do cosmos uns 300 milhões de anos após o Big Bang.

O resultado ainda é preliminar — em mais de um sentido. Para começar, o estudo, encabeçado por Rohan Naidu, do Centro para Astrofísica Harvard & Smithsonian (EUA), foi submetido à revista Astrophysical Journal Letters, mas ainda aguarda revisão e aceitação.

Além disso, ele parte de observações do pacote inicial do Webb, em que incertezas sobre a precisão podem ser significativas. Mas os pesquisadores se certificaram de que tal dúvida não deve pairar acima de uma variação de 10%, o que já coloca o achado em posição muito relevante. Até porque, além da galáxia potencialmente recordista, eles encontraram mais uma, quase tão distante (e velha) quanto.

Para estimar quão fundo estão vendo, os astrônomos analisam o "desvio para o vermelho" da luz, representado pela letra z. Ele indica o quanto o comprimento da onda luminosa foi "esticado" ao longo de sua viagem através de espaço que está, ele mesmo, em expansão. Quanto mais a luz viaja, mais se estica.

Quinteto de galáxias visto pelo James Webb 12.jul.22/Nasa/AFP

A mais distante galáxia confirmada vista pelo Hubble (GN-z11) tem z 11 e representa uma época cerca de 400 milhões de anos após o Big Bang. A GLASS-z11, uma das novas descobertas, potencialmente empata com ela. E a GLASS-z13, como o nome sugere, parece ter z 13, mergulhando mais 100 milhões de anos no passado.

Com isso, meio que também empata com uma candidata a galáxia mais distante já vista, a HD1, descoberta e apresentada em abril. Mas, mais importante que potenciais recordes, é o significado dos novos achados — eles vão revelando que o Universo evoluiu mais depressa do que se supunha.

Os modelos mais aceitos sugerem que galáxias como essas, antigas, grandes e brilhantes o suficiente para serem vistas (os autores estimam que a GLASS-z13 já se mostra com massa de 1 bilhão de sóis), deveriam ser mais raras.

Quando a GN-z11 foi descoberta, em 2015, podia ter sido um golpe de sorte. Depois veio a HD1, com confirmação incerta. E agora foi só o Webb olhar mais fundo com seu olhar infravermelho que já achou outras duas potenciais representantes dessa época. Segundo Naidu e seus colegas, era esperado que fosse preciso olhar para uma área do céu dez vezes maior para ter essa frequência de achados.

Isso implica que, provavelmente, galáxias relativamente parrudas já eram figurinhas fáceis 300 milhões de anos após o início do Universo — algo inesperado, que por sua vez indica que o Webb, olhando ainda mais fundo, deve bater tranquilamente os recordes atuais. "Se essas candidatas forem confirmadas, está claro que o JWST será muito bem-sucedido em empurrar a fronteira cósmica o caminho todo até a beira do Big Bang", escrevem os pesquisadores.

**PAPA FRANCISCO PEDIRÁ DESCULPAS AOS POVOS INDÍGENAS EM 'PEREGRINAÇÃO PENITENCIAL' AO CANADÁ**
Em cadeira de rodas, o papa embarca na manhã de domingo (24) para viagem de seis dias ao Canadá, 56º país que visita; ele anunciou que vai "encontrar e abraçar os povos indígenas" canadenses porque "muitos cristãos, incluindo alguns membros de institutos religiosos", contribuíram com políticas que prejudicaram gravemente as comunidades nativas Remo Casilli/Reuters

VOCÊ VIU?

# Depois de sambar na bandeira brasileira, Bebel Gilberto mostra que vídeo foi editado e se desculpa

**Após repercussão negativa de vídeo em que aparece** sambando em cima da bandeira do Brasil durante um show nos Estados Unidos, a cantora Bebel Gilberto se pronunciou em suas redes sociais na noite do sábado (23).

"Foi um ato impensado meu, porque se tivesse tido tempo de raciocinar teria me ocorrido que estava entregando de presente para a extrema direita uma imagem com a qual poderiam destilar o seu ódio repugnante e o seu falso patriotismo", escreveu a cantora na publicação.

A apresentação ocorreu na terça-feira (19) e foi compartilhada no Twitter por Mario Frias, ex-secretário de Cultura de Jair Bolsonaro, na manhã do sábado, com uma legenda com erros de grafia e concordância.

"Esta é Bebel Gilberto, filha do compositor João Gilberto, sobrinha de Chico Buarque. Vejam o q ela fez com a bandeira do Brasil recebida de um expectador [sic] em San Francisco (...). Essa gente não sente nada pelo Brasil. Gostam apenas de se beneficiar do que o povo pode lhes proporcionar", escreveu ele no Twitter. "Alguém q não tem amor pela própria pátria e rechaça o maior símbolo de patriotismo de uma nação, não é digno de se dizer brasileira."

No vídeo, Bebel pega uma bandeira do Brasil do público e dança com ela até que associa o gesto a bolsonaristas.

Bebel Gilberto dança sobre a bandeira do Brasil em show na Califórnia Mario Frias no Twitter

Na sequência, ela coloca o objeto no chão, samba em cima e começa a cantar "Bananeira". No entanto, a cantora publicou a versão completa da apresentação e mostrou que, no fim da canção, ela se desculpou com o público e concluiu que a bandeira e o país não devem ser culpados pela situação política atual.

"Amo o Brasil e tenho certeza de que em breve os radicais do ódio serão varridos para o lixo da história. Aos brasileiros de bem que, como eu, são defensores intransigentes da democracia, mas se sentiram ofendidos com o meu ato impensado, minhas sinceras desculpas. O Brasil é maior que qualquer governo ou político", continuou.

ACERVO FOLHA | Há 100 anos 25.jul.1922

## Cientista Rocha Lima vai falar sobre os métodos de ensino da Alemanha

Dois ilustres cientistas, o médico brasileiro Henrique da Rocha Lima, que trabalha em um instituto em Hamburgo, na Alemanha, e o alemão Fritz Munk, da Universidade de Berlim, estiveram nesta terça-feira (25) na Faculdade de Medicina de São Paulo, onde viram uma aula do professor Nicolau de Moraes Barros.

Os dois vão participar de uma conferência sobre os métodos de ensino na Alemanha na próxima segunda-feira. Eles falarão alternadamente, ilustrando a palestra com projeções luminosas.

Antes desse evento, Fritz Munk também realizará uma conferência sobre sífilis nesta quarta-feira.

Folha da Noite

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

stra

# Espírito literário

## Romance 'A Vida Futura' mostra o encontro dos fantasmas de Machado de Assis e José de Alencar com um grupo que deseja formatar suas obras no século 21

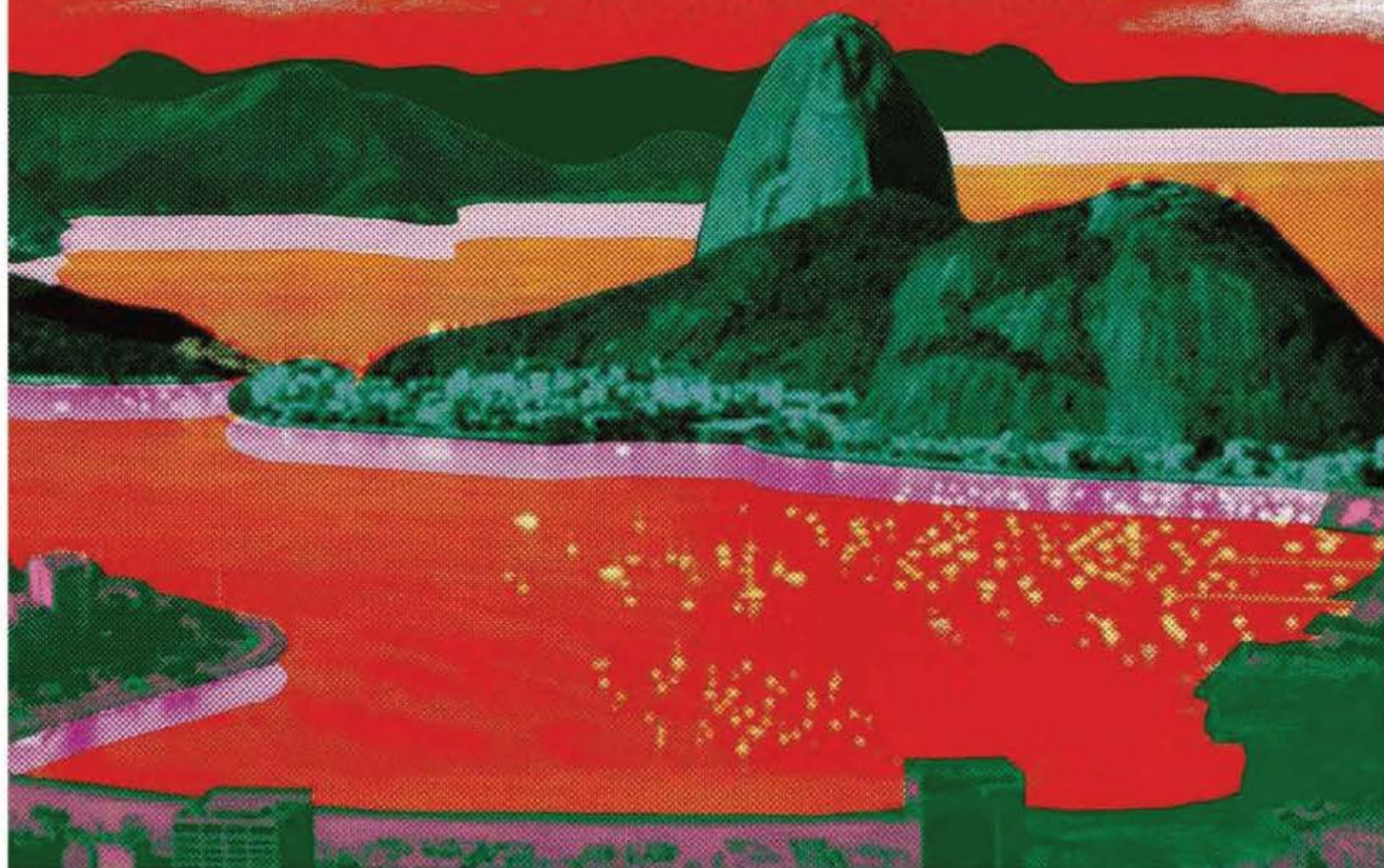



Ilustração para a capa do romance 'A Vida Futura', de Sérgio Rodrigues, publicado pela editora Companhia das Letras Catarina Bessell

**Walter Porto**

SÃO PAULO Machado de Assis vaga aturdido pelo campus de uma universidade carioca em pleno século 21. Ouve de canto o papo de um grupo de amigos e se atordoa com expressões que nunca ouvira antes. "Grupos interseccionais, lugar de fala, centralidade, não binário, cisgênero, epistemologia decolonial, todes. Todes? Seria um deus nórdico?"

O criador de Brás Cubas é ele próprio o defunto-autor de "A Vida Futura", ousado romance escrito por Sérgio Rodrigues que faz troça com as dissonâncias linguísticas e comportamentais que separam o Brasil machadiano do nosso.

O gancho é o seguinte — um projeto chamado "Luta de Clássicos", tocado por uma professora ressentida, propõe reescrever obras de autores brasileiros em linguagem mais fácil para ampliar o acesso à leitura.

Do céu dos escritores, acompanham com assombro o narrador Machado e seu amigo José de Alencar, que decidem descer como espíritos ao Rio para puxar o pé da acadêmica — o autor de "Iracema" por temer que isso seja "uma segunda morte", o de "Dom Casmurro" por motivos mais insondáveis.

O imbróglio dá origem a cenas divertidas. O grupo de revisores decide mexer na frase "não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria" para adicionar palavras como "infelizmente" ou uma redentora possibilidade de adoção pelo já cadavérico Brás Cubas.

"Aí entra uma coisa bem do nosso tempo", diz Rodrigues, que é colunista deste jornal. "Eles não estão interessados em simplificação, mas numa certa formatação moral. 'Isso aí pode dar problema, pode ser ofensivo para alguém.' Nossa época é muito focada nesse tipo de coisa, e tem uma certa razão, mas aplicar isso a um autor canônico fica absolutamente ridículo."

**Quando digo que ele [Machado] não queria ser negro é um simples fato histórico. É um cara que passava como branco ou quase branco. E é um sujeito que buscou uma posição social que não era acessível a pessoas de sua cor ou classe**

**Sérgio Rodrigues**
escritor

A maneira como Machado se encaixa na militância política de hoje é algo que o romance decide encarar de frente — incluindo as reivindicações em reconhecer a negritude do escritor. Numa cena do romance, Machado reage ao ouvir aquele mesmo grupo de universitários fazer um elogio a ele como autor negro.

"Sonhar com ser clássico, tendo nascido no Brasil, era cômico; alimentar tal sonho sendo filho da pobreza, e ainda por cima detentor de um bom quartilho de sangue negro numa sociedade escravagista — aí a cousa era ao mesmo tempo glória e escárnio", começa o narrador.

"Por outro lado, é fato notório que negro eu nunca quis ser, tendo dedicado cada minuto da vida, cada miligrama de massa cinzenta, cada sapo deglutido cru a me afastar das agruras reservadas às classes serviçais das quais provinha."

Continua na pág. C2

# MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Henrique Falci/Divulgação

## LAUDO MÉDICO

O Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP vai repetir exames de sorologia para a Covid-19 em cerca de 4.000 profissionais do hospital para saber como estão seus anticorpos contra a doença seis meses após tomarem a terceira dose da vacina.

**LAUDO 2** Quando os testes foram feitos logo depois da imunização com essa dose de reforço, quase 100% dos profissionais estavam com níveis altos de anticorpos neutralizantes —mais exatamente, 97% tinham boa proteção contra o vírus depois da terceira vacina.

**LAUDO 3** A ideia agora é saber se, passados seis meses, houve queda na proteção. E, se isso ocorreu, de quanto foi essa perda de capacidade de combate ao novo coronavírus.

**INTERVALO** O estudo pretende contribuir com a discussão sobre a necessidade de aplicação de doses de reforço na população, e o intervalo em que isso deveria ocorrer.

**DESDE SEMPRE** A instituição acompanha o grupo desde o começo da pandemia, quando ainda não havia imunizantes disponíveis no planeta.

**OPA** O deputado Paulo Fiorilo (PT) pregou uma peça no deputado bolsonarista Gil Diniz (PL), seu colega de Assembleia Legislativa de SP. Em uma visita ao interior paulista, Fiorilo encontrou bonés com a estrela do PT e com a inscrição "Bolsonaro 2022" à venda.

**OPA 2** Gil Diniz se interessou pelo adereço bolsonarista e encomendou dois deles, fazendo um Pix de R$ 60. O petista, porém, usou metade do valor para comprar um boné pró-PT.

**DIREITOS** "Mas graças a Deus os bonés do Bolsonaro estão vendendo dez vezes mais", contemporiza Gil. O deputado diz preferir que Fiorilo compre mais um item pró-presidente para incentivar as vendas a cobrar o seu dinheiro de volta. "Ou então entrar com o Código de Defesa do Consumidor, porque eu tomei um golpe aí de um petista", brinca.

A cantora Luedji Luna vai retornar aos palcos internacionais em uma turnê pela Europa marcada para ocorrer entre os dias 5 e 12 de agosto. Ela vai passar por países como Espanha, Portugal e Inglaterra. Após a temporada fora do Brasil, a artista retoma a produção de seu novo álbum, "Bom Mesmo É Estar Debaixo D'água – Deluxe", que contará com novas composições e remixes de algumas músicas já lançadas por ela. "É um projeto que nasce como uma proposta de ser um lado B do disco [anterior], com canções que não entraram e mais quatro remixes", diz Luedji. O CD chegará às plataformas digitais ainda neste ano

**JUNTAS** O Instituto Marielle Franco e o movimento Mulheres Negras Decidem vão reunir lideranças políticas, artistas e intelectuais no dia 5 de agosto para o primeiro "Encontro Nacional Estamos Prontas: Mulheres Negras na Política".

**SALA DE AULA** A iniciativa integra o projeto de formação política Estamos Prontas, encabeçado pelas duas organizações. Nele, 27 lideranças negras de todo o país são instruídas sobre temas como direito eleitoral, história do movimento negro e segurança digital.

**DEMANDAS** Durante o evento, realizado no Rio de Janeiro, será apresentada uma carta com sugestões de políticas de justiça social, racial e de gênero para dirigentes de partidos que apoiam a pré-candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para o Planalto. O ex-presidente foi convidado para o encontro, mas ainda não confirmou sua presença.

**PÁGINAS** A advogada Gabriela Araujo lançará, em 1º de agosto, o livro "Mulheres na Política Brasileira: Desafios Rumo à Democracia Paritária Participativa" (Arraes Editores).

**LINHA DO TEMPO** A obra analisa as origens das desigualdades de gênero na política, indo do sistema de democracia direta na antiguidade grega à fundação da democracia moderna. Seu lançamento será realizado na Livraria Martins Fontes da avenida Paulista, em São Paulo, a partir das 18h.

**PALCO** A cantora baiana Assucena vai estrear no teatro com o espetáculo "Mata teu Pai, Ópera-balada", texto de Grace Passô para a personagem Medeia. A peça é dirigida por Inez Viana e reflete sobre a condição da mulher nos dias atuais. A produção vai estrear no dia 17 de agosto, no Sesc Pompeia, em São Paulo.

**INTERCÂMBIO** O Itaú Cultural vai levar duas exposições para serem exibidas fora do Brasil. Uma mostra sobre o arquiteto Rino Levi será inaugurada na embaixada brasileira em Roma, no dia 28 deste mês, com a presença do diretor do instituto, Eduardo Saron, e do embaixador do Brasil Hélio Ramos. Em setembro, nove obras da Coleção de Arte Cibernética do acervo do Itaú Cultural vão ser expostas no Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia em Lisboa.

com Bianka Vieira (Interina), Karina Matias e Manoella Smith

## Espírito literário

Continuação da pág. C1

Era incontornável mostrar Machado atento à discussão sobre sua raça, afirma Rodrigues, que diz ver como justo e positivo que ele seja reivindicado pelo movimento negro. Mas é complicado ter um escritor tão arisco e inclassificável como bandeira de qualquer movimento, acrescenta.

"Comecei a pensar o que Machado acharia. Quando digo que ele não queria ser negro é simples fato histórico. É um cara que passava como branco ou quase branco. E é sujeito que buscou posição social que não era acessível a pessoas de sua cor ou classe."

Mais tarde, "A Vida Futura" tem uma longa cena em que uma personagem reage com repulsa a um ensaio real no qual um antigo presidente da Academia Brasileira de Letras, Peregrino Júnior, trata um suposto processo de embranquecimento de Machado como ganho civilizatório.

"Machado evitava falar de seu passado. É um sujeito que tentou não ter cor, ser um homem universal", afirma Rodrigues. "Como ele encararia essa novidade? Eu não queria nem teria autoridade para fazer com que rejeitasse. Mas me parece claro que, sendo quem era, olharia isso com certo distanciamento irônico."

Muitos dos pensamentos expressos nesta entrevista por Rodrigues, escritor branco de 60 anos que teve seu "O Drible" premiado com o troféu Portugal Telecom, atual Oceanos, ressoam na boca da personagem Mariana, uma jovem estudante negra com "um alfinete espetado no nariz" —que no meio do livro passa a se definir como Mar, uma pessoa não binária.

"A importância de espalhar que esse homem tinha sangue negro, que seu pai era um mestiço forro, que seu cabelo era de negro", afirma a personagem, em certo trecho "não tem nada a ver com uma essência preta que a gente pudesse encontrar no fundo do texto, mensagens revolucionárias, consciência racial cifrada, nada disso". "Isso é conversa mole. O cara era totalmente assimilado, fez toda a questão de passar por branco o quanto pôde", completa.

A garota criada por Rodrigues, apaixonada pela literatura machadiana e alvo da fascinação de seu ídolo fantasma, é marcada pela inquietude. "Mar tenta pensar da cabeça dela. E entender o Machado com uma sensibilidade mais aguçada que seus companheiros de geração, que estão mais focados numa pauta política."

O autor afirma que seu livro não tem a intenção de ser panfletário nem de antagonizar com ninguém. Mas fazer literatura sempre envolve um diálogo com seus contemporâneos, e é inevitável que seu ponto de vista geracional e artístico esteja realçado dentro de sua criação literária.

Algo que ele declara ter feito de forma deliberada, por outro lado, é trabalhar a forma e a linguagem da narrativa em primeiro plano, acima até da história. "Isso me parece um pouco demodê hoje. O momento é de valorizar mais o testemunho, as vozes caladas que podem falar."

No testemunho de Rodrigues, o recurso à retórica machadiana tem um quê de salvação. O escritor conta que seus projetos anteriores soaram apodrecidos conforme Bolsonaro e a pandemia sugaram todas as atenções.

"A atração gravitacional desse presente é irresistível. Parece impossível não falar de política em momentos assim", comenta. "Então eu voltei a uma prosa antiga, a um jeito desatualizado de escrever, como um truque para conseguir voltar a falar do agora."

**A Vida Futura**
Autor: Sérgio Rodrigues. Editora: Companhia das Letras. R$ 64,90 (168 págs.); R$ 39,90 (ebook). Lançamento em 5/8

Ilustração do escritor Machado de Assis Adams Carvalho

A autora Edwidge Danticat no facebook @Edwidge Danticat

# 'Clara da Luz do Mar' acerta ao destrinchar as questões do Haiti

## Com idas e vindas no tempo, obra de Edwidge Danticat fala de momentos que precedem e sucedem a diáspora

**LIVROS**
**Clara da Luz do Mar**
★★★★☆
Autora: Edwidge Danticat.
Editora: Todavia. Tradutora: Ana Ban
R$ 62,90 (224 págs); R$ 39,90 (ebook)

**Matheus de Moura**

Claire Limyè Lanmè perdeu a mãe durante o parto. Desde então, seu pai, que nunca se sentiu seguro com tal título, se corroía com a ideia de deixar a garota com uma nova família para que tivesse uma criação mais digna enquanto ele buscava uma vida melhor no exterior.

Assim, aos sete anos de idade, a menina é relegada ao lar da vendedora de tecidos Gaëlle, a qual perdera, anos antes, sua própria filha num acidente automotivo. Tais histórias se entrecruzam com o núcleo familiar de Max Pai e Max Filho, donos de uma bem-sucedida rede de escolas particular em Ville Rose, no Haiti.

Tal como o filme "Moonlight" foca sua narrativa no antes e no depois de seus principais conflitos, o livro da internacionalmente premiada autora haitiana Edwidge Danticat destrincha os momentos que precedem e sucedem a diáspora de haitianos.

Seus protagonistas sentem-se aflitos pela ascensão da violência urbana tanto quanto pela inércia dos debates sobre gênero e sexualidade que tanto lhes afetam intimamente; logo, a vida no exterior parece ser uma opção a ser considerada, mesmo que, como pondera Gaëlle, pertencer à diáspora possa significar "o risco de morrer e ser enterrada num lugar frio".

Sendo ela própria uma haitiana residente dos Estados Unidos, a autora é bem-sucedida em destrinchar os conflitos morais, éticos e filosóficos que afetam os personagens em contraposição ao apego à terra natal. Mesmo quem nasce fora do Haiti, como é o caso de Jessamine, uma jovem estadunidense filha de haitianos, preserva as línguas (francês e criolo) e as tradições do país.

O texto navega de forma não cronológica pelas perspectivas dos personagens sem necessariamente apelar para a primeira pessoa, numa técnica narrativa similar a uma câmera sobre o ombro do protagonista. A linguagem se adapta a quem está sendo narrado.

O mundo sob a ótica de Claire é vivo, rico em cores, novidades e detalhes que, para qualquer adulto, seriam considerados prosaicos. Enquanto, quando acompanhamos seu pai, percebemos uma realidade acinzentada, com riqueza de detalhes mais presente nas memórias de sua esposa ainda em vida. Isso gera um efeito interessante de notarmos o Haiti sob óticas plurais, percebendo beleza onde uns veem miséria e miséria onde uns veem beleza.

As descrições de Edwidge merecem também um destaque especial quando o assunto é o corpo negro. A autora vai além do comum na literatura negra e distingue traços e tons de pele (mesmo entre pretos retintos) com palavras únicas a cada personagem.

A maior deficiência do livro, contudo, se dá na narrativa em si. Embora seja um texto simples de acompanhar, mesmo com as constantes idas e vindas no tempo, ele não parece fluir bem o suficiente para prender o leitor.

Pela pouca quantidade de páginas, poderia-se supor ser uma literatura passível de ser consumida em duas, três sentadas. O que se encontra, contudo, é uma história pouco movimentada, com perfis psicológicos muito bem definidos para os personagens, mas com poucos acontecimentos levando-os a diante.

De certa forma, isso serve à proposta reflexiva da obra, mas, ainda assim, afeta o potencial dramático da história, que narra situações densas e emocionalmente pesadas, mas mal aproveitadas.

Não é dizer que o texto não conta uma história, mas, sim, que este se assemelha mais a uma nuvem estática, daquelas que parecem não se mover durante o dia, do que o céu dinâmico das boas narrativas.

Pode-se dizer que é uma boa obra para quem busca compreender as questões que atravessam o cotidiano de haitianos, cuja realidade, em inúmeros trechos, mostra-se similar à de muitos brasileiros, seja pelas contradições de uma burguesia confusa quanto a seu papel na sociedade, seja pela forma como violência e corrupção parecem querer atrair e corroer a vida de jovens negros.

Todavia, não se trata de um livro engajador para leitores em busca de algo tocante e envolvente. A autora detém, nitidamente, um texto maduro, capaz de fugir das conclusões simplórias típicas de narrativas de estreantes entusiasmados pela ânsia de denunciar as agruras sociais. Ainda assim, falta movimento e ação à história. Quem sabe com mais tempero a vida de Claire não tivesse soado tão tocante quanto se propõe ser?

# ‘Pantanal’ discute democracia, voto e fake news às vésperas das eleições

## Próximo do horário eleitoral na vida real, José Leôncio reconhece valores da política na trama

**ANÁLISE**

**Cristina Padiglione**

Às vésperas de mais um período de horário eleitoral na TV, uma sequência de cenas traz um discurso sobre a importância do voto, da política e da democracia no enredo de "Pantanal", por meio de José Leôncio, o protagonista vivido por Marcos Palmeira.

Em cena com todos os filhos na sala, ouviremos Jove (Jesuíta Barbosa) puxando as opiniões do pai sobre o assunto, enquanto a TV exibe justamente uma edição de horário eleitoral.

Em capítulo previsto para esta última semana de julho, o fazendeiro se aprofunda no assunto em diálogo com Érica, a jornalista vivida por Marcela Fetter.

"É impossível negar a relação entre o agronegócio e o colapso no meio ambiente", diz a moça a José Leôncio.

"É como meu pai dizia: todo mundo que dá um passo pra frente déxa uma pegada pra tráis", ele reage. Érica diz que antes de conhecê-lo, pensava que "nenhum fazendeiro se importava com isso". Nesse ponto, o autor Bruno Luperi volta a colocar os males do agronegócio lado a lado com seus possíveis benefícios.

"Os mau-caráter num se importa mêmo, não", diz ele. "Acontece que eles são a imensa maioria...", ela diz. "Se num são a maior parte, são a mais barulhenta e a mais articulada politicamente!", ele responde, emendado: "Os fazendêro de verdade, aqueles que amam as terra onde pisa —e são muitos!—, esses ocê pode tê certeza que tão sofrêno junto delas".

A conversa avança para a política. "Esse país foi criado pra sê o celéro do mundo, pra atendê aos interesse lá de fora", ele fala. "E quando é que isso vai mudar?", ela questiona. "No que dependê dos nosso político? Nunca!", reage Leôncio. E justifica: "Quem vai se elegê cum discurso desses? E, caso se eleja, como é que um sujeito sozinho ia conseguí mudá 500 anos de história em quatro anos de mandato?"

O fazendeiro admite, pouco depois, que sempre teve "uma ideia muito errada sobre política": "Pra mim, falá em política sempre foi falá em bandalhêra. Era esse o meu pensamento. Hoje eu entendo que política é uma coisa muito séria. O que num é sério nesse país são os político!".

No seu entender, "o sujeito, pra se fazê político, tem que tê três condição. A primêra é muito dinhêro, ou tê por trás quem possa bancá os custo d'uma eleição. A segunda é muita saúde, pra aguenta a via-sacra que é uma campanha eleitoral", e a terceira, "tarveiz, seja a principar de todas elas: Num pode tê escrúpulo nenhum! Que é pra fazê os conchavo, as barganha, os acerto de conta. Político que num entrá no jogo num faiz carrêra".

> [...]
>
> **O texto não pende para qualquer sugestão partidária, mas levanta a bola sobre o assunto, inicialmente com aquele discurso barato de que ninguém na política presta, com bom potencial para ganhar a identificação do público e depois ampliar a discussão sobre o assunto**

De novo, o autor trata de sublinhar as exceções e brinca com as lendas sobrenaturais do entorno de sua fazenda: "Tem as exceção... É como o Velho do Rio: tem meia dúzia que jura que viu, o resto acredita só se quisé".

Érica pergunta se ele perdeu a fé na política, e Leôncio diz: "Eu continuo achâno política uma coisa muito séria, eu perdi a fé foi nos nossos político!". "E quanto à democracia?", ela pergunta.

"A democracia é nossa maior conquista enquanto nação! Claro que ela ainda trupica em muita coisa —basta vê o tanto de escândalo de corrupção que se vê por aí. Mas, sem ela, o povo num teria nem voz", ele responde.

O fazendeiro então traz para a conversa uma pista sobre um dos maiores propagadores de fake news, ao dizer que o povo continua sendo enganado como sempre, mas "agora, bombardeado pelo tanto de mintira chegâno o tempo intêro nessas porcaria de celular. E não é?!".

Mais tarde, Érica dirá a José Lucas (Irandhir Santos), com quem se envolve: "Eu fiquei aqui pensando como é que o voto, que é a manifestação mais poderosa e legítima de um povo, pode ser tratado de forma tão vulgar?". E ensina ao namorado o que é um "demagogo", após questioná-lo em quem ele votou na última eleição.

A própria Érica é filha de um político demagogo, o deputado Ibrahim, a ser vivido por Dan Stulbach.

O texto não pende para qualquer sugestão partidária, mas levanta a bola sobre o assunto, inicialmente com aquele discurso barato de que ninguém na política presta, com bom potencial para ganhar a identificação do público e depois ampliar a discussão sobre o assunto.

Os personagens Jove, vivido por Jesuíta Barbosa, e José Leôncio, papel de Marcos Palmeira, se reencontram em cena da novela 'Pantanal' Divulgação

# Gloria Perez fica na TV aberta e João Emanuel vai para Globoplay

SÃO PAULO Ao deslocar a novela "Todas as Flores", de João Emanuel Carneiro, para o Globoplay, e antecipar a estreia de "Travessia", de Glória Perez, para a faixa das 21h30 na TV aberta, o Grupo Globo estaria obedecendo a critérios sobre um enredo mais nichado e outro mais voltado à grande massa?

Segundo o diretor da TV Globo e afiliadas, Amauri Soares, e o diretor de teledramaturgia José Luiz Villamarim, as escolhas nada têm a ver com essa tese.

Em entrevista por vídeo, ambos endossam que o rearranjo da faixa nobre da Globo e a definição da próxima novela original Globoplay foram feitos unicamente por questões operacionais.

Era propósito do Globoplay lançar uma nova novela original este ano, como aconteceu com "Verdades Secretas 2" no ano passado. E "Todas as Flores", protagonizada por Regina Casé, estava em estágio mais adiantado em texto e definição de elenco —até porque sua exibição, inicialmente, estava projetada para ocorrer após "Um Lugar ao Sol", tendo depois sido preterida por "Pantanal" na fila do horário das nove.

"Para realizar a novela do João, temos que ter um tempo de publicação [no streaming]. Quanto mais capítulos escritos temos, melhor para nós. E o João é o rei do gancho [suspense entre um capítulo e outro]. A gente vai fazer uma experiência. O gancho no streaming é fundamental, mais até do que na TV aberta, e é muito bom enquanto exercício de dramaturgia longa o João fazer uma novela de 85 episódios", diz Villamarim.

"A Glória já estava na escrita e isso foi bom tanto para os estúdios como para ela. Agora, João Emanuel e Glória Perez sempre serão para a massa", conclui.

Argumento que "A Regra do Jogo", por exemplo, de Carneiro, que trabalhava com a dualidade de caráter de mocinhos e bandidos, além de driblar rótulos, como o autor fez em "A Favorita", desafia muito mais o público a pensar do que novelas como "A Dona do Pedaço", de Walcyr Carrasco.

Mas Soares volta a dizer que a Globo não tem "novela que seja segmentada". "Ter histórias mais complexas e menos complexas faz parte da diversidade de sinopses", explica.

Villamarim ressalta que "cada autor tem as suas características, o seu universo, mas todo autor quer fazer sucesso" e o formato nunca é planejado como produto de nicho.

"Como a novela não vai ter 140, 150 capítulos, vai ter 85, ela vai chegar à TV Globo para a faixa das onze", antecipa Amauri Soares.

Em breve, a faixa abarcará "Verdades Secretas 2", título mais visto do Globoplay no ano passado.

Mas o fato de a história já ter sido vista no streaming antes poderá alimentar a indústria de spoilers que sempre persegue o suspense em torno do enredo. "A gente acredita que novela não tem spoiler", diz Soares. "Quanto mais a pessoa sabe sobre a novela, mais ela quer ver."

"Concordo em gênero, número e grau com o Amauri", fala Villa. "A gente percebe que o espectador gosta de controlar a história, do tipo: 'Ah, falei que isso ia acontecer'. Faz parte da maneira de ver."

Ao abrir mão do ineditismo de "Todas as Flores" para que a novela seja vista em primeira mão pelo streaming, Amauri Soares também amplia o leque de títulos da parte que lhe cabe, no caso, a Globo, já que a conta será paga com orçamento da TV aberta e do Globoplay.

"Estamos somando recursos, é uma estratégia conjunta que amplia muito o nosso leque de opções na TV Globo; eu ganhei possibilidade de ter um conteúdo que eu não teria se estivesse sozinho, como a gente vai ter este ano agora com 'Verdades Secretas 2'."

"A gente tem uma estratégia de sempre que possível fazer curadorias conjuntas, sobretudo entre TV Globo e Globoplay. Tem os outros canais, tenho curadoria conjunta com o Multishow, por exemplo, com quem fazemos o 'Vai que Cola', o 'Lady Night', o 'Família Paraíso', mas com o Globoplay as oportunidades se ampliam. A gente já viu que o conteúdo que funciona na TV Globo funciona no Globoplay, então a gente tem buscado curadoria conjunta", afirma. **CP**

# Um dedo verde, só que podre

Ainda dá tempo de praticar antes da primavera: o que assassinarei hoje?

**Bia Braune**
Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

*Aquela descoberta foi digna do rei Nabucodonosor, contemplando a beleza luxuriante dos jardins suspensos da Babilônia. Um êxtase interrompido por um atendente que, trepado numa escada e com um cabo de vassoura na mão, berrava: "É pra descer qual das samambaias, madame???".*

*Escondida no centro do Rio de Janeiro, encontrei a loja que merecia o título de uma das sete maravilhas do comércio popular. Dotada dos espécimes mais variados da flora "made in China", era a meca dos que compram plantas de mentira.*

*Sim, sou esse tipo de pessoa. Enquanto amigos saem por aí, telúricos e naturais, visitando hortos e garden centers em busca de novas aquisições para suas florestas particulares, sempre aguardei a primavera pensando: "O que vou brutalmente assassinar hoje?".*

*É como um dedo verde, porém podre. Indiscriminadamente, dizimei todos os seres vivos do reino vegetal, em sua versão urban jungle. Peperômias, guaimbês, marantas: descansem em paz. Dracenas, pacovás, árvores da felicidade: foi bom enquanto durou.*

*Até plantas aéreas, dessas que não precisam de terra e vivem de brisa, eu consegui exterminar. "Tenta zamioculca! Adora luz fria de shopping, então não vai estrebuchar com você". Ah, que honra é ver brotar a esperança que os outros depositam em mim. Entretanto, não deu uma semana e babau. Nem comigo-ninguém-pode podia comigo.*

*Tudo mudou, é claro, quando fui parar nesse eldorado das costelas-de-adão, ficus lyratas e begônias maculatas de silicone e resina. Hipnotizada, toquei em pétalas do mais artificial encanto. Uma epifania coroada pela conversa que escutei entre mãe e filha, enquanto adquiriam um buquê de girassóis que parecia feito de papel crepom. "Tão lindos, né? Já vêm com orvalho!". Na verdade, purpurina —mas que brilhava igual ao olhar empolgado daquelas duas.*

*Ali, me dei conta de que cínico algum seria capaz de apreciar uma bromélia de poliéster. Apenas emocionados transformam glitter vagabundo em poesia. Toda planta de plástico, a seu modo, tenta eternizar o efêmero. E a vida o que é, além disso? Quiçá mera trepadeira existencial.*

*Redimida de meus genocídios florais, perdoada enquanto serial killer botânica, saí da loja com uma enorme bananeira que hoje habita minha varanda. Não é porque não a adubei que não tenho vocação para amá-la. Em vez de mãe, sou madrasta de plantas. Com o mesmo carinho, a mesma atenção, já planejando aumentar a família. Um bambuzinho de seda vai ficar fofo no meu banheiro.*

Marcelo Martinez

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

# É HOJE EM CASA

**Tony Goes**
tonygoes@uol.com.br

## Dinossauros vão invadir o mundo no novo 'Jurassic World'

**Jurassic World: Domínio**
Para aluguel no Amazon Prime Video, Apple TV+, Google Play e Now, 12 anos
Depois da destruição da ilha Nublar, onde funcionava um parque temático, muitos dos dinossauros de lá se espalham pelo mundo, trazendo caos e destruição a vários lugares. O sexto longa da franquia traz de volta os cientistas vividos por Jeff Goldblum, Laura Dern e Sam Elliott nos primeiros filmes e promete ser o último. Mas nunca se sabe —os dinossauros já ressuscitaram outras vezes.

**Match VIP**
Netflix, 16 anos
Nesta minissérie sul-coreana, uma mulher busca se vingar da amante de seu ex-marido por meio dos serviços de uma agência especializada em encontros entre pessoas ricas e poderosas.

**Roda Viva**
Cultura, 22h, livre
Depois de dez anos à frente do "Encontro", da Globo, Fátima Bernardes pediu para sair do programa que ajudou a criar. A jornalista e apresentadora discute seus projetos para o futuro com uma bancada que inclui o autor desta coluna.

**1001 Perguntas**
Band, 22h, livre
O quiz show apresentado por Zeca Camargo, também colunista da **Folha**, ganha nova dinâmica e volta a ser apresentado de segunda a sexta. Três duplas se enfrentam na segunda e na terça, e outras três na quarta e na quinta. Na sexta, as duplas vencedoras disputam R$ 20 mil com a campeã da semana anterior.

**Woodstock: Três Dias que Definiram uma Geração**
Curta!, 22h, 14 anos
O documentário inédito de Barak Goodman revisita o grande festival de música que, em 1969, reuniu quase meio milhão de pessoas em uma fazenda no interior do estado americano de Nova York e acabou se tornando um marco histórico.

**Terremoto**
Globo, 22h35, 14 anos
Este filme não é o blockbuster de 1974 com Charlton Heston e Ava Gardner, e sim um thriller norueguês recente. A trama imagina como seria o sismo esperado para a região de Oslo, por causa de uma falha geológica, se ele acontecesse hoje. Inédito na TV aberta.

## QUADRINHOS

**Piratas do Tietê** *Laerte*

**Daiquiri** *Caco Galhardo*

**Níquel Náusea** *Fernando Gonsales*

**A Vida Como Ela Yeah** *Adão Iturrusgarai*

**Não Há Nada Acontecendo** *André Dahmer*

**Viver Dói** *Fabiane Langona*

**Péssimas Influências** *Estela May*

## SUDOKU

texto art.br/fsp

FÁCIL

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 3 | | | 8 | | | 9 | | 7 |
| | | 6 | | | | | 4 | |
| | | | | | 9 | | | 3 |
| | 1 | | | 6 | 3 | 7 | | |
| | | 4 | | | | 6 | | |
| | | 3 | 1 | 8 | | | 5 | |
| 1 | | | 4 | | | | | |
| | 6 | | | | | 4 | | |
| 2 | | 7 | | | 1 | | | 8 |

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

## CRUZADAS

**HORIZONTAIS**
**1.** (of Thrones) Seriado e jogo baseado nos livros de ficção de George R. R. Martin / Sinal sonoro produzido por aparelho eletrônico **2.** Que sofreram derrota **3.** Área com produção de cenoura, abobrinha, cebola etc. / Uma tecla do PC **4.** Um tipo de cerveja / Unidade de comprimento correspondente a aproximadamente 30,48 cm, usada nos EUA **5.** Tatear **6.** Proceder **7.** Elvis Presley (1935-1977), cantor e ator / Muco das pálpebras, quando ressecado **8.** Um sufixo usado na internet / Pequeno veleiro de um único mastro **9.** Cantiga de ninar **10.** Limpador de rua / Mal que se causa a alguma coisa **11.** Firme **12.** Contração de preposição com pronome demonstrativo / O sujeito de come ou bebe **13.** Interjeição usada em chamamentos / A cor predominante na bandeira da Rússia.

**VERTICAIS**
**1.** Diz-se de polígono que tem 11 ângulos e 11 lados **2.** Pais da mãe e do pai / Espaço de tempo compreendido entre dois acontecimentos históricos / Interjeição usada para chamar a atenção **3.** Fazer comércio / As grandes movimentações das águas dos oceanos, para cima e para baixo **4.** Obstruir / Série de itens escritos em ordem alfabética ou convencional **5.** Um barco como Nina, Pinta e Santa Maria / Epiderme **6.** O bismuto, em química / Trepadeira da América tropical, muito cultivada como ornamental e medicinal **7.** A primeira parte da viagem / Que pode ter serventia **8.** A parte mais apreciada dos frutos / O político Brizola (1922-2004) **9.** Mover o volante do carro à direita e à esquerda / Substância gordurosa, em estado líquido, de origem mineral, animal ou vegetal.

**HORIZONTAIS: 1.** Game, Bipe. **2.** Vencidos. **3.** Horta, Alt. **4.** Escura, Pé. **5.** Apalpar. **6.** Derivar. **7.** EP, Remela. **8.** Com, Laser. **9.** Acalanto. **10.** Gari, Dano. **11.** Estável. **12.** Neste, Ele. **13.** Oi, Azul. **VERTICAIS: 1.** Hendecágono. **2.** Avós, Época, Ei. **3.** Mercar, Mares. **4.** Entupir, Lista. **5.** Caravela, Tez. **6.** Bi, Alamanda. **7.** Ida, Prestável. **8.** Polpa, Leonel. **9.** Esterçar, Óleo.

Ricardo Cammarota

# Não há como remendar o passado

As sociedades não se constituem a partir de processos de engenharia social

**Luiz Felipe Pondé**

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

O filósofo britânico A.N. Whitehead (1861-1947) suspeitava de que os avanços numa civilização são processos que podem destruir as civilizações em que eles se instalam. Estaríamos diante de um efeito colateral indesejável dos avanços nas civilizações?

A verdade é que suspeitas como essas podem ser colocadas diante da crença ingênua de que, se entendermos racionalmente as coisas —supondo que isso seja compreendêlas nas suas relações causais na realidade—, saberemos como "fazê-las melhor".

Descobrimos que existem componentes sociais e históricos na identidade sexual —exemplo de avanço no entendimento da realidade— e daí concluímos que sabemos como manipular tais componentes e organizá-los melhor do que estavam organizados até então.

Descobrimos que há furos na fundamentação das crenças religiosas —outro exemplo de avanço no entendimento da realidade— e daí concluímos que destruindo a religião faremos pessoas mais felizes e melhores.

Inventamos a ciência moderna —outro exemplo de avanço no entendimento da realidade— e daí concluímos que cientistas são pessoas mais inteligentes e livres de viés cognitivo como outros mortais.

Mergulhemos mais fundo na história. A filosofia foi inventada na Grécia antiga —grosso modo, a partir do século 5 a.C.—, daí concluímos que esse fato fez bem para Grécia de então e produziu um melhor entendimento da realidade e melhores ações nos gregos a partir de então.

Não parece ser a opinião de Gilbert Murray (1866-1957), historiador da religião e literatura grega antiga. Murray tem um conceito que me parece muito operacional para explicar por que experimentos como a modernidade ou a pós-modernidade não dão tão certo quanto seus adeptos imaginam que dão —ou mesmo eventos como a democracia, o teatro grego e a filosofia não implicaram em nenhum grande "avanço" na vida grega antiga. Vejamos.

Na sua obra "Five Stages of Greek Religion" (cinco estágios da religião grega), Murray descreve o processo contínuo e cheio de rupturas da religião grega antiga mostrando que, ao longo dos séculos, a religião grega foi se desfazendo e refazendo num processo não passível de ser reproduzido racionalmente nem repetido intencionalmente.

Eis o "conglomerado herdado" que caracteriza toda forma de ancestralidade cultural —e por cultural aqui conta-se moral, religião, política, sociedade. O termo nos leva à ideia de tempo geológico para significar que processos de constituição de conglomerados culturais herdados levam milênios para se dar e nunca terminam de se constituir. E mais: ninguém sabe sua chave de funcionamento, porque ela não existe.

Por isso que quando acreditamos que estamos num processo de destruição de crenças, superstições, preconceitos e obsessões coletivas para reconstruir racionalmente uma cultura damos com os burros n'água, como a crença moderna no progresso do mundo.

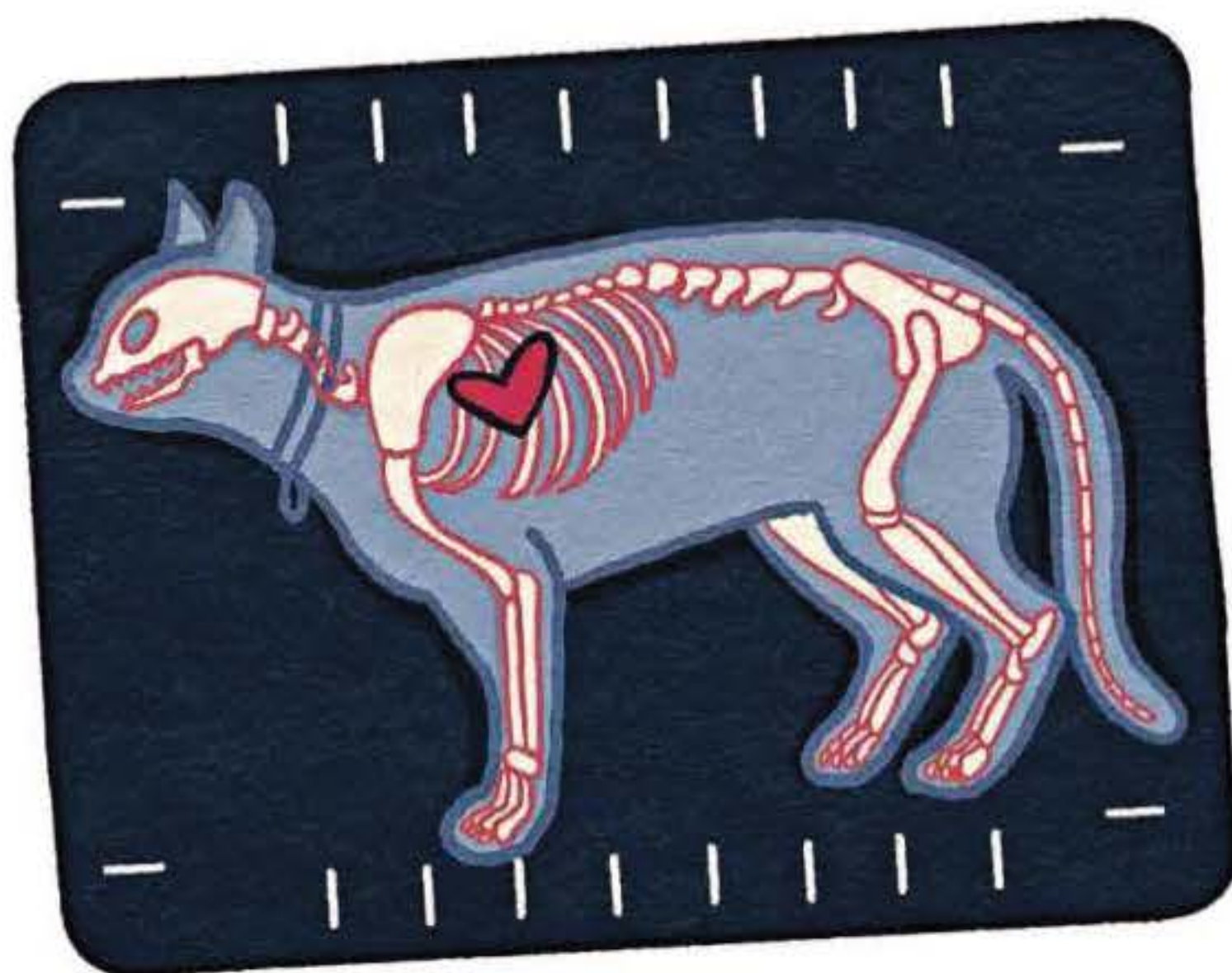
O aluno de Murray, E.R. Dodds (1893-1979) suspeitava de que o surgimento da filosofia grega foi um caso como esse. Começando a corroer o conglomerado herdado do ancestral grego —a religião, a moral, os costumes, as crenças, os sonhos—, a filosofia racionalista grega não conseguiu colocar "nada no lugar".

Em momentos de grandiosidade de uma civilização, seus habitantes podem experimentar a desmedida de crer que podem construir conglomerados herdados ao sabor dos seus gostos. Nestes gostos de hoje estão os delírios de uma espiritualidade de consumo que brinca de remendar o conglomerado antigo-medieval destruído pela experiência moderna.

As sociedades não se constituem a partir de processos de engenharia social. Um conglomerado herdado é uma montanha de camadas que se superpõe em tempo geológico sem que ninguém tenha a capacidade de saber como se deu. Os deuses, os valores, os comportamentos, os afetos vão sendo "criados" ao sabor do acaso histórico das sociedades e em cada época eles parecem ser obviamente coerentes e reais para as pessoas habitantes de cada época.

Não temos a mínima ideia de como chegamos a acreditar no que acreditamos nem valorizar o que valorizamos.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Ilustrações Catarina Pignato

> **A minha percepção é que, na medicina veterinária, a gente carrega o medo da morte que a medicina humana também tem. A ideia de que a morte é um insucesso profissional. [...] Cuidados paliativos abrem uma porta na sua vida que nunca mais se fecha. É uma mudança muito grande de visão**
>
> **Deborah Calgaro**
> veterinária paliativista

# Cuidado paliativo conforta na hora de dizer adeus aos pets

## Especialização da veterinária surgiu em 2018 e dá apoio técnico e emocional

**MORTE SEM TABU**

**Camila Appel**

Minha gata estava com 17 anos quando simplesmente passou a rejeitar comida. É verdade que já estava bem magrinha e um pouco sem jeito na caminhada. Olhava para o adorado tronco, todo arranhado de aventuras anteriores, com total desdém.

A nova gatinha da família rodopiava de um abajur ao outro provocando suspiros impacientes à gata velha, mais a fim de poupar energia do que gastá-la.

Até que um dia me dei conta de que ela não tinha mais interesse pela comida. Nem aquela pasta, cara e fedorenta, a ração úmida, atraía a atenção dela. Ela não tinha uma doença específica que justificasse isso. Eram os anos dando um limite ao corpo. Envelhecimento não é doença, mas é uma condição que também aproxima o fim da vida.

Logo ela passou a rejeitar água. Eu aproximava o potinho, ela virava a cabeça. Os olhos foram afundando, sinal de desidratação.

Um pensamento escorregou em voz alta: ela está morrendo. Meus filhos escutaram e concordaram. Ela se despedia.

E agora? Saio correndo até um hospital veterinário? Eles iriam hidratá-la à força, imediatamente. Soro na veia. Se ela não melhorasse, eutanásia.

Me lembrei dos artigos que escrevi sobre cuidados paliativos, a morte natural, e principalmente da minha própria experiência, acompanhando meu sogro.

E imaginei que se podemos desejar uma morte natural para os humanos, por que não as desejar para os bichanos que nos acompanham?

A questão da hidratação e da alimentação no final da vida é um ponto importante para os paliativistas. Muitos defendem que é mais confortável morrer desidratado.

Por isso o corpo, quando está em processo de desligamento, rejeita água. Os órgãos já não estão mais querendo funcionar e a gente fica entupindo do combustível?

Mas me pergunta se eu deixei de dar água para minha gata? Muito difícil. Coloquei gotas em uma seringa sem agulha e fui tentando dar água como se fosse remédio. Ela me olhou com muita certeza: Camila, me deixe em paz.

Eu entendia que alimentar à força naquele momento não era o melhor a fazer por ela, mas ainda não conseguia agir diferente. Pelo menos, não sem apoio.

Pedi ajuda e descobri que há cuidados paliativos veterinários. Nossa, como fiquei feliz. É super recente, os primeiros cursos de formação são de 2018. Entrei em contato com a veterinária paliativista Deborah Calgaro, do centro de reabilitação veterinária Flor de Lótus.

Ela não podia vir até minha casa imediatamente, mas foi acompanhando por telefone. Eu falei da minha dificuldade em simplesmente aceitar que a gatinha não iria mais comer ou beber.

Deborah disse entender minha aflição, afinal, damos afeto pela comida. Toda vez que colocamos ração e água, estamos entregando afeto. Deixar de dá-lo é angustiante. Só de escutar Deborah falando isso, já me confortou.

Ela também me explicou como funciona o corpo no processo ativo de morte. E que não seria a falta de comida, ou de água, que iria matar minha gatinha. Ela vai morrer porque ela está morrendo. Seu corpo está desligando.

Em uma manhã, Deborah me escreveu: "Bom dia, Camila, como vocês estão hoje?". Eu já tinha falado com vários veterinários por mensagem, e ela foi a única que me incluiu nesse processo de cuidado. O plural, vocês, foi sentido como um abraço. Sorri.

A gatinha parecia querer ficar sozinha em um canto fora da casa. Mas Deborah insistiu: leva-a para seu quarto. Ainda bem, porque foi em um segundo bem distraído meu, que eu a escutei dando o último suspiro.

Deborah iria nos visitar na sexta-feira, às 14h30. Quando deu uma da tarde, minha gata vomitou um líquido verde. Ela respirava e pausava em apneia. Coloquei a mão sobre ela e senti seu coração parar de bater. Falei algumas palavras íntimas demais para serem compartilhadas. Ela se espreguiçou, e morreu. Uma patinha cruzada em cima da outra, como gostava de ficar. Ela ainda deu um último suspiro, depois da pausa, como se estivesse em choque.

Deborah me explicou que é comum o vômito porque o corpo tende a expelir o líquido: é mais confortável desligar desidratado. O choque do corpo é o coração tentando uma última adrenalina para ver se reage. Não reagiu. Foi embora a Tantan.

Meus filhos estavam no último dia de aula antes das férias. Quando os busquei na escola, combinamos um enterro. Eles viram a gatinha sem vida. Achei importante entrarem em contato com a morte concreta. Ver que o corpo fica sem vida. Sentir na ponta dos dedos o que é isso, de forma natural. Não me perguntaram para onde foi Tantan. Eles já sabem que eu não tenho resposta objetiva para isso.

Minha filha, mais nova, tratou-a como se fosse um bicho de pelúcia. Queria dar banho. Em algumas culturas, banhar o corpo morto é um ato de grande valor. Significa honrar aquela pessoa de uma forma profunda. Mas não, não deixei.

Fizemos seu funeral acompanhados de amigos. E, pensando agora... me parece que ela teve uma morte boa. Não parecia estar em sofrimento. Ela estava relaxada, ao meu lado. E foi embora, como o sopro da flor dente-de-leão. O que eu fiz foi não atrapalhar esse processo.

Eu só consegui fazer isso porque encontrei uma veterinária paliativista que me ofereceu suporte de uma forma muito verdadeira. Ela trazia explicações para as dúvidas que eu tinha: o que fazer com a água, como saber se o animal tem dor, o que medicar, ele sente mais frio ou calor? E sentir a legitimação de que quem cuida do outro nesse processo, também precisa de amparo.

Deborah me contou sentir certa frustração durante sua graduação por não ter uma só matéria que falasse sobre a morte. "A minha percepção é que na medicina veterinária, a gente carrega o medo da morte que a medicina humana também tem. A ideia de que a morte é um insucesso profissional. Se o paciente morre, eu estou falhando como profissional", afirma.

"Então, se a morte será um insucesso, eu vou distanciar, forçar a barra do paciente, tentando buscar uma melhora. Ou, se é uma doença difícil e eu sei que esse paciente vai morrer, já vou sugerir a eutanásia. Mas o sofrimento vai existir nos dois caminhos, porque a eutanásia também é uma decisão difícil."

Ela se formou e decidiu trabalhar nas UTIs dos hospitais veterinários para entender melhor esse momento, o da iminência da morte. Quando ficou sabendo do curso de cuidados paliativos, encantou-se totalmente. "Os cuidados paliativos abrem uma porta na sua vida que nunca mais se fecha. É uma mudança muito grande de visão."

Eu contei aqui uma história particular, para no final dizer: quando estiverem acompanhando a morte de alguém, saibam que existe uma área da medicina chamada cuidados paliativos.

Acompanhar uma morte natural, quando possível, é a experiência mais próxima do divino que eu já tive. Não é bonito, não é feliz. É um mergulho nessa profundidade do Cosmos. É sentir o infinito emergindo de um ponto final.

LEIA TAMBÉM

**opinião**

➲ Longa ocupação da Cisjordânia ameaça democracia em Israel *p.2*

**mercado**

➲ Saúde é destaque em bons países para morar após aposentadoria *p.3*

**f5**

➲ Saiba onde rever filmes clássicos de Harrison Ford, 80 *p.4*

O presidente dos EUA, Joe Biden, e o príncipe herdeiro saudita, Mohammed bin Salman, em reunião em Jeddah, na Arábia Saudita Mandel Ngan - 16 jul 22/Reuters

# Longa ocupação da Cisjordânia ameaça a democracia de Israel

## Dominação é como prima feia e moralmente corrosiva do apartheid sul-africano

**OPINIÃO**

**Thomas L. Friedman**
Editorialista de política internacional do New York Times desde 1995, foi ganhador do prêmio Pulitzer em três oportunidades

THE NEW YORK TIMES É ótimo ver o presidente Joe Biden visitando o Oriente Médio. Os Estados Unidos há muito desempenham um papel vital no avanço do processo de paz na região.

Como alguém que acompanha o Oriente Médio há décadas, porém, posso dizer que estou vendo algo novo, tão irônico quanto surpreendente: só a Arábia Saudita e os árabes-israelenses podem salvar Israel como uma democracia judaica hoje — não os EUA.

Isso porque, por diferentes razões, os eleitores árabes-israelenses e a Arábia Saudita têm mais poder do que nunca para forçar os israelenses a escolher: eles podem ter um Estado democrático em Israel e na Cisjordânia, mas com o tempo, com as altas taxas de natalidade árabes, talvez ele não seja judeu.

Eles podem ter um Estado judeu em Israel e na Cisjordânia, mas não será democrático. Ou podem ter um Estado judeu e democrático, mas não poderão ocupar permanentemente a Cisjordânia.

Essas opções existenciais estão com Israel desde 1967, quando capturou a Cisjordânia e Jerusalém Oriental na guerra. Mas Israel tem se recusado cada vez mais a escolher, tanto que em suas últimas quatro eleições em dois anos os partidos políticos de modo geral ignoraram totalmente a "questão palestina".

Não precisa ser assim quando Israel for às urnas pela quinta vez em menos de quatro anos, em 1º de novembro. Enquanto os EUA se cansaram do processo frustrante de persuadir israelenses e palestinos a uma solução de dois Estados, a Arábia Saudita e os árabes-israelenses agora podem ocupar esse papel — e espero que o façam. O futuro de Israel como Estado judeu e democrático pode depender disso.

Qual é a lógica? Começando pelo fato mais óbvio: Israel não será uma democracia viável se mantiver indefinidamente a ocupação da Cisjordânia, com cerca de 2,7 milhões de palestinos.

Essa ocupação envolve estender a lei israelense aos judeus que vivem na Cisjordânia, enquanto governam os palestinos sob um código militar diferente, com direitos e muito reduzidos de possuir terras, construir casas e negócios, comunicar-se, viajar e organizar-se politicamente.

Essa ocupação pode não ser igual à do apartheid sul-africano, mas é uma prima feia e moralmente corrosiva para Israel como uma democracia judaica. Está se tornando tão alienante para os amigos liberais de Israel, incluindo as gerações mais jovens de judeus americanos, que Biden poderá ser o último presidente americano democrata pró-Israel.

Com certeza, Israel sozinho não é responsável por esse impasse, e progressistas e propagandistas palestinos que vendem essa ideia nos campi universitários estão sendo desonestos.

A segunda revolta palestina, em 2000, fez muito para destruir a credibilidade do campo de paz israelense. Essa revolta desencadeou uma onda de atentados suicidas contra judeus israelenses, logo após o premiê Ehud Barak e o presidente Bill Clinton terem feito propostas de paz a Yasser Arafat para estabelecer um Estado palestino desmilitarizado na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental — que Arafat rejeitou. Repetidos ataques com foguetes do Hamas, partindo de Gaza, apenas agravaram a insegurança israelense.

Porém, muitos apoiadores de Israel nos EUA ficaram calados durante os 12 anos de Binyamin Netanyahu. Ele fez tudo o que pôde para desacreditar a Autoridade Palestina como um parceiro na paz — nunca dando crédito por seus esforços para conter a violência palestina contra israelenses e trabalhando para tornar impossível uma realidade de dois Estados ao instalar colonos judeus nas profundezas da Cisjordânia, além do muro de contenção israelense, em áreas necessárias para um futuro Estado palestino.

Os palestinos, por sua vez, deram um tiro no pé ao se dividirem — a Autoridade Palestina na Cisjordânia e o grupo fundamentalista islâmico Hamas em Gaza — e expurgarem o primeiro-ministro da Autoridade Palestina mais eficaz, honesto e confiável de todos os tempos, Salam Fayyad, que atuou de 2007 a 2013.

Some tudo isso e verá por que as eleições israelenses mais recentes ignoraram a ameaça existencial colocada ao Estado judeu por sua contínua ocupação da Cisjordânia. E não admira que os EUA tenham recuado do envolvimento ativo na área — até que Donald Trump deu a seu genro, Jared Kushner, carta branca para apresentar seu plano.

É uma longa história, mas o resumo é que tanto Netanyahu quanto os palestinos rejeitaram a proposta de Kushner de uma solução de dois Estados. No entanto, em vez de permitir que tudo desmorone, o xeque dos Emirados Árabes Unidos, Mohammed bin Zayed, inspirado por seu embaixador nos EUA, Yousef al-Otaiba, propôs paz, comércio e turismo totais com Israel se os israelenses concordassem em não anexar unilateralmente o território na Cisjordânia atribuído a Israel no plano Trump.

E assim nasceram os Acordos de Abraão, nos quais Emirados, Bahrein, Marrocos e Sudão abriram relações diplomáticas com Israel.

O que me leva aos sauditas. Para Israel, a paz com Riad é o grande prêmio. Abre a porta para a paz com todo o mundo muçulmano sunita e acesso a um imenso reservatório de capital de investimento.

Mas autoridades sauditas me disseram que seu apoio não será barato. O enfermo monarca saudita, o rei Salman, sempre teve uma profunda ligação emocional com a causa palestina.

**[...]**

**[A ocupação da Cisjordânia] está se tornando tão alienante para os amigos liberais de Israel, incluindo as gerações mais jovens de judeus americanos, que Biden poderá ser o último presidente americano democrata pró-Israel**

E seu filho e governante de fato, o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, também conhecido como MbS, sabe que, se a Arábia Saudita forjar uma paz com Israel por baixo custo, o Irã, arqui-inimigo, a usará para lançar uma jihad de propaganda contra a Arábia Saudita em todo o mundo muçulmano.

Apesar dessas armadilhas potenciais, Israel e Arábia Saudita têm discutido secretamente os termos para normalizar as relações. Suspeito que os sauditas vão querer que esse momento de virada de jogo se desdobre em duas etapas.

Dennis Ross, ex-enviado dos EUA para o Oriente Médio, me disse que, para começar, os sauditas poderiam se oferecer para abrir um escritório comercial em Tel Aviv, que tanto serviria aos interesses econômicos quanto "seria um grande passo psicológico em direção a Israel".

Em troca, os sauditas poderiam exigir que Israel suspenda todas as construções de assentamentos a leste da barreira de segurança israelense na Cisjordânia e aceite que o plano de paz árabe para uma solução de dois Estados seja a base das negociações com os palestinos. Tal compromisso significaria que os israelenses não construiriam mais "em 92% da Cisjordânia, preservando dois estados como opção", disse Ross, observando que hoje cerca de 80% dos colonos israelenses vivem a oeste da barreira.

A segunda etapa viria com o fim da ocupação israelense e um acordo de paz com os palestinos: os sauditas poderiam prometer abrir uma embaixada para Israel em Tel Aviv e uma embaixada para os palestinos em Ramallah, na Cisjordânia — ou uma para Israel em Jerusalém Ocidental e uma para os palestinos em Jerusalém Oriental, árabe.

Seria a escolha de Israel, mas teriam que ser embaixadas para ambos. Israel também teria que se comprometer a preservar o status quo no Monte do Templo em Jerusalém, que é sagrado para todos os muçulmanos.

Eu não esperaria que Israel aceitasse qualquer uma dessas propostas, especialmente considerando seu atual governo interino. Mas posso garantir 100% que, se os sauditas as tornassem públicas, eles teriam um papel central na eleição de 1º de novembro em Israel e ajudariam a provocar o tipo de debates necessários para preservar Israel como Estado democrático.

É aí que entram os árabes-israelenses: esse impulso da Arábia Saudita poderia ser reforçado por eles nas eleições. Aqui está uma matemática eleitoral israelense simples: nem a coalizão de centro-esquerda nem a coalizão nacionalista religiosa de direita tem votos suficientes para criar uma maioria governante estável agora. É por isso que Israel continua tendo eleições.

Como resultado, os árabes-israelenses, que representam 21% da população e geralmente ganham cerca de 12 cadeiras no Knesset, substituíram os partidos religiosos judaicos ortodoxos de Israel como o bloco de votação oscilante. O último primeiro-ministro de Israel, Naftali Bennett, só conseguiu formar uma estreita coalizão com o recrutamento do partido religioso árabe israelense Raam.

Se cada partido árabe-israelense declarasse que só entraria em um governo liderado por judeus que concordasse em negociar com os palestinos com base nas propostas sauditas, novamente garanto que a ocupação israelense da Cisjordânia estaria no centro das próximas eleições.

E é por isso que eu defendo que apenas a Arábia Saudita e os árabes-israelenses podem salvar Israel como uma democracia judaica.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

# Ranking indica melhores países para morar após a aposentadoria

América Latina se destaca na lista, que considera investimento na saúde um dos principais pontos positivos

**MERCADO**

SÃO PAULO Países da América Latina como Colômbia, Equador e Uruguai estão entre os dez melhores destinos para viver após a aposentadoria, segundo o Índice Global Anual de Aposentadoria de 2022, feito pela revista norte-americana Internacional Living.

O ranking é realizado há 30 anos com base em informações de centenas de colaboradores em todo o mundo, que vivem nos locais. A lista tem 25 nações. Entre os dez primeiros nomes estão seis países da América Latina.

Para fazer o ranking são levadas em conta informações como habitação, benefícios e descontos, vistos e residência, acolhimento e entretenimento, desenvolvimento, clima, assistência médica, governança, oportunidade e custo de vida.

Na avaliação de Tonia Galleti, coordenadora do departamento jurídico do Sindnapi (Sindicato Nacional dos Aposentados), dentre os principais pontos apontados como positivos pelos colaboradores do índice está a saúde, que passa a ser um motivo de atenção maior para os mais velhos, e é falha no Brasil.

"Embora o Brasil tenha uma saúde universal e, portanto, de acesso a qualquer cidadão, ela é muito falha nas necessidades da população idosa. A nossa proporção de investimento na saúde em razão do número da população é infinitamente menor do que todos esses países e mais alguns que passam na nossa frente."

Tailândia, Irlanda, Peru, Camboja, Malásia, Bali, Sri Lanka, Vietnã, Itália, Belize, Roatan, República Dominicana, Croácia, Bolívia e Nicarágua são os outros 15 países que compõem a lista.

*

**Panamá**

Localizado no Caribe, o Panamá tem clima agradável e está próximo de alguns dos principais destinos na América do Norte, como Miami, nos Estados Unidos, e Canadá, conforme aponta depoimento de colaboradores. Além disso, a facilidade em viajar pelo país, a hospitalidade dos panamenhos e a qualidade de vida, aliada à saúde, coloca-o no topo da lista mais de uma vez.

**Costa Rica**

Clima tropical, moradores amigáveis, cuidados médicos acessíveis, boas opções imobiliárias e beleza natural fazem a Costa Rica ser o segundo melhor país do ranking.

Segundo os colaboradores, o local destaca-se também pela estabilidade da democracia e pela qualidade de vida. O custo de vida para um casal é de 2.500 dólares, o que dá, hoje, mais de R$ 13 mil, valor acima do teto do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), de R$ 7.087,22 em 2022.

**México**

Tem hoje um milhão de norte-americanos e quase um milhão de canadenses na faixa dos 50 e 60 anos. Os destaques do país são proximidade com América do Norte, clima, acesso à saúde, internet de alta qualidade, boas rodovias e bons serviços de água e luz.

Pode-se viver bem no país com cerca de 2.000 dólares por mês, o que dá aproximadamente R$ 10.780 hoje.

**Portugal**

Tem se tornado um dos melhores lugares para aposentados no mundo, figurando na lista há alguns anos. Na última década, o país tem atraído alto número de brasileiros, mas o custo de vida atual pode assustar.

Entre os destaques estão a hospitalidade e as boas cidades para se viver de norte a sul do país. Além disso, há incentivos para estrangeiros, como aulas gratuitas de língua portuguesa nas escolas.

**Colômbia**

É um dos destinos preferidos para a aposentadoria pelo clima agradável, mar do Caribe, proximidade com Estados Unidos e Canadá e baixo custo de vida.

A saúde é destaque. A OMS (Organização Mundial da Saúde) classifica o sistema colombiano como o número 22 de 191 países analisados, à frente do Canadá, que ocupa a 30ª posição, e dos EUA, na 37ª. O país tem a segunda maior biodiversidade do mundo e aceita como moradores aposentados com renda a partir de 750 dólares, o que dá R$ 4.042,50.

**Equador**

Está entre os dez principais destinos há alguns anos. Dentre os motivos estão clima tropical, natureza exuberante, proximidade com os Andes e variedade nas opções de turismo. Um dos pontos mais altos é o custo de vida, entre 1.500 e 1.825 dólares por mês (algo entre R$ 8.085 e R$ 9.836,75).

**França**

Compartilha fronteiras com 11 países e, por isso, é conhecida por sua diversidade. Quem mora no local destaca cultura, belas paisagens naturais e boa gastronomia como pontos principais para aposentados. O acesso ao sistema de saúde também é destaque. Para quem sai dos Estados Unidos, há ainda a vantagem de que o custo de vida é 34% menor.

**Malta**

É um país composto por cinco ilhas, três delas habitadas, no sul da Itália, em pleno Mar Mediterrâneo. A população é de 500 mil habitantes e 15% deles são estrangeiros.

O local existe há mais de 5 milhões de anos e tem peculiaridades da Europa ocidental com toques da Arábia. Os altos custos de comida e habitação são compensados pelo baixo valor do transporte.

**Espanha**

Tem mais de 300 dias de sol e um extenso litoral. O país oferece excelente assistência médica, boa infraestrutura e alto nível de segurança pessoal, segundo relatos dos colaboradores do ranking. Outro destaque é o acesso à dieta mediterrânea, com frutas e vegetais abundantes, além de peixes na alimentação.

**Uruguai**

As quatro estações do ano são bem definidas. Quem mora no local considera-o um dos mais democráticos da América Latina. Todos os trabalhadores têm direito a carteira assinada, férias remuneradas e assistência médica.

Panama City Florida turismo

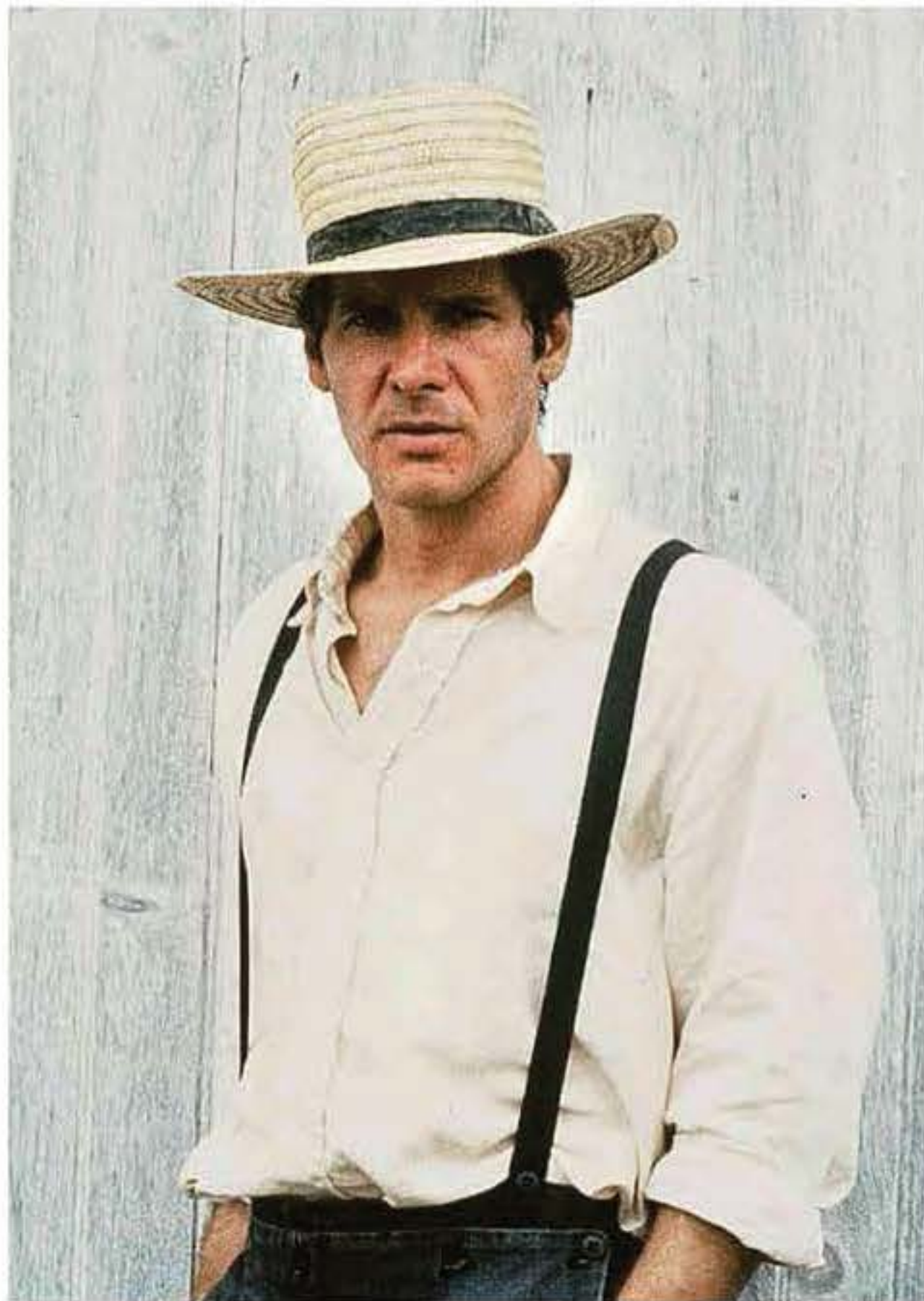
Luis Acosta/AFP

Nicolas Celaya/Xinhua

Fredy Builes/Reuters

**1** Praia Jacó, no Panamá; qualidade de vida e belezas naturais põem país no topo da lista **2** Pôr do sol na Costa Rica, elogiada pela democracia **3** Píer em Montevidéu; Uruguai garante boa assistência médica **4** Quadra colonial em Bogotá, na Colômbia; OMS elogia sistema nacional de saúde

**10 PAÍSES PARA MORAR APÓS SE APOSENTAR**

1. Panamá
2. Costa Rica
3. México
4. Portugal
5. Colômbia
6. Equador
7. França
8. Malta
9. Espanha
10. Uruguai

Harrison Ford (esq.) como o policial escondido na comunidade amish de 'A Testemunha' (1985), de Peter Weir; acima, como Rick Deckard, também policial no futurista "Blade Runner - O Caçador de Andróides", que Ridley Scott dirigiu em 1982 Fotos Divulgação

# Descubra onde rever os filmes clássicos de Harrison Ford, 80

Ator, que completou oito décadas neste mês, é a cara da saga 'Star Wars', mas aparece até no cult 'Apocalipse Now'

BAÚ DO CINEMA

Hanuska Bertoia

Harrison Ford está no seleto grupo de estrelas de Hollywood que têm no currículo filmes ao mesmo tempo campeões de bilheteria e aclamados pela crítica. A saga Star Wars e a franquia Indiana Jones são exemplos disso.

O ator completou 80 anos no último dia 13, e para comemorar confira outros trabalhos do astro. A disponibilidade e os preços foram pesquisados no último dia 13.

*

**As versões de Blade Runner**
Um dos grandes personagens do ator. Ford é Deckard, o caçador de androides, neste noir futurista dirigido por Ridley Scott. Em uma Los Angeles de neon, sob chuva incessante, ele é contratado para encontrar um grupo de replicantes que se insurge contra os humanos. No caminho, surge a dúvida: o próprio Deckard não seria um replicante?

O longa teve vários cortes desde seu lançamento, em 1982. O primeiro, rejeitado por Scott, seguiu as ordens da Warner, que exigiu um final feliz. Dez anos depois, diante do sucesso, o estúdio relançou o filme, e Scott pôde fazer uma nova edição, eliminando o final feliz e a narração em off. Mas a versão definitiva do filme, mais próxima do idealizado originalmente por Scott, só foi possível com mais recursos, em 2007.

Versão dos cinemas em 1982: HBO Max e NOW: para assinantes; Apple TV: R$ 7,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra); Amazon: R$ 7,90 (aluguel); Google Play: R$ 7,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra); Microsoft Store: R$ 5,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra)

**Blade Runner, Director's Cut (1992)**
Apple TV: R$ 7,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra).

**Blade Runner, Final Cut (2007)**
HBO Max: para assinantes; Apple TV: R$ 7,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra); Amazon: R$ 3,90 (aluguel); Google Play: R$ 7,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra); Microsoft Store: R$ 5,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra)

**A Testemunha (1985)**
Mais um sucesso de Ford nos anos 1980, dirigido por Peter Weir ('Sociedade dos Poetas Mortos' e 'O Show de Truman'). O ator vive o detetive John Book, convocado para proteger o garoto Samuel (Luka Hass), testemunha de um assassinato.

O menino vive com a mãe em uma comunidade amish, grupo ultraconservador que tem um estilo de vida que rejeita a modernidade. O policial se infiltra no grupo e se apaixona pela mãe de Samuel, Rachel (Kelly McGillis).

Microsoft Store: R$ 5,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra); Claro Video: R$ 6,90 (aluguel)

**Busca Frenética (1988)**
Neste suspense, foi dirigido por Roman Polanski. O astro interpreta o médico Richard Walker, que está em viagem com a mulher, Betty, a Paris.

Na primeira noite na cidade, ao sair do banho, vê que ela desapareceu e parte em buscas de pistas que expliquem o sumiço. Nesta jornada, vai ao submundo da Cidade Luz, e encontra assassinos, gângsters e traficantes de drogas.

HBO Max: para assinantes; Apple TV: R$ 7,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra)

**O Fugitivo (1993)**
A fórmula é mais do que batida no cinema: acusado de um crime corre contra o tempo, sozinho, para provar sua inocência. Mas alguns filmes acertam a receita e se tornam um bom entretenimento. É o caso desta versão do seriado dos anos 1960 de mesmo nome. Na trama, Ford é o médico Richard Kimble, acusado de assassinar sua mulher. Condenado, ele consegue fugir da prisão e parte em busca do verdadeiro criminoso. Tudo isso com o policial Samuel Gerard (Tommy Lee Jones) em seu encalço.

HBO Max: para assinantes; Apple TV: R$ 7,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra); Amazon: R$ 7,90 (aluguel); Google Play: R$ 7,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra)

**Apocalipse Now, Final Cut (2019)**
A participação de Ford no clássico do diretor Francis Ford Coppola nem sempre é lembrada, em um filme que tem um Marlon Brando espetacular. No longa, Ford interpreta o jovem coronel Lucas, um dos responsáveis por dar a Willard (Martin Sheen) a missão de ir atrás do militar Kurtz (Brando) na floresta vietnamita.

Apple TV: R$ 14,90 (aluguel) e R$ 39,90 (compra); Microsoft Store: R$ 3,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra); Google Play: R$ 6,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra)

**[...]**

**Harrison Ford está no seleto grupo de estrelas de Hollywood que têm no currículo filmes ao mesmo tempo campeões de bilheteria e aclamados pela crítica**

# Em 'A Fera do Mar', garota quebra ciclo de violência e vira heroína

FS

Vitor Moreno

SÃO PAULO A fauna marinha ganha um toque de fantasia na animação "A Fera do Mar", já disponível no catálogo da Netflix. No filme, criaturas assustadoras não dão trégua para os humanos: afundam navios, aterrorizam tripulações e engolem —literalmente— quem tenta detê-las.

Mas a garotinha Maisie Brumble não tem medo desses monstros, que ela só conhece por livro. A órfã sonha em seguir os passos dos pais, que eram caçadores, e embarca clandestinamente no navio do Capitão Corvo na intenção de ajudar Jacob Holland, um dos maiores heróis de seu tempo, a derrotá-los.

Na trama, é ela quem primeiro percebe que, talvez, essas criaturas não sejam tão terríveis assim. E faz de tudo para que os demais percebam isso. "O filme fala principalmente de quebrar um ciclo de agressão e vingança", explica o diretor Chris Williams. "Como aprender a perdoar e seguir em frente depois de odiar o outro? Se eu tivesse que resumir tudo em um só tema, seria esse."

"Todos os personagens têm uma relação com essa ideia", afirma. "Jacob Holland e o Capitão Corvo participavam desse ciclo de agressão e violência, bem como os monstros marinhos. Isso realmente faz parte das experiências grandiosas que eles tiveram ao longo da vida, então é preciso uma personagem como a Maisie Brumble para ajudá-los a mudar esse jeito arraigado de pensar."

Williams, que recebeu um Oscar de animação por "Operação Big Hero" (2014) e também esteve à frente de sucessos como "Moana – Um Mar de Aventuras" (2016) e "Bolt – Supercão" (2008), dirigiu, produziu e roteirizou o filme para a Netflix. Ele diz que tentou criar um universo próprio em que a trama pudesse se desenvolver.

"Uma das coisas que mais me empolgou foi tentar fazer algo que desse a sensação de amplitude, pois adoro filmes que oferecem a sensação de que há um mundo além da cena que você está assistindo", conta.

A trama se passa em um passado imaginário —segundo ele por volta do século 18— quando os caçadores que cruzam os mares em navios com estética pirata estão em baixa. Considerados obsoletos, eles estão prestes a ser substituídos por navios mais modernos, então querem provar que ainda conseguem capturar as feras subaquáticas.

Para criar barcos realistas, ele contou com uma ampla pesquisa sobre as embarcações daquele período. "Nós sabíamos que o filme seria ambientado em um mundo fantástico, mas bem parecido com o nosso", diz. "Então nós queríamos entender aquela época, especificamente o mundo dos grandes navios a vela."

**A Fera Do Mar**
Dir.: Chris Williams. Com Zaris-Angel Hator, Karl Urban, Jared Harris, Marianne Jean-Baptiste e Dan Stevens. Livre. Disponível na Netflix

A protagonista Maisie Brumble alimenta filhote de monstro em 'A Fera do Mar', animação da Netflix dirigida por Chris Williams Divulgação/Netflix